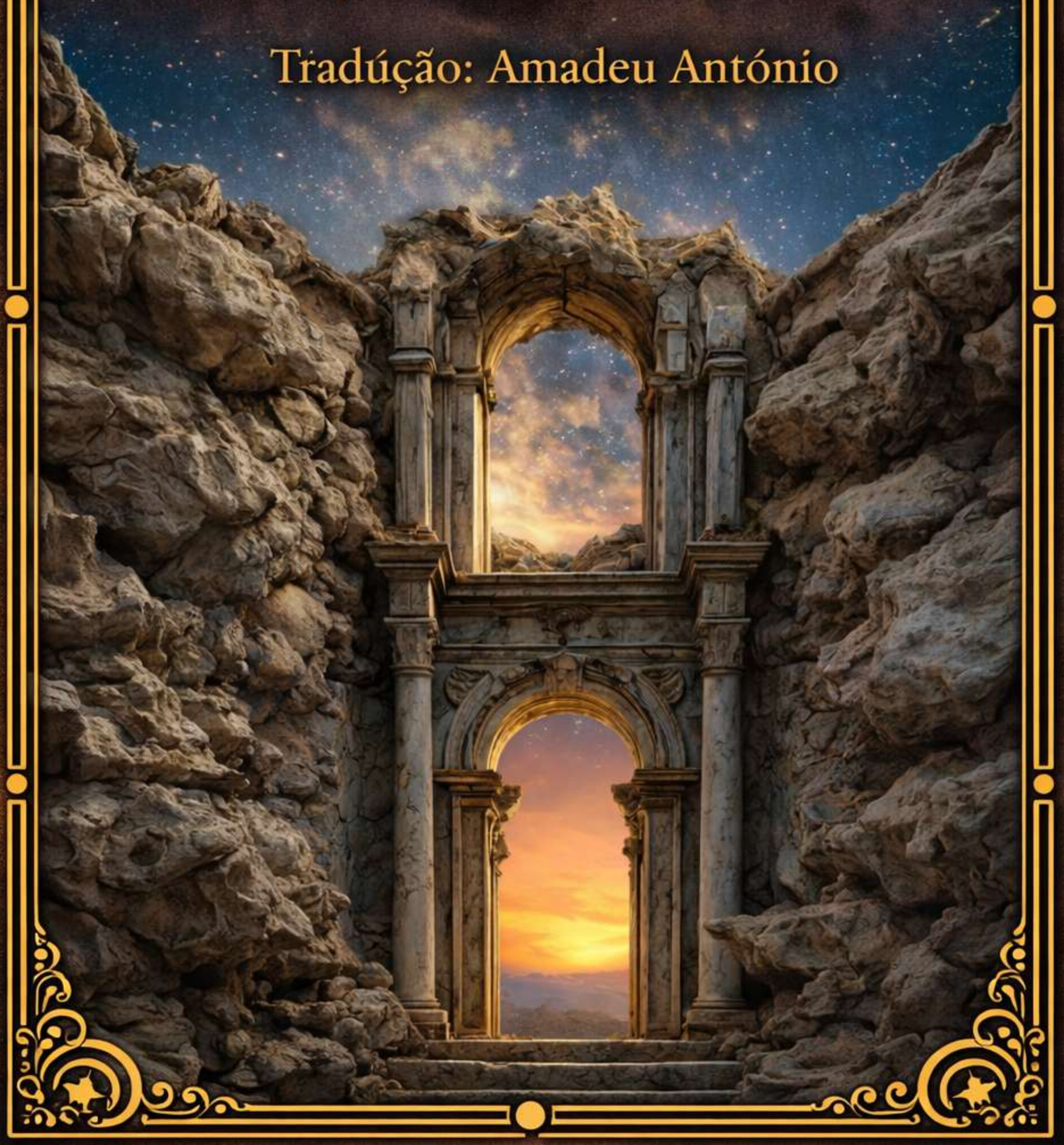
A JORNADA DO CORAÇÃO:

NOVAS PROFUNDEZAS PARA RÉLAÇÕÉS MAÍS AMOROSAS

Tradúção: Amadeu António



ABRINDO A PORTA MÁGICA: A JORNADA DO CORAÇÃO: NOVAS PROFUNDEZAS PARA RELAÇÕES MAIS AMOROSAS 9381

INTRODUÇÃO

Muito bem, muito bem, ora então, vejamos quem se reuniu aqui, sim, certamente, muito bem. É um prazer estar aqui, e estar aqui convosco, e ainda assim, mesmo quando dizemos e falamos de prazer, a própria palavra, prazer, parece uma expressão insuficiente do fluxo de pensamento e do fluxo de sentimento que temos quando estamos convosco, quando nos reunimos convosco. É uma alegria estar aqui convosco.

É uma alegria ter esta oportunidade, esta ocasião de explorar, de trabalhar e de amar convosco enquanto vivemos, e no entanto a palavra alegria parece uma palavra tão pequena, carregada com uma responsabilidade tão pesada de transmitir aquilo que sentimos quando nos reunimos, vós e nós quando nos reunimos, e quando nos reunimos nestes dias de dezembro para embarcar nesse estar juntos, nesse explorar, trabalhar e amar juntos, nesse estar a explorar, trabalhar e amar que pode marcar e medir estes dois dias de dezembro. Uma expressão, uma palavra que parece insuficiente, e outra que parece pequena demais. Bem-vindos, com prazer, com alegria, bem-vindos.

Jornada do coração, é assim que lhe chamamos, e esta expressão também parece uma forma insuficiente de exprimir o poder, a paixão, o potencial que estão contidos nesta exploração. Jornada do coração, é assim que lhe chamamos, e a própria expressão parece tão pequena. Parece demasiado comum para transmitir a majestade e a magnificência de uma jornada tantas vezes procurada, mas raramente encontrada.

Uma jornada que muitas vezes se perde entre as muitas jornadas do que outrora foi a vossa jornada de regresso a casa, de separação, de desfazer o esquecimento, que agora, ao dobrarem a curva, se tornou a jornada de voltar a casa, de recordar e reunir. Jornada do coração, e no entanto é precisamente esta jornada que guarda segredos tão maravilhosos, esta jornada cuja expressão parece demasiado comum para transmitir tudo o que ela é, esta expressão que parece insuficiente, e ainda assim é precisamente a jornada do coração que guarda os segredos, tantos segredos belos e maravilhosos que podem impulsionar as vossas criações e manifestações de realidade, que podem elevar o vosso sucesso, a vossa felicidade e a vossa alegria a novos níveis, a novas alturas e novas profundezas, e que podem restaurar e gerar novas profundezas, podem restaurar profundidade e gerar novas profundezas de relações amorosas. E é essa jornada que parece inadequada na sua expressão, que parece

pequena demais, comum demais na sua formulação, é essa jornada do coração na qual, juntos, embarcamos nestes dois dias de dezembro, no fecho do ano da maravilha, mesmo antes da abertura de um ano de empoderamento.

Dissemo-lo ontem à noite: cada ação, por mais simples, por mais complexa, por maior ou menor que seja, cada ação é um reflexo e uma expressão da vossa busca por amor no labirinto da experiência da vida, nas alturas e nas profundezas de cada sucesso, nas alturas e nas profundezas de cada fracasso, no insosso e no banal de cada mediocridade. A vossa alma, o vosso espírito, a vossa mente, o vosso coração, a vossa mente, trabalham para os guiar, para os ajudar; trabalham para os guiar e ajudar a encontrar o amor, a compreender o amor.

E a descobrir o significado, a importância, o valor, e a dar àquilo que encontrais do amor um novo significado, um significado diferente, o vosso significado, a vossa importância e o vosso valor. E com o amor que encontrais, com o amor que compreendeis, com o significado, com a importância, com o valor que tanto encontrais como dais ao amor, abrir o amor, abrir o amor com os seus sonhos e as suas visões, com as suas magias, no plural, com as suas magias e os seus milagres, abrir o amor com o seu chamamento à aventura, à aventura de descobrir o eu, à aventura de vos tornardes mais conscientes da realidade que criais, à aventura que pode tornar-se grande e pode tornar-se grandiosa, o chamamento à aventura para além do que podeis conscientemente criar. E no meio de tudo isto está o chamamento: vinde para casa.

O vosso labirinto da experiência da vida é o campo de jogo, o vosso campo de jogo, da vossa espiritualidade, da vossa jornada espiritual, esse termo ubíquo, esse conceito abrangente e em parte totalizante de uma jornada espiritual, que é afinal aquilo de que trata o labirinto da experiência da vida. Cada ação, sim, um reflexo e uma expressão da vossa busca por amor; cada ação usada pela vossa alma e pelo vosso espírito, usada pelo vosso coração e pela vossa mente para vos ensinar sobre o amor, para que o possais encontrar, para que o possais compreender, para que lhe possais dar valor, significado e importância.

Mas cada ato, cada acontecimento na vossa realidade, é também o campo de jogo da grande jornada, a vossa jornada espiritual com o seu desafio, com os seus vários desafios. E vós sabeis da vossa jornada espiritual, sabeis do seu chamamento, e sabeis dos seus desafios: desenvolver, sim, desenvolver uma relação amorosa e uma parceria com Deus, Deusa, tudo o que é, e com tudo o que está entre vós e aquilo que é Deus, Deusa, tudo o que é — o vosso eu superior, a vossa alma, o vosso espírito, os gigantes, o ser-Deus que sois.

Desenvolver uma relação, não uma relação qualquer, mas uma relação muito específica, uma relação amorosa, uma relação em que dais a Deus, Deusa, tudo o que é, em que respondeis, respeitais e conheceis, em que desenvolveis intimidade e compromisso e um nível de cuidado para com Deus, Deusa, tudo o que é, de modo a proporcionar, a produzir, a gerar prazer, a agradar, a gerar segurança.

Deus, Deusa e tudo o que é precisam de se sentir seguros? São inseguros? Não. Mas ainda assim, a oportunidade de dar, de responder, de respeitar, de conhecer, e assim dar segurança, oferecer vulnerabilidade e honestidade, oferecer confiança — eles são dignos da vossa confiança. Sois vós dignos da deles? Uma relação em que o medo da perda é reduzido — o medo deles de vos perderem, é real? Poderiam eles sequer? Claramente que não. Mas ainda assim, funcionar de tal forma que, se tivessem medo de vos perder, esse medo seria reduzido. É uma dádiva grande e gloriosa que eles vos concedem: permitir-vos a oportunidade de reduzir o medo da perda.

Pois embora nunca vos possam perder, vós podeis perder-vos neles — para produzir esse sentido de amor e cuidado, para produzir esse sentido de ser conhecido. Uma relação amorosa em que vos alegrais na presença, em que experimentais o valor, e em que permitis a liberdade de Deus, Deusa, tudo o que é — em que permitis a liberdade.

Tantas vezes falámos disto, da definição do que é o amor, há décadas já, e tendes trabalhado com isso para aplicar uns aos outros, para aplicar nas relações com outros seres humanos, talvez até com a alma e o espírito, com o eu superior. Mas para com Deus, Deusa, tudo o que é, parar e pensar no que significa ter uma relação amorosa em que sois vós a dar, a responder e a respeitar, em que sois vós a conhecer, e assim a proporcionar segurança, prazer, vulnerabilidade e confiança, e assim a alegrar-vos na presença deles, na sua bondade, verdade e pureza, permitindo que Deus, Deusa, tudo o que é, sejam livres, determinados.

Como poderiam impedi-los? Insistindo que a Deusa seja a bisavó que nunca tivestes, a velhinha doce de faces rosadas que desejáveis que a vossa avó fosse, ou talvez que fosse. Insistindo que ela seja a Grande-Mãe, e nada mais, a voluptuosa que vos segura e embala no seu seio, não lhe permitindo outra face, outra expressão, outro modo de ser — é assim que negais liberdade.

E o vosso desafio espiritual é desenvolver uma relação amorosa e uma parceria — mais do que simples relação, uma parceria, uma cocriação — não

como iguais, mas como desiguais, se quiserdes, nas vossas capacidades de cocriar, para criar uma parceria.

E onde começa o desafio da vossa espiritualidade, já falámos disso muitas vezes: procurar a verdade mais elevada; outro desafio da vossa espiritualidade, honrar a tradição — a vossa tradição, metafísicos; a vossa tradição, magos — e a vossa herança, a vossa herança espiritual; e procurar sempre mais amor, mais intimidade, mais cuidado, maior amor, maior intimidade, maior cuidado; honrar a dignidade, o caráter, a vitalidade, a visão, em vós e nos outros; honrar a dignidade deles, o caráter deles, a visão deles, a vitalidade deles; procurar liberdade e autodeterminação.

E os desafios da vossa espiritualidade culminam em desenvolver uma relação amorosa convosco próprios — convosco, com s pequeno e com S grande — uma relação amorosa e uma parceria. E vós sabeis da vossa jornada espiritual.

E toda a gente está numa jornada espiritual. Nem sempre é uma relação amorosa, mas toda a gente tem uma relação com Deus, Deus é tudo o que é.

Pode ainda não ser amorosa, mas toda a gente tem essa relação. Toda a gente está num caminho espiritual. Vós, entre todos, dentro da vossa jornada espiritual, escolhestes um caminho particular chamado o caminho da metafísica, entre os muitos, muitos, muitos caminhos de regresso a casa.

Escolhestes um caminho muito amplo, uma espiritualidade, uma jornada espiritual num caminho de metafísica. E nesse caminho metafísico, selecionastes uma jornada única, uma jornada de uma nova metafísica, para encontrar fundando uma nova espiritualidade.

Escolhestes esse caminho amplo entre muitos caminhos, esse caminho amplo da metafísica, e dentro dele o caminho mais estreito de uma nova metafísica para encontrar fundando uma nova espiritualidade.

Porque sois cartógrafos, porque sois sonhadores ou tecelões de sonhos, porque sois criadores de visão, criadores de realidade, porque sois magos, criadores de milagres, obreiros de milagres, estais aqui a acrescentar ao vosso desafio espiritual o destino de criar um novo mundo.

Não acontece muitas vezes nas vidas a que chamais passadas, nem mesmo nas que chamais futuras, nem mesmo naquelas vidas que já estão colocadas nesse novo mundo — vidas futuras que ainda não experimentastes conscientemente.

Cartógrafos, certamente. Sonhadores, tecelões de sonhos, claro. Criadores de visão, criadores de realidade, magos, criadores de milagres, obreiros de milagres. Mas acrescentado a este desafio espiritual, neste campo de jogo, neste labirinto da experiência da vida, ser a parteira, dar à luz um novo mundo. Faz parte do vosso destino, e ouvistes o chamamento: vinde para casa.

Ouvistes o chamamento para recordar e reunir. Ouvistes o chamamento. É a vossa incumbência criar um novo mundo e um eu que possa prosperar nele.

Esta é a vossa jornada espiritual com o seu desafio. E no meio dela, muitas jornadas: a jornada da alma, a jornada do espírito, a jornada da mente, e a jornada do coração. Entre elas, a mais profunda.

E vós sabeis da jornada da vossa alma. Muitos de vós trabalharam connosco; outros trabalharam à sua maneira. E sabeis da jornada da vossa alma. Sabeis das suas muitas faces. Sabeis do seu todo personificado. Ou sabeis dele — ainda a aprender, ainda a expandir, sempre mais a saber, sempre em mudança, nunca terminado. Mas conheceis as faces, conheceis do todo personificado.

Estais conscientes e tendes conhecimento da jornada da vossa alma. "Eu sou o nome", fala a alma. E no nomear, as primeiras pistas do vosso destino, as primeiras insinuações, as sementes do destino, plantadas no solo fértil deste labirinto, desta trama, que se tornam as vossas experiências de vida.

"Eu sou o poder", fala a alma, da vossa força, do vosso poder, do vosso talento. Também plantando sementes que podem germinar, enraizar e crescer.

"Eu sou a juventude eterna", fala a alma, para acender uma chama eterna de paixão, para despertar a vossa paixão pela vida, para despertar as vossas paixões na vida — o primeiro beijo da musa, o primeiro beijo da inspiração.

"E eu sou a ferida", fala a alma, para apagar essa primeira ignição e trazer-vos responsabilidade; para vos separar, não apenas como fostes separados fisicamente, emocionalmente, mentalmente, da mãe, do mundo, mas para vos separar da vossa alma, para que possais responder, regressar à vossa promessa, para que possais aprender a responsabilidade.

Assim fala a alma: "Eu sou a ferida". E "eu sou a sombra", diz a vossa alma, o manto, o lugar e o espaço onde desenvolver mestria e arte na própria vida.

"E eu sou o duplo", a oportunidade de reconhecimento e de realização, no seu máximo, no seu completo, a oportunidade de vos tornardes sábios.

"E eu sou o que permanece", que nunca abandona, que nunca deixa.

"E eu sou o guardião do novo nome", sim.

Estais familiarizados e sabeis da jornada da alma, com as suas muitas faces, com o seu todo personificado.

E a jornada do espírito, também dela sabeis. Dela estais sempre a aprender e a expandir, mas dela também sabeis.

Sabeis daquela luz perdida, daquele sopro. Sabeis daquele sopro e daquela luz da própria vida, daquele sopro e luz da aspiração de viver esta vida plenamente, ricamente, com elegância, com brio, com aprumo.

Sabeis desse sopro e dessa luz que podem reavivar as brasas da paixão, reacendendo-as, que podem pôr a vossa alma em ação no campo de jogo que é o vosso labirinto, o campo de jogo que é a vossa realidade.

Esse sopro, essa luz, que podem transformar intenção inconsciente em atos conscientes de criação.

E esse sopro e essa luz de liberdade que podem trazer a pureza da vontade, a pureza da ação, a pureza da compreensão e do significado.

Vós conheceis a jornada da vossa alma e a jornada do vosso espírito. E também conheceis a jornada da mente. Não o cérebro — o cérebro, essa ilusão holográfica, muitas vezes associada, muitas vezes ligada, sim — mas que não é a mente.

Tal como a jornada da alma, tal como a jornada do espírito, também estais conscientes — e cada vez mais conscientes — da jornada da mente. Pois é uma jornada de consciência, não apenas de pensamento, não apenas de lógica e razão, não apenas de busca académica. A jornada da mente é uma jornada de consciência. É uma jornada de um eu-self e de um eu-ego, separados, únicos, e no entanto indivisíveis.

Um eu-self e um eu-ego nesta dualidade, nesta ilusão, que procuram unidade, que procuram unidade na busca da unicidade, na busca de voltar a tornar-se um. A jornada da mente é uma jornada de intimidade, onde vós como eu-self e vós como eu-ego procurais tornar-vos fortes, conhecer a vossa identidade, conhecer a vossa imagem, conhecer-vos como self, como ego, e encontrar uma forma de dançar juntos, encontrar uma forma de trabalhar juntos — esse desenvolvimento de uma relação amorosa, esse desenvolvimento de uma parceria do self, com s pequeno, e do Self, com S grande.

Uma intimidade onde vós, como eu-self e como eu-ego, possais estar próximos, ser ternos, ser vulneráveis, confiar um no outro. Confiar no meu ego? Sim.

Não no ego fraco que é o ego negativo. Não no ego fraco, negativo, que vos vê como inimigo. Não no ego fraco, negativo, que se sente envergonhado, que se sente defeituoso, que se sente falho. Mas no ego curado, no ego forte, no ego que não é negativo, que não está marcado pela vergonha, mas que trabalha convosco.

Não um ego que matais como em certas filosofias orientais. Não um ego que abandonais como um órfão entregue ao pai adotivo que é Deus. Mas um ego que se torna forte, positivo, e no qual desenvolveis proximidade, uma intimidade de proximidade, ternura, vulnerabilidade e confiança para trabalharem juntos, procurando unidade na busca da unicidade.

A jornada da mente é uma jornada de consciência e de tornar-se consciente — tornar-se consciente da vossa mente consciente.

Quão redundante soa essa expressão? E no entanto, a maioria das pessoas não está consciente da sua mente consciente. A maioria das pessoas empurra a maior parte do que é consciente para o subconsciente, para o inconsciente, e depois deixa de estar consciente disso de todo.

A jornada da mente é tornar-vos conscientes do vosso consciente e procurar o que está para além do consciente de forma consciente; ser consciente do vosso consciente e depois ser consciente no vosso subconsciente, no vosso inconsciente, e consciente também no vosso estado ultra-consciente — tudo na busca de uma consciência superior, tudo na busca do vosso eu superior.

Essa é a jornada da mente. É uma jornada frequentemente ignorada, mesmo no âmbito da metafísica admitida, mas é a jornada da mente, juntamente com a jornada do espírito, juntamente com a jornada da alma. E estais familiarizados e sabeis — talvez mais do que admitis — sobre estas jornadas.

Mas o que sabeis da jornada do coração? Ouvistes o seu chamamento?

É uma jornada que vos pode guiar, que vos pode conduzir à maravilha e ao deslumbramento de novos desejos, de novos sonhos e de novas visões. É uma jornada que vos pode levar à abundância e à recompensa da felicidade, do sucesso e da alegria. É uma jornada que, com a sua majestade e magnificência, vos pode abrir e pode abrir portais para relações amorosas que já tendes e para relações amorosas que ainda não tendes.

O que sabeis da jornada do coração? Ouvistes o seu chamamento?

Com a jornada do coração aberta e viva, vibrante e fluida, podeis reprogramar a vossa mente subconsciente. O vosso subconsciente pode ser reprogramado. Para transmutar e transformar — com a jornada do coração — o vosso inconsciente pode ser reestruturado, transmutado, transformado.

A eletromagnética do subconsciente e do inconsciente pode ser reprogramada e reestruturada de modo a tornar-se magnética na sua capacidade de atrair, de puxar para vós tudo aquilo de que necessitais para criar e manifestar, para sustentar e fazer crescer o amor e as relações amorosas.

Nem sempre precisais sequer de saber o que está a ser atraído, o que está a ser puxado. Não precisais de um nome específico, de um rótulo específico. E na vossa busca por relações amorosas, na vossa busca por amor e mais amor, nem sempre sabeis: de que é que eu preciso?

De que preciso para curar?
O que preciso de mudar?
O que precisa de ser transmutado?
O que precisa de ser transformado?
O que preciso de transcender?

Nem sempre sabeis.

Mas vede: com a jornada do coração, o vosso subconsciente pode ser reprogramado. O vosso inconsciente pode ser reestruturado para funcionar com a ressonância — uma energia magnética de atração — que pode puxar, que pode trazer aquilo de que precisais para permitir a cura, o amor, para que possais transcender, elevar-vos e ser elevados para além.

Com a jornada do coração, podeis encontrar as chaves do deixar — de que falámos ontem à noite. Podeis encontrar o alicerce e criar um novo alicerce. Podeis encontrar a vossa contribuição e criar novas contribuições.

Podeis encontrar o caminho do vosso destino, a vossa verdadeira vontade. Podeis encontrar a inspiração — a elevação da jornada da alma, da jornada do espírito, da jornada da mente — inspiração.

Com o amor, com a jornada do coração, podeis encontrar os segredos do deixar. Podeis encontrar muito mais da vossa identidade e da vossa imagem como guardiões do amor, como protetores do amor.

Muito mais do empoderamento, da permissão, da autoridade para ser poderosos. Os segredos da complexidade que, no seu fluxo, vos podem elevar a

uma ordem superior de ser e a uma ordem superior de realidade. Sob a elevação e a mudança da vossa ressonância, com pouco ou nenhum esforço — a criação última, a causação ressonante.

Com a jornada do coração, podeis criar relações mais amorosas.

Podeis criar reconhecimento e realização dentro das relações que já tendes — um reconhecimento e uma realização de mais, de mais profundo, de amor mais intenso naquilo que já é conhecido, nas relações que já tendes.

Podeis também criar, nas relações amorosas — talvez até na mesma relação amorosa — um sentido de intemporalidade, um sentido de eternidade, de um amor como se sempre o tivésseis conhecido dentro dessas relações.

Podeis criar um sentido de ligação, um sentido de totalidade no amor que vos faz sentir completos, em paz e em unidade.

E podeis criar relações amorosas caracterizadas pelo empoderamento e pela preferência de um amor sem o qual não posso viver.

Vede, há muitas faces do amor e há muitos tipos de relações amorosas. E nesta ilusão, como já dissemos tantas vezes, uma das regras segundo as quais jogais é que tendes impacto uns sobre os outros.

Não tinham de o fazer. Não era uma regra necessária. Não vos foi imposta. Ninguém vos disse que tinham de o fazer. Mas escolhestes, decidistes — escolha de livre arbítrio.

"Estou a criar uma ilusão, vejam? E vou enchê-la com todo o tipo de figuras da minha imaginação, vejam? Mas mesmo sendo figuras da minha imaginação, vou permitir que tenham impacto."

Muitos dizem que foi uma decisão tola. Mas ainda assim tomastes essa decisão. Porque mesmo sabendo que podíeis ser magoados, que as pessoas vos podiam magoar, e mesmo sabendo que podíeis magoar outros, isso também significava que podíeis amar.

E quereis desesperadamente amar. Conhecer o amor. Encontrá-lo. Compreendê-lo. Dar-lhe significado, importância, valor.

E nesse amor, quereis uma relação. E quereis encontrar aquela relação que parece "como se já nos conhecêssemos". Já nos conhecemos. Como se sempre nos tivéssemos conhecido. Onde cada um se sente completo e em unidade — é esse tipo de relação que quereis.

Quero a relação em que sinto que morreria sem ela. Em que talvez saiba que morreria sem ela. É isso que procurais.

A criança cria várias formas. O adolescente cria várias fantasias. O crescido que ainda não é adulto cria todo o tipo de condições. Há todo o tipo de voltas e reviravoltas, torções e distorções.

E enquanto buscais esse amor, enquanto buscais as relações de amor, talvez não o tenhais posto em palavras. Talvez não lhe tenhais dado um nome. Talvez tenhais medo de o pôr em palavras. Talvez tenhais medo de lhe dar um nome.

Mas é isto que procurais: uma relação que parece como se já nos conhecêssemos, como se sempre nos tivéssemos conhecido, onde nos sentimos completos, em paz e em unidade, e onde morreríamos um sem o outro, sem esse amor.

Com Deus — Deus é tudo o que é — quero uma relação amorosa como se já nos conhecêssemos, como se sempre nos tivéssemos conhecido, inteiros e completos, em unidade um com o outro; uma relação onde sei que morreria sem ela.

A jornada do coração pode levar-vos essa última distância, esse último passo de gigante — que pode ser incrivelmente pequeno, mas ainda assim é um passo que só um gigante dá — até esse tipo de relação.

Todos esses tipos de relação dentro do amor que já conheceis. E alguns de vós estais aqui com alguém significativo — esse outro significativo, marido, mulher, amante.

E talvez nunca o tenhais dito. Talvez nunca o tenhais pronunciado. Talvez nem sequer o tenhais admitido a vós próprios, com medo demais.

É esse o amor que quereis. Quero amar-vos como se já vos conhecesse, como se sempre vos tivesse conhecido, para me sentir inteiro e completo, em paz e em unidade. Amar-vos tão profundamente, tão completamente, que não posso viver sem isso. Não quero viver sem isso.

Alguns de vós ainda não tendes esse amor na vossa vida em que quereis focar-vos — ainda não. Não há esse outro significativo, de qualquer natureza, de qualquer face do amor. Mas é isso que quereis.

E é isso que a jornada do coração vos pode dar.

Reprogramação, redirecionamento do subconsciente, do inconsciente — sim.
Chaves do deixar, segredos do deixar — sim.

Pode também arrancar os emaranhados pela raiz, para que nas relações amorosas que já tendes essas qualidades possam florescer. E nas relações amorosas que ainda não tendes, possais encontrar, desenvolver, criar, manifestar algo que contenha essas qualidades.

É assustador, nós sabemos. É realmente assustador pensar num amor que é um amor que sempre tive, um amor que já conheço antes de o conhecer. É assustador pensar num amor que me torna — e ao outro — tão inteiro e completo; um amor de que preciso, sem o qual não quero viver.

E é por isso que dizemos: jornada do coração.

As palavras parecem insuficientes para o poder, o potencial, a paixão contidos em cada exploração. As palavras parecem comuns demais para transmitir a majestade e a magnificência de uma jornada tantas vezes procurada — talvez sempre procurada — mas raramente encontrada.

E é por isso que vos reunistes aqui nestes dias de dezembro.

Conheceis a jornada da vossa alma e estais sempre a conhecer mais. Conheceis a jornada do espírito e estais sempre a desdobrar-vos e a redobrar-vos mais.
E, quer lhe tenhais chamado assim ou não, sempre estivestes envolvidos na jornada da mente.

Estas jornadas dentro da grande jornada espiritual, com os seus desafios e com o seu chamamento à aventura.

Mas o que sabeis da jornada do coração?

No vosso crescimento, estivestes muitas vezes à beira do desastre e à beira do sucesso. A experiência da vida é um labirinto com miniaturas escondidas. É um emaranhado com becos sem saída, truques e armadilhas e reflexos ilusórios, onde bateis com o nariz, magoais os joelhos, vos perdeis, vos sentis presos e quereis desistir.

Poços de depressão e desespero. Círculos e mais círculos que giram e giram e não vos levam a lado nenhum — até que mudais.

E viestes dessas margens, dessas beiras, para outras margens e dessas margens para um pináculo. Dissemos isso quando 1996 começou: durante 1995 passastes da margem para o pináculo, e neste ano de maravilha tendes estado

num pináculo. Não preguiçosos, não a procrastinar — é apenas um pináculo muito grande.

E é aí que estais. E há muitos horizontes — 360 graus de horizontes — quando estais num pináculo.

Alguns desses horizontes chamam-se passado, e com um canto de sereia podem ser sedutores e aliciantes.
Alguns desses horizontes chamam-se presente. Agradável. Podem ser complacentes e estagnantes.
E alguns desses horizontes chamam-se futuro.

Estais agora prontos para dar o passo desde o vosso pináculo e ir além.

A jornada da alma, a jornada do espírito, a jornada da mente — todas a trabalhar dentro do vosso labirinto para vos ensinar sobre o amor — trouxeram-vos até aqui. O próprio chamamento do amor — porque ele nunca cessa — trouxe-vos até aqui.

Procurais sempre a vossa espiritualidade. Procurais sempre o amor. Cada ato, cada ação, por maior ou menor, por mais complexa ou simples.

Mas ao mover-vos do vosso pináculo, é a jornada do coração que agora estais prontos para despertar dentro de vós — para vos dizer a verdade sobre o tipo de relações amorosas que quereis.

Não necessariamente, como dissemos, um único outro segundo a vossa preferência de género, mas esse tipo de amor com Deus — Deus é tudo o que é. Esse tipo de amor com a vossa alma. Esse tipo de amor com o vosso eu superior. Como se já nos conhecêssemos para sempre. Como se sempre nos tivéssemos conhecido. Esse amor onde estou completo, em paz e em unidade. Esse amor sem o qual morreria.

E ter isso também dentro da vossa ilusão.

É tempo agora de despertar a jornada do coração. Quando o fizermos juntos nestes dois dias — quanto tempo leva a despertar? Dois dias de dezembro.

Continuemos aquilo que já começastes.

Deixai-nos envolver-vos no nosso amor por vós e levar-vos numa jornada do vosso coração.

Quando regressardes, como habitual após o intervalo, vamos mergulhar rápida e intensamente na exploração, na criação de complexidade. É preciso

primeiro diferenciar, criar a separação, a separação objetificada dos componentes da jornada do coração.

Para que depois possam ser independentes, únicos, reunidos e integrados num todo.

Após o intervalo, mergulhamos — com os dois pés, ou de cabeça — conforme preferirdes.

O QUE BUSCAM NA JORNADA DO CORAÇÃO

Jornada do coração. Estamos a caminho, sim. Para começar, olhando para os componentes, as várias ressonâncias, se quiserdes, as várias peças de realidade que são contribuídas, que são colocadas de certa forma dentro do tempo e do espaço, dentro da vossa realidade, e fora da vossa realidade, e certamente para além do tempo e do espaço.

Ressonâncias, cada uma das quais gera frequências de vibração, das quais resulta um padrão de interferência que às vezes é confuso, outras vezes gera falta de autoconfiança, e ainda assim por vezes é desconfortável e ambíguo, outras vezes incerto, e certamente refletindo a falta de perfeição que permite a mudança, que permite o crescimento, que permite transmutar, transformar e, sim, também transcender.

Estes componentes, cada um deles, com a sua própria individualidade, com a sua própria singularidade, com o seu próprio sentido de identidade, combinam-se para criar aquilo que é a Jornada do Coração. Quais são estes componentes?

Começamos, claro, com o óbvio dentro da Jornada do Coração: o componente maior, um de muitos, é o próprio amor.

Claro, aquilo que procurais, aquilo que o vosso coração vos chama a procurar, é o amor dentro do labirinto da experiência da vida — e nos sucessos, nos fracassos, nas mediocridades — por maior ou menor, por mais simples ou mais complexo. O vosso coração chama-vos a amar, a encontrá-lo, a compreendê-lo, a dar-lhe significado e importância, a dar-lhe valor. Em tudo: nos sucessos, nos fracassos, nas mediocridades, em tudo.

Não que tudo esteja lá. Não que em qualquer peça, por si só, encontreis tudo o que há para encontrar do amor — não. Mas dentro de cada peça há algo de amor que pode ser encontrado. Nos lugares mais escuros de vós, nos momentos mais feios, e nos mais leves e mais belos.

E assim, a Jornada do Coração é uma jornada, certamente, de amor — à procura de amor. E temos falado disso há tantos anos, temos falado tantas vezes só neste ano, neste ano de maravilha, que não precisamos de vos dizer o que é o amor.

Mas o que dizemos é que é importante — mesmo sabendo, mesmo conseguindo dizer as palavras de seguida, mesmo não tanto por ter memorizado mas por ter vindo a conhecer — é importante: essa pausa, sim, mas é importante dar-vos o significado, dar-vos e permitir-vos rever, se lhe chamais assim, olhar outra vez, rever, respeitar, olhar outra vez para essas partes do dar e do responder para produzir; para o alegrar-se na presença e no valor; para permitir a bondade, a verdade e a beleza; para experimentar essa bondade, essa verdade e essa beleza; e permitir a liberdade — liberdade — um componente tão crítico do amor. Porque sem liberdade, o amor tem pouco valor. Sem liberdade, o amor tem pouco valor.

E assim, o primeiro é, certamente, o amor. E vós sabeis isto. E tendes procurado isto não apenas na vossa jornada do coração, sim, mas em tantas das vossas jornadas: o amor, essa energia universal, tão parte da jornada espiritual e das muitas jornadas dentro dela.

O que é que verdadeiramente procurais no amor? O que é que verdadeiramente procurais? Certamente, nas muitas faces há muitas coisas diferentes que andais a procurar, mas o que é comum? O que está no núcleo? Qual é o denominador comum do que procurais com o amor? **Intimidade.** Intimidade. A Jornada do Coração é uma jornada de amor em busca de intimidade.

Nas relações físicas há muitos significados de amor, mas não é apenas alguém com quem jantar, alguém com quem conversar, um companheiro — isso podeis arranjar de mil maneiras e já tendes em muitos aspetos da vossa vida. Não é só o toque físico e a intimidade física, ou a sexualidade física — isso também podeis conter em "one night stands" da realidade.

É o fechar da separação — é o fechar da separação que procurais no primeiro amor, para estar ligados. É esse fechar da separação que procurais no segundo amor, apaixonar-se. É esse fechar da separação que procurais quando estais dispostos a ir para além de apaixonar-se e estais dispostos a permanecer no amor — e por isso é a intimidade.

Falámos muitas vezes dos medos do amor: muitas vezes não é o amor que temeis, mas o medo de perder o foco desse amor, ou perder a confiança desse amor, ou perder o mistério desse amor. Mas, no fim, o que vos impede de deixar

o amor funcionar, acontecer, é o medo da intimidade — porque é isso que estais realmente a procurar.

Vede: muitos de vós sabem amar. Sabem tudo sobre isso, e são mesmo muito bons nisso. Mas quando encontram o amor — o foco desse amor, a confiança desse amor, o mistério, a magia desse amor — muitas vezes dão por vocês a estragar, a lixar, a criar problemas, a quebrar a confiança; algo sai do sítio, e não funciona, bate nas rochas, vai para o desastre, não resultou. Porquê? Quando criais a vossa própria realidade — não se criam, mas porquê, quando criais a vossa própria realidade — porquê, quando sabeis tanto sobre o amor, tendes tanta dificuldade? É por causa da intimidade que verdadeiramente procurais, e a intimidade assusta-vos.

O primeiro componente da jornada do coração é o amor com a sua intimidade. O segundo componente é a própria intimidade, a própria intimidade. E o que é que dentro da intimidade estais verdadeiramente a procurar?

Falámos da intimidade como semelhante a dar, responder, respeitar, mas para produzir algo outro: produzir proximidade, produzir ternura, vulnerabilidade, confiança; reduzir medos de rejeição; gerar cuidado e amor; gerar compreensão e ser compreendido.

Intimidade — e dentro dela, aquilo que verdadeiramente procurais é a dança da magia, a magia.

Porque vede: a intimidade é um equilíbrio delicado e belo. É um equilíbrio sempre em movimento, sempre a mudar, nunca estático, nunca parado. É quando tentais tornar a intimidade estática, quando tentais congelá-la, torná-la sólida e nunca em movimento, que ela morre.

E aquilo que realmente procurais, para além dos componentes específicos, certamente, aquilo que verdadeiramente procurais é **magia** — a magia da intimidade, a magia do dois tornar-se um, tornar-se dois, tornar-se um, tornar-se dois, tornar-se um, neste equilíbrio intricado de energia. É uma dança de magia. E por isso, o terceiro componente é a dança da magia.

Vede: dentro do amor, procurais a intimidade, e por isso a intimidade é o segundo componente. Dentro da intimidade, procurais a magia, a dança da magia, e por isso o terceiro componente é essa própria dança — magia.

Aprendestes tantas técnicas, aquilo a que chamamos a magia baixa — não como termo depreciativo, não é isso, mas para descrever uma magia "como em cima, assim em baixo": como há uma magia em cima, alta magia, há também a magia em baixo, a magia baixa.

A magia em que mostrais a vossa "divisão longa", a magia da técnica, a magia do método. A alta magia, sim — a magia cuja única técnica é a escolha — a magia do amor, cuja única técnica é a escolha.

E agora sabeis tanto de magia baixa como de magia alta, e fazeis todo o tipo de magia — magias grandes e magias pequenas. E dentro disso, o que é mais crítico? Qual é o fulcro da magia? **Escolha. Escolha.**

Porque é comum à magia baixa — dentro das vossas técnicas, dentro do processamento que fazeis e do trabalho com a vossa criança e com o vosso adolescente, e do trabalho com os vários aspetos do self, com a vossa alma e o vosso espírito — e às várias formas de processamento que fazeis para erradicar, eliminar aquilo que se atravessa no caminho do que quereis, da mudança que quereis fazer de acordo com a vossa vontade, em acordo e conformidade com a vossa verdadeira vontade.

A chave, aquilo que é comum a todas as magias, baixa e alta, é a escolha. E é isso que procurais — o domínio, talvez lhe chamásseis — da escolha. E por isso, isso torna-se o quarto componente.

Assim, como o vedes deste modo: começa, certamente, com o amor, no qual procurais intimidade. Intimidade — algures há letras suficientes — que tem a intimidade na qual procurais a magia, a dança da magia. E dentro da magia procurais a escolha. O quarto componente da vossa jornada do coração é a escolha.

Escolha — escolha empoderada à primeira, segunda e terceira potências. Escolha, sim: esse é o ponto, o específico, a mira do tempo-espaço que procurais — a escolha. As escolhas que rodeiam essa escolha singular, que rodeiam essa escolha à primeira potência, o ponto de escolher.

E como falámos em várias ocasiões: escolha à terceira potência que define o volume.

Agora, muitos de vós aqui estão familiarizados com este conceito. Outros não estão, por isso tiramos só um momento para sugerir que existem estas três potências da escolha.

E para terdes verdadeiramente uma escolha empoderada, uma escolha potente, poderosa, é importante que vos torneis conscientes e que estejais conscientes das potências — primeira, segunda e terceira.

A primeira potência é o ponto que quereis criar. Qual é o vosso ponto? Onde estais a tentar chegar? Qual é o destino? O que estais a tentar alcançar?

Qual é o resultado final — o ponto, a mira no tempo e no espaço? Agora, a escolha singular, a escolha à primeira potência, é crítica, mas não pode ficar sozinha.

Uma escolha assim seria, por exemplo: "Vou ganhar dinheiro para pagar as minhas contas, para ser financeiramente solvente — talvez não independente, mas solvente — essa é a minha escolha." Mas vede: só escolher isso — "vou ser solvente" — e não fazer mais escolhas à volta disso, como fazer um orçamento, abrir uma conta à ordem, avaliar o que estou a gastar e o que posso cortar e o que não, arranjar um emprego, e todo o tipo de outras escolhas que rodeiam essa escolha singular de "vou ser financeiramente solvente". "Vou ser financeiramente responsável", como lhe quiserdes chamar.

Esse é o ponto. É isso que estou a tentar criar. É essa a escolha que estou a fazer. E isso é escolha à primeira potência.

Mas à volta dessa escolha há um conjunto de outras escolhas que preciso de fazer: o que vou fazer com o dinheiro, como vou ganhar esse dinheiro, onde o vou pôr, como o vou gerir, e todo o tipo de outras coisas.

Escolhas do género: "Acho que não vou comer fora ao pequeno-almoço, almoço e jantar. Acho que talvez coma em casa de manhã e leve o almoço e talvez jante em casa também." Seja o que for.

Várias escolhas. Essas escolhas definem a área. Definem a área.

E elas são escolha à segunda potência. Quando elevais algo ao quadrado, matematicamente estais a definir a área. Com a escolha, também — não é "quadrar" a escolha, mas quando definis a área de escolhas, isso é escolha à segunda potência.

Agora, muita gente, na realidade, faz uma ou outra. E não as duas. Muita gente, por exemplo — e a maioria faz isto — faz escolha à segunda potência sem nunca fazer escolha à primeira potência.

"Vou arranjar um emprego. Vou abrir uma conta poupança. Vou arranjar isto. Vou fazer isto. Vou fazer aquilo. Vou fazer todas estas escolhas."

Mas qual é o ponto? "Como assim, qual é o ponto?" Bem, porque é que estais a fazer isso? "Ora essa. Isto é a América. De que é que estás a falar? Isto é o século XX. Tens de arranjar um emprego. Tens de ganhar dinheiro. Toda a gente tem de ter uma conta à ordem. Toda a gente tem de ter um cartão de crédito. Não és ninguém se não tiveres linha de crédito."

Mas porquê? "Bem, é óbvio." Se é assim tão óbvio, o quê? "Vá lá. Tu sabes. Estou a fazê-lo porque…" Porque o quê? Qual é o ponto? "Como assim, qual é o ponto? Se eu não fizer isso tudo, não há ponto."

Talvez. Mas qual é o ponto?

Vede: muita gente tem medo de fazer escolha à primeira potência porque isso implica compromisso. Implica tomar posição. Implica revelar quem sois — ou pelo menos um pouco mais de quem sois.

Algumas pessoas fazem um monte de escolhas à segunda potência mas nunca se sentem satisfeitas, nunca sentem que estão a avançar, e a escolha parece frágil, a escolha parece fraca. E, eventualmente, até param de fazer essas escolhas. Deixam de se importar com elas, porque não há ponto.

Algumas pessoas, sim: há as que fazem escolha à primeira potência — "vou ser financeiramente solvente" — mas não fazem escolhas nenhumas à volta disso. "Vou ser financeiramente responsável", mas não fazem nada quanto a arranjar um emprego, ou como gerir o dinheiro, ou como gastar o dinheiro, ou nada disso. Não fazem escolhas desse tipo. Dão palmadinhas nas costas: "Que escolha brilhante. Que compromisso maravilhoso." Mas não fazem nada para implementar.

A chave é fazerdes as duas. E tanto faz se fazeis primeiro a primeira escolha e depois as escolhas à volta, ou se fazeis primeiro as escolhas à volta e depois o ponto. Mas vedes: depois vem aquilo que é a escolha à terceira potência.

Sempre que cubais algo, sempre que encontrai o espaço cúbico de algo, estais a definir não apenas o ponto nem apenas a área. Estais a definir o volume.

A escolha à terceira potência é a escolha volumosa — a escolha que define o volume. Não só o ponto, não só a área, mas o volume em que essa área e esse ponto existem.

Dentro da voluminosidade da vossa escolha, dentro do volume da escolha, existem muitas escolhas à primeira potência, e à volta delas, agrupadas, escolhas à segunda potência.

A escolha volumosa é escolha fundamental. É escolha nesse nível nuclear. É uma escolha que, à sua maneira, nunca muda por causa das circunstâncias ou da situação dentro da ilusão.

É escolha, por exemplo, neste caso — seguindo a nossa analogia — o ponto de ser financeiramente solvente e responsável, as muitas escolhas que faço à volta disso, tudo dentro da escolha volumosa, dentro da escolha à

terceira potência de viver a minha vida espiritualmente, ou de viver a minha vida com coragem, que reflete a minha força e o meu poder, que expressa o meu verdadeiro eu.

Vede: uma vez que depois arranjo este emprego, ou isto, isto, ou aquilo, avançando nessa direção, essas escolhas mudam.

Assim que eu estabelecer isto, outras escolhas podem passar a ter prioridade. Mas a escolha fundamental, o volume da escolha, mantém-se o mesmo. Eu continuo a, agora que sou financeiramente solvente e responsável, continuar a viver uma vida corajosa.

Isso não muda com circunstâncias e situações. E vede: é dentro da magia que procurais este sentido poderoso de escolha à primeira, segunda e terceira potência. É aqui que o procurais.

E esse é o componente da jornada do coração. É esse componente de escolha que é empoderada. Também procurais a escolha certa.

E aqueles de vós que, outra vez, estão familiarizados com o nosso uso desse termo — outros dizem: "Pois, claro, esse é o problema, eu bem queria conseguir fazer escolhas certas. É fazer a escolha certa." Bem, como é que sabeis o que é certo? Tudo é subjetivo, tudo o que criais é o que é certo para vós e é errado para outra pessoa — isso talvez seja verdade.

Mas quando falamos de escolha certa, não queremos dizer uma escolha perfeita. Queremos dizer uma escolha que vos permite expressar a vossa graça humana, e uma escolha que vos move em direção à complexidade em vez de vos afastar dela. Uma escolha que vos permite aprender novas competências, que vos permite fazer novas escolhas.

Escolhas que vos permitem estar à altura do desafio — não da luta — do desafio da vossa força, do vosso poder, do vosso talento; estar à altura do desafio da vida, ultrapassando, superando. Escolha que vos permite encontrar ordem, criar ordem e quase simultaneamente encontrar significado e importância ao criar nova ordem. Escolhas que vos permitem os desafios da vossa espiritualidade.

Esses tipos de escolhas são escolhas certas. Quer funcionem ou não, quer permaneçam a vossa escolha final ou não, quer nelas tenhais sucesso ou fracasseis, esses são os tipos de escolhas que são escolhas certas.

Escolhas sábias, como temos falado delas: escolhas que se apoiam em ver o quadro maior, bem como o quadro atual. E escolha querida, escolha da vontade.

Escolha com um propósito, se quiserdes. Escolha que faríeis pela vossa vontade, em vez de por capricho. As escolhas que fazeis porque sabeis por que as estais a fazer, em vez daquelas escolhas que são do tipo "porque não?"

Agora, há lugar para impulsos e há lugar para caprichos. Há lugar para fazer esses "porquê não". "Porquê não? Vamos fazê-lo." Escolhas.

Mas vede: na jornada do coração, as escolhas que procurais são aquelas que são empoderadas, que são certas, que são sábias, e que são queridas — feitas pela vontade. Não apenas toda a escolha, qualquer escolha, mas aquelas que são empoderadas, certas, sábias e queridas.

Amor, intimidade, magia, escolha.

E o que é que, na escolha, é aquilo que estais mesmo a procurar? E, do mesmo modo, o que é que na escolha vos assusta mais? É o misterioso. É o místico. É o milagroso.

É isso que mais procurais na escolha, e é isso que mais vos assusta. O misterioso, o místico e o milagroso.

E quando olhais agora para estes quatro — amor — a coisa que mais vos assusta no amor é a intimidade. E é o que mais procurais no amor.

Na intimidade, a coisa que mais vos assusta é a magia — e é também o que mais procurais.

Dentro da magia, é a escolha que mais vos assusta — e que também procurais, por que ansiais.

Dentro da escolha, é o mistério, o místico e o milagroso que procurais.

Vede: eu quero escolher à primeira, segunda e terceira potência — escolha empoderada. Quero fazer a escolha certa. Quero fazer a escolha sábia e a escolha da vontade — porque quero o misterioso da escolha, o místico e o milagroso.

Pois todos vós sabeis, algures bem no fundo, que existe um fenómeno, existe uma realidade, existe uma possibilidade — e podeis alcançar essa realidade enquanto ainda estais físicos — em que tudo o que tendes de fazer é escolher.

Ainda não estais lá. Nós compreendemos isso. Vós experienciais isso. Mas isso existe: onde tudo o que fazeis é escolher, e acontece milagrosamente, do nada, misteriosamente. Acontece misticamente, como uma ocorrência ou experiência mística.

E embora ainda não estejais lá, é isso que procurais. Eu quero o mistério, o misticismo, o milagroso. E isso também é o que mais me assusta na escolha que faço.

Porque é que eu recuo? Porque é que eu resisto? Porque é que eu não? É porque o místico, o mágico — o místico, o misterioso e o milagroso — me assusta.

O que eu procuro é o mistério, o místico e os milagres. É isso que procuro dentro da jornada do coração.

E a coisa que eu mais quero disso — por que é que quereis, por que é que quereis o misterioso e o místico? Por que é que quereis coisas milagrosas?

Quando falámos de vos tornardes criadores de milagres, falámos das resistências a isso, certamente — que de alguma forma é um ato desesperado de uma pessoa desesperada, quando tudo o resto falhou, e portanto um sinal de fraqueza ter de recorrer a milagres. Falámos de várias outras razões pelas quais os milagres vos escapam, e porque muitos não querem milagres, mesmo que usem a palavra.

O que é, então, para vós, aquilo que ao mesmo tempo quereis mais do místico, do misterioso e do mágico — ou antes, do milagroso?

E nós sugeriríamos que é a majestade.

É o sentido de majestade.

Mistério — toda a gente gosta de mistério. Não estamos a falar do romance de suspense. Mas ter a vida misteriosa, e tê-la mística, cheia de alma, cheia de espírito — porque é disso que uma vida mística trata.

Ter uma vida repleta, cheia de, repleta de milagres. Eu quero isso para ser melhor do que os Joneses, para ser a pessoa mais mágica da minha rua, para que todos os meus amigos pensem: "Uau!" Não. Isso é o que o meu ego pode ter em mente — o meu ego negativo, o meu ego fraco.

Mas o que eu tenho em mente é esse sentido de majestade. Esse sentido de majestade.

O sexto componente da jornada do coração é a majestade.

E o que é esta busca? Porque é que eu quero ter o meu sentido de majestade? Imagem, identidade — majestoso. Magnífico. Vocês não conseguem ver. Nós pomos aqui.

Magnificência do ser. Não do que eu tenho, não do que eu faço, mas experimentar a magnificência do meu ser.

Não é uma frase original nossa: vós não sois um ser físico que por acaso tem um lado espiritual. Sois um ser espiritual que por acaso tem uma data de berloques na vossa pulseira — uma data de fetiches chamados vidas físicas. Vocês tilintam quando andam, ao contrário do movimento silencioso daqueles seres espirituais que não têm os fetiches, a pulseira de berloques com os seus muitos berloques, muitas vidas.

E vós procurais a magnificência do ser. E esse é o componente final: magnificência do ser.

Amor, intimidade, magia, escolha, mistério, misticismo, milagres, majestade, e magnificência do ser.

E por que procurais a magnificência do ser? O que é que estais realmente à procura cá dentro? E o que é que mais vos assusta na vossa magnificência do ser? Aqui bem no fundo: mais amor.

E isso traz-nos de volta aqui. É um círculo. Jornada do coração. É um círculo.

Eu quero amor e a sua intimidade. Quero intimidade e a sua magia. Quero magia e a sua escolha. Quero escolha e o seu mistério — o místico, o milagroso. Quero o mistério, o místico e os milagres — e a sua majestade.

E quero a majestade com a sua magnificência do ser. E quero a magnificência do ser com o seu mais amor.

E quero amor, intimidade.

Um círculo que se torna uma espiral.

À medida que começo no amor, para a intimidade, para a magia, para a escolha, para o mistério, o misticismo e os milagres; para o majestoso; para a magnificência do ser; para mais amor — e intimidade, e magia, e escolha, e mistério, misticismo e o milagroso; para majestade; para magnificência do ser; e mais amor do que o mais amor.

É por isso que dissemos ontem à noite que é seguro dizer que vós já tendes mais amor.

Então porque não "já estive lá, já fiz isso, próximo"? Porque é a vossa jornada do coração que diz: por mais "mais amor" que tenhais, quereis sempre mais amor.

É isso que, de outra forma, permite que o círculo de crescimento se torne a espiral de mudança. É a vossa jornada do coração que vos chama.

A jornada do coração que é feita destes componentes particulares — não desconhecidos, não totalmente novos — mas destes componentes particulares.

LIMPAR A RESISTÊNCIA

Começou, certamente de forma metafórica, certamente de forma ritualística, a abrir-vos do topo da cabeça até à virilha e a remexer nas vossas entranhas, para encontrar as várias farpas e ganchos e as várias resistências, o emaranhado de fio ou linha, os nós disto ou daquilo, as teias, o apodrecimento e a decomposição disto, a gosma, etc., para ser puxado para fora de vós, para ser puxado para fora de vós — simbolicamente enviando a mensagem ao subconsciente, ao inconsciente, ao supraconsciente — mesmo sendo eles os que puxam — para viajarem com a vossa bolsa, ou com a vossa sacola, ou com o vosso saco, para seguirem agora o coração e aí lhes ser mostrado qual destas é a vossa maior, qual destas é a vossa maior e qual destas não é realmente uma resistência de todo, não está viva, não é real, está morta, carregada como excesso, como baguete a mais — a que tiraram, a primeira, a segunda, e a que tiraram; há quatro delas que ressoam aí pelo meio.

Mas se lidardes e trabalharem com a primeira e a segunda e estiverdes dispostos a dar a última, o resto encontrará o seu lugar, encontrará o seu desdobrar.

Dentro de um momento ou dois ides almoçar, certamente, e fazer tudo aquilo que os almoços são para vós. Mas, no meio daquilo que fazeis ao almoço — com amigos, com novos amigos, com velhos amigos, sozinhos, família, como quer que definam isso — pensem também um pouco, pensem um pouco.

Estas não são ideias novas — essa é a boa notícia — mas ainda assim, com cada uma há algo que procurais que se torna a próxima, e assim a plenitude do círculo. E cada coisa que procurais tem a sua resistência — muitas talvez — mas no seu núcleo.

Se conseguirdes dissolver e ficar livres da resistência, então muito da jornada do coração pode ganhar vida em vós.

Mas não se trata apenas de dissolver resistência. Damos um pequeno passo atrás e depois muitos passos em frente ao olharmos para a jornada do coração.

Vejamos se não conseguimos pôr isto claro, porque sabemos que há alguns de vós bastante confusos — o que é bom.

Muito bem: os componentes — amor e intimidade e magia e escolha — seguidos daquilo que é o sentido de… queremos… sim, magia e escolha, seguidos desse sentido de… onde é que estamos? Intimidade, amor, magia leva à escolha, escolha leva a… aí está — demasiados M's, sim — mistério, misticismo e milagres, seguido de majestade, seguido da magnificência do ser.

Estes — os componentes — cada um independente, cada um com a sua identidade, cada um com a sua expressão, cada um com a sua ressonância feita de muitos componentes em si mesmo.

Ressonâncias que, com a onda estacionária, elevam a amor, a intimidade, a magia, a escolha; ao mistério, ao misticismo, aos milagres; elevam a esse sentido de majestade e à magnificência do ser.

Cada ressonância elevada a partir de ressonâncias a juntarem-se. Dentro de cada uma há algo que procurais entre muitas coisas.

Certamente, no amor há tanta coisa: é tão universal, é para além do universal, tão cósmico, sim. Mas há algo em cada uma que procurais e isso relaciona-se, sim: dentro do amor é a intimidade — é isso que estais verdadeiramente a procurar.

Intimidade é o que estais a procurar: esse sentido de ligação, esse sentido de terminar a separação, terminar a solidão, terminar essa energia de estar separado; desafiar isso com unidade, com reunir, com ligação — isso que é a intimidade.

Na intimidade, é a magia — é a magia que procurais, a dança, o equilíbrio intricado que procurais.

E na magia, é a escolha — escolha que andais atrás.

E dentro da escolha, é o mistério, o misticismo e os milagres que procurais.

E aqui, é a majestade que procurais.

Dentro da majestade, é a magnificência do ser.

E dentro da magnificência do ser, procurais o mais amor, o que portanto eleva, como dizemos, à próxima oitava.

É bonito, é arrumado, mas sugerimos que, mais importante do que essa estética, é isto que funciona, é isto que está a acontecer: este é o movimento, esta é a energia em movimento que é a jornada do coração.

E move-se: o amor que procura a intimidade gera a intimidade que procura a magia, gera a magia que procura as escolhas, a escolha, etc., e vai seguindo, dobrando, dobrando, dobrando, recomeçando, dobrando, dobrando, dobrando, movendo-se por si.

De certa forma, não é um sistema fechado, mas é um sistema completo.

O problema é que há uma chave inglesa a atrapalhar. O problema é que algures vós puseram os travões. Há uma fricção, há uma restrição, uma inibição, uma apreensão, um bloqueio — como lhe quiserdes chamar — a isto, à intimidade.

Nós chamamos-lhe o paradoxo. É um paradoxo de integridade e de intensidade.

Porque para ser íntimos, tendes de, ao mesmo tempo, manter o vosso chão e estar dispostos a ceder o vosso chão. Tendes de estar dispostos a ser totalmente individuais, totalmente a vossa própria pessoa, totalmente individuados e, no mesmo instante, dar dessa individuação, dar desse self por completo.

Se vos colocais demasiado forte, demasiado rígido, num ou noutro lado deste paradoxo, perdeis intimidade.

Se mantendes o vosso chão demasiado por completo, recusando ceder, perdeis intimidade.

Se cedeis demasiado depressa, se não vos levantais por vós, pela vossa individuação, pelo todo individual e completo que sois, perdeis intimidade.

Por isso, quer seja "eu não cedo, eu não mexo, por respeito por mim, por honra, por tudo o que sou, eu não mexo" — perdeis intimidade.

Mas se mexeis depressa demais, se imediatamente ao primeiro sinal de aflição, ao primeiro indício de um "ok, ok, ok, como tu quiseres, como tu quiseres", abandonando-vos em vez de vos dardes — então perdeis intimidade.

E é assim que a resistência se pode expressar em vós.

Este é o nó. Esta é a chave inglesa. Esse paradoxo de ter a integridade de serdes vós mesmos e de vos dardes, e a intensidade de manter o vosso chão e

ceder o vosso chão, e depois mantê-lo outra vez e ceder, e manter e ceder, serdes vós e dar-vos, serdes vós e dar-vos.

E a profundidade com que fazeis isto em equilíbrio é a profundidade de intimidade a que chegais.

É por isso que nem toda a gente na vossa realidade é alguém com quem sois íntimos. Nem toda a gente no crescimento é alguém com quem sois íntimos. Tendes graus diferentes. Mas quando cedeis o vosso chão depressa demais ou o segurais rígido demais — de qualquer forma — perdeis essa intimidade.

E quando perdeis a intimidade, perdeis a magia. E quando perdeis a magia, as escolhas perdem potência. E quando a escolha perde potência, há menos mistério, menos misticismo, menos milagres. E quando há menos milagres, há menos majestade. E quando a majestade declina, a magnificência do ser esbate-se. E quando isso se esbate, o potencial de mais amor torna-se distante. Eis o paradoxo: manter o vosso chão e ceder o vosso chão; ser vós mesmos e dar-vos, em equilíbrio. Nunca o fareis perfeitamente — não sois perfeitos nem o sereis — mas é aqui que tudo se joga.

E é também por isso que fomos talvez antiquados o suficiente para sugerir que, numa relação amorosa um-a-um, é importante que seja monogâmica, porque relações menos-que-monogâmicas não atingirão a profundidade de intimidade que, de outro modo, poderia ser alcançada. Um ménage-à-trois, ou uma relação aberta onde podemos, entre aspas, dormir com quem quisermos, desde que não nos importemos — pode haver intimidade, não estamos a dizer que seja um "ou isto ou aquilo", mas estamos a sugerir que não alcançará a mesma profundidade.

Porque é nesse um-a-um, nessa profundidade, que este paradoxo — manter o vosso chão e ceder o vosso chão, ser-vós-mesmos e dar-vos — pode encontrar o seu equilíbrio, a sua beleza, a sua bondade, a sua verdade. Quando há um terceiro, quando há quebra de monogamia, quebra de fidelidade, torna-se mais difícil, e por vezes impossível, manter o equilíbrio entre ser e dar-se, entre manter o vosso chão e ceder o vosso chão, entre o chão deles e o vosso, e o vosso e o deles. Isto não significa que fora da monogamia não possa haver intimidade; pode haver profundidades belas e equilibradas à sua maneira. Trata-se de saber que profundidade de intimidade procurais, pois essa definirá a profundidade do amor. Intimidade é o que procurais, e a chave inglesa é este paradoxo.

E dentro dessa intimidade, o que procurais é a magia; e o que bloqueia a magia é o estado do self-I e do ego-I. Quando estes são fracos, a magia

enfraquece. Quando tendes um forte sentido de identidade, um forte sentido de imagem, um self-I forte, e um ego forte — forte não no sentido de inflado, mas maduro — então a magia sustenta-se. O ego maduro cumpre a sua função; não é um ego infantil que sente que nunca recebe o suficiente, nem um ego adolescente que sente que nunca é suficientemente bom, nem um ego jovem-adulto exploratório que teme nunca aprender, nunca fazer, nunca ser o bastante. É antes o ego maduro que sabe: eu sou suficiente para fazer o que faço, para ser o eu que observa e funciona no mundo.

O ego fraco é o ego negativo, arrogante, comparativo, o "melhor-que" ou o "pior-que"; é esse o ego fraco. E quando esse ego e esse self-I enfraquecem, a magia enfraquece. E se persistis em proteger o ego no seu estado negativo — justificando-o, nobilizando-o, racionalizando-o, escondendo-o, negando-o, defendendo-o — o preço que pagais é a profundidade e a intensidade da magia. É o estado do self e do ego que esmaga a magia, e quando esmaga a magia, esmaga a escolha, e quando esmaga a escolha, esmaga o mais amor, até que por fim o amor e a intimidade também se ressentem; não é apenas a magia que é negada, é toda a cadeia que se contamina.

No que toca à escolha, o que a bloqueia é a exigência de perfeição e de controlo — o "vós menores", não menores no valor, mas com menos recursos, menos ferramentas, menos disponibilidade, e que por isso se refugiam na perfeição e no controlo: "tenho de controlar, tenho de ser perfeito". Esse apego à perfeição e ao controlo é a némesis da escolha. Podeis escolher o que jantar, que caminho fazer, o que vestir; mas muitas vezes negais a escolha à primeira e à terceira potência, enquanto fazeis miríades de escolhas à segunda. Escolheis, sim, e as escolhas têm impacto, mas não são mágicas, não são aquelas em que basta escolher, porque "tenho de ser perfeito". Mesmo quando já não precisais de controlar, alguns continuam a agarrar-se ao controlo. Ser perfeito, ser controlador, é a némesis da escolha; e assim a magia seca.

E no que toca à escolha com o seu mistério, o seu misticismo, os seus milagres, o bloqueio é o medo do desconhecido e do possível — a vossa relação com o desconhecido. Muitas vezes é subproduto da necessidade de perfeição e controlo; muitas vezes é reflexo do estado do self e do ego; muitas vezes nasce do próprio paradoxo. Temeis o desconhecido, temeis o possível, e assim não permitis o mistério, quereis respostas frias, lógicas, definitivas. Se os milagres são realmente possíveis, o que diz isso sobre a realidade, sobre mim, sobre vós? E assim surge resistência à majestade, resistência ao vosso "vós maiores". No magic, é o "vós menores"; na majestade, é o receio do "vós maiores". Temeis arrogância, avareza, grandeza excessiva; temeis que, ao tocar na magnificência

do ser, o eu que conheceis deixe de existir. E há um pavor — o pavor de perder a identidade que o ego construiu. A força do self-I e do ego-I está intricadamente envolvida nesse receio.

E por fim, quanto ao mais amor, voltamos à integridade e ao caráter do adulto espiritual. A resistência ao mais amor é que ele nunca termina, sempre continua, sempre expande; isso assusta a criança e o adolescente interior, mas para o adulto é boa notícia. Assusta porque parece mais responsabilidade, mais risco, mais possibilidade de perda; mas o adulto espiritual diz: posso ficar na segurança que conheço, mas escolho expandir-me para a liberdade e a alegria que podem existir. O mais amor não é mais ter ou mais fazer, é mais ser; mas a criança define identidade pelo que faz e pelo que tem, não pelo que é. E por isso é preciso caráter espiritual, integridade espiritual.

Qualquer uma destas resistências perturba o sistema inteiro. Não é só a intimidade que sofre; cada elemento diminui, e por fim o amor diminui. O mesmo com a magia, com a escolha, com todo o circuito. Mas isto não significa que tendais de ser perfeitos. Significa que, se identificardes a vossa maior resistência e a segunda maior, e as permitirdes curar, o sistema inteiro se eleva. Talvez seja o paradoxo da intimidade que mais vos assusta; ao curá-lo, a intimidade cresce, a magia intensifica-se, a escolha ganha potência, o mistério abre-se, os milagres tornam-se mais possíveis, a majestade expande-se, a magnificência do ser floresce, e o mais amor eleva o sistema. Não para um estado perfeito e imutável, mas para um nível mais alto.

E pode acontecer que uma das resistências já esteja morta; apenas continuais a carregá-la por hábito. Talvez fingis que temeis o desconhecido como antes, quando já não é um medo paralisante, mas um sinal que podeis respeitar e usar. Talvez seja tempo de vos dizerdes a verdade: não temo o futuro dessa maneira. Quando deixais de fingir, uma resistência desaparece, e as outras tornam-se mais fáceis de curar; uma ou duas podem simplesmente cair. E enquanto trabalhais com as que restam, o sistema eleva-se, eleva-se, eleva-se.

Porque é um sistema completo. Quando removeis a maior chave inglesa, e a segunda maior, e deixais de fingir acerca da que não é real, o sistema amadurece por si. Tornais-vos mais abertos, mais capazes de ouvir o chamamento, não apenas da jornada da alma, nem apenas da jornada do espírito ou da mente, mas também da jornada do coração. Aqui fica o mapa — talvez não perfeitamente arrumado, mas suficientemente claro para quem quiser apontar, desenhar, ter uma referência. Podeis não segui-lo exatamente, mas tendes o mapa. E ele ficará convosco por algum tempo.

A RELAÇÃO QUE TÊM COM O VOSSO EU SUPERIOR

É bom, claro que é, conhecer os componentes, saber o que procurais em cada um deles, perceber como se ligam e se relacionam, e até reconhecer a "chave inglesa" que pode bloquear o sistema. Mas, como também sabeis, crescimento não é apenas remover obstáculos; não é só levantar ou curar o que está errado. É também preencher e abrir ao que está certo. E por isso, esta tarde voltamos a atenção para a vossa relação com o vosso eu superior.

A maioria de vós que trabalhou connosco ao longo dos anos já desenvolveu, por gravações, livros ou workshops, essa jornada sagrada entre vós e o vosso eu superior, essa relação entre ambos. É uma relação incrivelmente importante e incrivelmente única. Ele é parte de vós e vós sois parte dele — absolutamente. É parte de um self que é mais do que o "vós" que conheceis. "Eu superior" é um rótulo óbvio para algo que é, na verdade, intrincado e complexo em termos de consciência.

Sem contar toda a história, recordemos apenas isto: quando a Deusa — singular — quis saber "Quem sou eu?", ao colocar essa questão criou Deus, para que juntos pudessem refletir, referenciar, criar. Não porque precisasse de ajuda — pedir ajuda não implica necessidade; há alegria em ajudar, e também há alegria em permitir ser ajudado. Juntos, Deus-Deusa-Tudo o Que É explodiram em luz — uma explosão e implosão simultâneas — partículas de consciência que se multiplicaram. E a certo nível, uma dessas pequenas centelhas — o vosso eu superior — perguntou também "Quem sou eu?" e explodiu em mil vidas, cada uma com os seus paralelos, uma das quais sois vós. Vós sois parte do vosso eu superior, e o vosso eu superior é parte de vós. Não é linear; é não-linear. A jornada de regresso a casa é a jornada de reconexão com o vosso eu superior.

Já começastes essa reconexão. Encontraram-se mutuamente. Mas ainda há muito entre vós e essa reunificação: muito a limpar, a aprender, a compreender, a crescer, a mudar — a evoluir. Não para perderdes a vossa identidade, tal como o coração não perde a sua identidade no corpo. Não deixais de ser únicos ao tornardes-vos parte do vosso eu superior; tal como um órgão é parte do corpo sem deixar de ser o que é.

Vocês começaram essa reconexão, isso é claro, até mesmo na jornada de ir para casa, até mesmo na jornada de separar, começaram essa relação com o vosso eu superior para serem encontrados por ele, para serem descobertos por ele. E ele encontrou-vos. E vocês encontraram-no.

Mas há muito que se interpõe entre vocês, muito que precisa de ser limpo, aprendido, compreendido, muito que precisa de crescer e mudar, e evoluir, não

apenas crescer, não apenas mudar, evoluir, para que possam tornar-se um com o vosso eu superior. E nisso, não é para perderem a vossa identidade, a vossa individualidade, tal como o vosso coração não perde a sua individualidade nem a sua identidade no vosso corpo, nem o vosso fígado, nem o vosso pâncreas, nem o vosso cérebro. Qual é o vosso favorito? Qual é aquele de que mais gostam? É uma pergunta um pouco estranha, não é? Eu não quero saber do meu fígado para nada.

Fígado estúpido, nem sequer bate. E aqueles rins parvos, aqueles pequeninos estúpidos, tudo o que fazem é doer. E, no entanto, são vitais, não são? São vitais, individuais, parte de vocês.

O vosso coração não fica sentado na mesa-de-cabeceira durante a noite. É parte de vocês. Mas não perdeu a sua identidade. Não perdeu a sua singularidade nem a sua função única. Quando se tornam parte do vosso eu superior, não são um órgão. Mas, como um órgão, não perdem a vossa identidade.

Mas vejam, há muito entre vocês e essa reunião com o vosso eu superior. Faz parte da jornada da mente, a jornada do (…) para se reconectar conscientemente ao vosso consciente, ao vosso subconsciente, ao vosso inconsciente conscientemente, e ao vosso eu superior conscientemente. Cada um de vocês já desenvolveu, à sua maneira, uma certa relação.

Por mais vívida que muitas vezes digamos que é em meditação, por mais vaga que seja, vocês têm uma relação com o vosso eu superior. Mesmo quando não sabiam, ainda assim havia uma relação, o eu superior convosco, vocês com ele. Mas agora isso é importante na vossa jornada.

Seja qual for essa relação, tal como dissemos ontem à noite acerca do amor, por mais amor que haja e por mais amor que possa haver, agora é tempo de mais amor. Portanto, seja qual for a relação, para alguns de vocês ela parece muito escassa, muito distante, muito abstrata. Alguns dizem: eu ainda não conheci o meu eu superior.

Quando o dizem em meditação, eu coço assim a minha cabeça cósmica e digo, bem, faço o melhor que posso. Outros de vocês já conheceram, já trabalharam e desenvolveram uma relação incrivelmente fantástica. E é tempo, onde quer que estejam nesse contínuo, de desenvolver uma relação mais profunda, mais amorosa.

Este workshop, a jornada do coração, é para ir mais fundo, para novas profundidades, em duas relações amorosas. E para estabelecer isso, para trazer

este sistema à vida, para pôr isto em movimento, para que esteja realmente a acontecer. A chave é essa relação, novas profundidades numa relação amorosa com o vosso eu superior.

Portanto, precisamos de falar sobre algumas coisas nesse sentido. Antes de mais, coisas de que precisam de estar conscientes, coisas com que precisam de trabalhar. Talvez vos enredem, talvez façam parte do que está no caminho, talvez sejam pistas sobre onde a melhoria, onde a mudança, onde o aprofundamento pode ser feito com mais eficácia.

Mas há coisas com as quais precisam de trabalhar. E a primeira que sugerimos é esta: a vossa relação com o vosso eu superior está sujeita ao fenómeno — melhor dizendo, aos fenómenos — da projeção, da familiaridade e da assimilação. Agora, quando falamos de projeção, referimo-nos ao fenómeno singular da projeção.

Muitos de vocês, quando conheceram pela primeira vez o vosso eu superior, projetaram nele, criaram uma projeção daquilo que queriam que o vosso eu superior fosse, em vez do que ele é. E ele conformou-se com essa projeção, porque era isso que vocês queriam que ele fizesse. Talvez fosse isso que precisavam que ele fosse. Talvez houvesse algo nessa projeção a partir do qual pudessem aprender, crescer e mudar. Ele não o fez para vos enganar. Não o fez porque não tivesse outra opção. Mas porque foi assim que vocês disseram que ele devia ser. Isso é o fenómeno da projeção, e vocês conhecem-no bem de tantas formas.

Outro é o fenómeno da familiaridade. Conheço o meu eu superior há tantos anos. É tão familiar que, de certa forma, diminuiu em importância. Oh, um novo amigo invisível. Oh, uma nova pessoa que conheci no submundo. Porque são novos, parecem de alguma forma mais intrigantes. Porque são novos, parecem de alguma forma mais poderosos. Oh, o meu eu superior, isso… sim, já passámos por aí. Precisam de uma relação mais profunda com o vosso eu superior. Eu superior? Já tenho uma relação.

E estamos tão familiarizados que me identifiquei tão de perto que ele não é mais do que eu. Nem mais poderoso, nem mais importante do que este pequeno eu aqui. A familiaridade. Não acontece só com o eu superior. Se se recordarem de quando conheceram pela primeira vez a vossa criança interior, que emoção, que excitação, que maravilha. Tudo ia ser diferente, absolutamente. A panaceia da vossa vida ia acontecer. E quando isso não aconteceu, e quando agora já passaram anos, e alguém diz: sabem, deviam falar com a vossa criança interior. Ah, sim, sim. Já fiz isso. Já lá estive. Já tratei disso. Próximo.

A familiaridade pode diminuir.

E o fenómeno da assimilação. Tornou-se tão parte de mim. Tornou-se tão parte de mim que talvez o tome como garantido. Ou talvez o tenha diminuído, tal como me diminuo a mim próprio. Estes fenómenos — melhor, estes fenómenos de projeção, familiaridade ou assimilação — podem interferir com uma relação mais profunda. Podem não interferir com a relação atual. A relação atual está bem. Porque haveria eu de agitar as águas? Para que possam abrir-se e acender a jornada do coração. Porque não estão aqui apenas para ter uma relação simpática com o vosso eu superior. Estão aqui para crescer, para evoluir, para mudar, para evoluir. Para que, no espaço-tempo ou para além dele, possam tornar-se um com o vosso eu superior. Para que possam tornar-se o vosso eu superior, dito na vossa linguagem.

Quais são algumas dessas projeções? Alguns de vocês quiseram que o vosso eu superior fosse — e portanto projetaram, assimilaram ou tornaram-no familiar como — um pai ou uma mãe. A mãe ou o pai que gostariam de ter tido. Que a criança adaptada ou o adolescente em pânico idealizou como a mãe perfeita, o pai perfeito. Que vos vai cuidar e ser vosso pai ou vossa mãe. E talvez isso fosse importante. Talvez precisassem disso na altura. Mas ficaram presos a isso, ou isso diminuiu para algo como: o meu eu superior é como um pai, como uma mãe. E eu vou ter com ele como uma criança.

Outra projeção é a do super-herói. Não necessariamente a personagem de banda desenhada com um grande S no peito, ou uma Mulher-Maravilha, ou o que for. Mas não muito diferente do super-herói. O super-herói que salta edifícios altos, que pode fazer tudo e mais alguma coisa e que cuida de vocês. Em que vocês podem ser o pequeno príncipe ou a pequena princesa. Podem ser aquele ou aquela que o super-herói protege, que luta todas as vossas batalhas por vocês e trata de tudo por vocês e gere a vossa vida por vocês, em vez de serem vocês a fazê-lo. Fizeram do vosso eu superior uma espécie de super-herói, através da projeção, ou da assimilação, ou da familiaridade.

Alguns de vocês, em vez disso, criaram um eu superior que emula — se não aparece mesmo como — figuras religiosas. O meu eu superior é Maria. Só para o caso de a Igreja ter razão. Sabem… querem afastar-se, mas não demasiado. Querem deixar algumas migalhas pelo caminho de volta. Só para o caso de, aos 95 anos, com medo de morrer, o quererem como figura religiosa das religiões que existem agora. O vosso eu superior conselheiro é a Mãe Divina. Ou talvez não das religiões tal como as conhecem, mas o meu eu superior é Deus. O meu eu superior é a Deusa. Ela própria é o meu eu superior. Bastante impressionante.

Omnisciente. Tudo sabe, tudo vê, tudo faz. Por mim… sim, essa é a outra parte. Por mim.

Há ainda quem, nesse estado, queira projetar ou assimilar um eu superior como cúmplice, como amigo, como companheiro. Somos amigos, eu e o meu eu superior. Somos assim, sabem? Como duas ervilhas na mesma vagem. Bem, somos assim. Sentamo-nos a beber umas cervejas juntos. Contamos anedotas juntos. Somos amigos. Ou somos companheiros, confidentes. Contamos segredos um ao outro. Falamos sobre fulano e o que ele fez e quem ele é. Falamos todas as tardes sobre como foi o teu dia. Foi bom. E o teu? E estamos ali, amigos.

Uma projeção de cúmplice, de irmão ou irmã. O irmão ou a irmã que nunca tiveram. O amigo que a vossa criança ou o vosso adolescente nunca teve. O companheiro que gostariam de ter tido. Pode também ser fantasia.

E algumas pessoas projetam o eu superior como fantasia, um conceito interessante, um complexo fascinante. Uma fantasia. Não acreditam realmente que o eu superior seja real. Pensam apenas que é um método, um meio de comunicação. Um método e um meio de chegar à minha voz interior. Um método e um meio. Portanto, está bem, está bem, se querem chamar-lhe eu superior, chamem. Eu e o meu eu superior. Mas eu sei que é apenas uma fantasia. Sei que é apenas um complexo psicológico, uma estratégia. É só uma forma específica de me conhecer a mim próprio. O meu eu superior. Uma fantasia que uso como técnica interessante.

Mas há ainda este fenómeno — ou estes fenómenos — em que o meu eu superior é a minha persona. Ou a minha sombra. Muitas vezes a minha sombra luminosa, sim. A minha persona. O meu eu superior é a minha outra metade, a minha metade melhor. É o meu alter ego. As partes de mim que eu gostava de ser, mas tenho medo de ser. E então o meu eu superior é toda a minha dinâmica expansiva, enquanto eu sou tão tímido e brando. Ou é o meu eu calmo e gentil, enquanto eu sou tão expansivo. É a minha persona ou a minha sombra. Na maioria das vezes a minha sombra positiva. O eu que eu desejo, que eu espero ser.

Às vezes pode ser também a minha sombra escura. Posso ter um eu superior muito mal-humorado e sombrio. Posso ter um eu superior muito rápido de língua, mordaz, sarcástico. Muitas vezes isso é a minha própria sombra escura, com a qual de alguma forma tenho de lidar. Posso ter um eu superior que algumas pessoas pensam que é punitivo e doloroso para o meu próprio bem. Que me ensina lições com medida dura e rigorosa. O que muitas vezes é a

projeção, ou assimilação, ou familiaridade da própria persona. Da própria sombra. Clara ou mesmo escura.

E há também a projeção potencial de que o meu eu superior é "agradável". Entre aspas. É simpático. É doce. Ele é um homem tão doce. Tão simpático. Ela é uma mulher tão doce. Tão simpática. Tão segura. Nunca dirá nada que me possa perturbar ou contradizer. Nunca dirá nada que eu já não queira ouvir. Só quero que o meu eu superior seja assim uma espécie de pessoa simpática, neutra, tipo papinha. Que se dá bem com toda a gente.

Ora, estas projeções, se o forem, ou assimilação, ou a forma como as assimilaram, que portal abriram para que ele viesse por aí, todas estas familiaridades, não significam que estejam errados ou que sejam maus. Não significam que nunca tenham sido tocados pelo vosso eu superior. Não. Significa que, quando começaram a interagir, era desta forma que precisavam. Porque precisavam de ver onde estão as lacunas. Ao querer os pais que nunca tiveram. Ao querer que alguém fosse o vosso herói, para que pudessem ser o príncipe ou a princesa de alguém. Que precisavam que o vosso eu superior parecesse essa figura santa ou religiosa, talvez para aliviar a culpa por se afastarem da religião da infância, ou das convenções, ou do consenso. Que iam ser rebeldes, mas não demasiado. Que iam sair fora, mas não demasiado fora.

Talvez fosse aquele irmão em falta, como dissemos. Ou aquele companheiro, aquele amigo. Alguém que vos ouve sem julgar. Talvez fosse fantasia. Ou persona, ou sombra. Ou aquela simpatia segura. Era disso que precisavam. Mas já não precisam disso. Vocês cresceram. Mudaram. E agora é tempo de deixarem de lado essa personificação — ou melhor, essa assimilação, ou essa familiaridade, ou essa projeção — para que possam sentir uma relação mais profunda, mais real, mais significativa, mais profunda.

Mas alguns de vocês já sabiam disso. Já viram isso. Perceberam isso há anos. E as mudanças foram feitas. E, vejam só, o vosso eu superior parece diferente. Ou de repente surge e parece ser de outra forma. E isso já não é uma questão para vocês. Não estamos a dizer que cada um destes casos se aplica a todos. Mas é aí que devem olhar.

Precisam de estar conscientes: isto é uma projeção? Ou uma familiaridade? Ou uma assimilação de que preciso de ter consciência, para aprender, para mudar, para crescer? Para que isso possa mudar e crescer? Para que a minha relação possa mudar e crescer, tal como a minha experiência do meu eu superior também muda e cresce?

A segunda área de que precisam de estar conscientes, atentos, é a questão da confiança. Confiar no meu eu superior. Uma questão universal. Confiar no meu eu superior. É importante. Absolutamente. É vital.

Mas para olharem para isso, primeiro precisam de olhar para o que não é confiança, embora assim lhe chamem. A confiança distorcida, que se disfarça. Quando falámos há um mês, sugerimos que parte do acertar contas e pôr a conversa em dia tem a ver com a vossa relação, não apenas com o futuro, mas com a vossa relação com a confiança.

O que é confiança para vocês? O que querem dizer quando dizem: eu confio em ti? O que querem dizer quando dizem: eu estava apenas a confiar em ti? O que querem dizer quando dizem: eu quero confiar em ti?

O que querem dizer?

Para alguns, confiança é um eufemismo. Um disfarce para perfeição. Aquilo que realmente querem, aquilo que realmente estão a pedir. O que eu estou mesmo à procura é de que vocês sejam perfeitos. E, portanto, eu superior: para eu confiar em vocês, vocês têm de ser perfeitos. Estáticos. Estagnados. Imutáveis. Totalmente familiares. Sem surpresas. Vocês têm de ser perfeitos. E se não forem perfeitos, como é que eu posso confiar em vocês? Se um bocadinho de informação que eu recebo de vocês é errada, como é que eu posso confiar em vocês? "Mas eu confiei no meu eu superior, e ele disse-me isto, e estava errado. Como é que eu posso voltar a confiar nele?"

Vocês não estão à procura de confiar. Estão à procura de que ele seja perfeito. Só lhe chamam confiança. Porque são espertos o suficiente para não dizerem que ele devia ser perfeito. Disfarçam a vossa exigência de perfeição, talvez, e chamam-lhe confiança. E se fazem isso com pessoas, muito provavelmente fazem isso com o vosso eu superior. Se, quando dizem "eu quero confiar em ti", a outro ser humano, o que eu estou realmente a dizer é: "eu espero que sejas perfeito", e se fores menos do que perfeito, a minha confiança em ti fica destruída. Isso não é confiança. Isso é a perfeição que vocês estão a exigir.

Outro desvio, outro preço para ele: confiança como controlo. Eu não estou realmente a querer uma relação de confiança com o meu eu superior; eu estou a querer uma relação de controlo. "Tens de ser perfeito. Em vez de 'Jesus, eu quero confiar em ti', é 'eu tenho de confiar em ti'. Portanto eu quero controlar. Faz à minha maneira. Faz o que eu quero. Diz-me que eu tenho razão. Deixa-me estar no controlo da nossa relação. Deixa-me decidir o que vais fazer e o que vais dizer, para eu poder confiar." Mas o que eu realmente quero dizer é: para eu

poder controlar-vos. E controlar a nossa relação. E controlar o que acontece entre nós. E quando eu não consigo confiar, isso justifica o controlo, não justifica?

Isto torna-se uma situação em que eu quero controlar como pagamento de dívidas antigas. "Eh pá, eu confiei em alguém uma vez e magoei-me. E portanto, quando eu confiar em ti, tens de compensar a ferida que me fizeram. Tens de compensar a dor que me causaram. Eu confiei na minha primeira grande professora e ela não esperou que eu crescesse e casasse com ela, e portanto eu senti-me abandonado. E portanto eu tenho de te controlar, para nunca mais me sentir abandonado." Isso justifica. Isso nobilita. "Eu sou ressarcido." E quando é isso que a confiança é, "agora eu quero confiar em ti". Estão a ouvir-me? Estão a ouvir-me? "Eu quero confiar em ti. Agora eu estou a confiar em ti."

Mas porque é que vocês se sentem tão encurralados? Tão controlados? "Mais vale fazer à maneira deles, senão eu vou 'destruir-lhes a confiança'. E eu não quero ser responsável por isso." Portanto é melhor eu corresponder ao que eles querem que eu seja e ao que eles querem que eu faça, à maneira deles. "Olha, eu sofri uma vez, portanto não faças isto, isto, isto, isto, isto, isto, isto, isto, isto, isto, isto, isto, porque isso pode magoar-me. Tens de pagar a dívida."

E isto pode aplicar-se. É difícil desligar o que vocês fazem na vida do dia-a-dia quando isso também envolve o vosso eu superior. Alguns de vocês, ao quererem confiar no vosso eu superior, talvez não estejam a pedir que ele seja perfeito, mas querem que ele faça à vossa maneira. Que pague a dívida. Que compense toda a dor que alguma vez sentiram. Todo o sofrimento. Todo o abandono. Toda a confusão. Toda a incerteza. E portanto querem controlar. Mas chamam-lhe confiança.

Outra coisa é a fé cega. E quando vocês dizem "eu estou a confiar em ti", o que querem realmente dizer é: "eu vou pôr fé cega em ti" ou "vou fazer-te responsável pela minha realidade". É aqui que nós brincamos com isto, sabem? Quando estão a tentar ver "o meu eu superior ama-me?", ok, "vou dar um passo para a frente de um autocarro, e se ele me ama mesmo, ele vai salvar-me. Vai arrancar-me das mandíbulas da morte", etc. E nós brincamos com isso. Como, quando vocês levam com o autocarro e ficam ali estatelados, o vosso eu superior passa e diz: "porque é que fizeste isso?" "Tu era suposto salvares-me, para prova do teu amor. Eu pus fé cega em ti. Eu fiz-te responsável pela minha realidade. E é isto que eu recebo em troca." Pois. Absolutamente.

Vejam, porque aquilo que vocês estão aqui nesta vida para fazer é ser responsáveis, não é? Não é essa uma grande parte disto? Portanto, se vocês

decidem "eu já não vou ser responsável. Vou pôr-me à frente de um autocarro", isso pode equivaler a decidir "eu quero morrer". Vocês quiseram. Mais uma vez, tiveram sucesso a criar a vossa própria realidade. Mas… mas… mas… isso não é confiança. Isso é fé cega. Que basicamente diz: "tu és responsável pelo que me acontece." E depois, claro, há aquilo que é castigo.

Há quem use "confiança" como um bastão para punir. Para produzir culpa. Para controlar. Para deslocar responsabilidade. Para exigir perfeição. Castigo e manipulação por muitas razões. E portanto: "eu vou confiar em ti. Mas eu confiei em ti. Como é que me pudeste fazer isto?" A tentar pôr-vos culpados. A tentar manipular. Mas a chamar-lhe confiança.

E por isso torna-se útil. Para alguns, é aqui que precisam de olhar a fundo. Para outros, "sim, eu vejo isso; eu não faço isso; para mim a confiança não é isso". Não é um castigo disfarçado. Nem um direito disfarçado. Não é uma fé disfarçada, nem uma transferência de responsabilidade, nem controlo, para exigir pagamento ou perfeição. Mas para alguns de vocês é aí que isto se enreda, se prende, na vossa relação.

Em terceiro lugar, nós falámos esta manhã sobre criar relações amorosas que parecem como se já as conhecessem. Como se sempre as tivessem conhecido. Relações amorosas em que se sentem completos. Relações amorosas sem as quais não conseguem viver. Este tipo de relação amorosa é uma expectativa de relação com o vosso eu superior. Não apenas a personificação dele.

"Eu quero que a nossa relação seja como se já estivesse totalmente conhecida, como se sempre tivesse estado lá, de tal forma que eu me sinta completo, de tal forma que eu não consiga viver sem ela." Mas vejam: este objetivo pode ser uma expectativa de relação constrita. A motivação — talvez outra forma de dizer — pode estar errada, pode estar desviada, distorcida. E isso magoa.

Algumas pessoas querem que o seu eu superior, e a sua relação com o eu superior, seja de tal forma que "eu já a conheço". Que "eu já conheço esta relação". Até com alguém que eu conheço. "O meu melhor amigo é o meu eu superior." "O meu guru ou professor do passado é o meu eu superior." "Lázaro é o meu eu superior." (Não o vosso eu superior, nem o vosso amigo.) "Jesus é o meu eu superior." Voltamos à figura religiosa projetada. Alguém que eu já conheço.

E muitas vezes isso, como motivação negativa, vem da falta de cuidado na vossa vida. Ou não foram suficientemente cuidados em criança, em adolescente,

ou na vossa vida atual não estão a receber cuidado suficiente. Ou parece que não estão, ou de facto não estão. Não estão a receber cuidado suficiente. E então, por medo de falta de cuidado, eu quero que o meu eu superior seja alguém que eu já conheço. E quero que a relação amorosa entre nós seja familiar. Que eu já entenda. Quero que seja uma familiar. Uma projetada. "Quero que seja uma de pai/mãe. Quero que seja uma relação de super-herói."

Quero que seja por aquela lista fora, daquilo que a familiaridade pode produzir. Porque eu quero que a relação seja uma que eu já conheço. Porque se for, vejam, então eu não tenho de trabalhar para a desenvolver. Então eu não tenho de trabalhar para a criar. Então eu não tenho de ter medo de não ser cuidado. E eu vou receber o mimo e vou receber o cuidado de uma relação que eu reconheço. Eu não vou ter de me provar outra vez. Eu não vou ter de estar à altura. Eu quero que seja uma que eu já conheço. Assim eu não tenho de me perguntar se vai resultar, porque tenho medo de não receber cuidado suficiente.

Outra expectativa desviada é: "é como se sempre nos tivéssemos conhecido." "Desde o momento em que nos encontrámos, quando os meus olhos tocaram os teus olhos, nós conhecemo-nos. E tudo voltou a mim. É uma relação que eu sempre conheci." É um conceito bonito, mas pode ser desviado e distorcido. E fala da falta de segurança e da falta de estabilidade em relações amorosas na minha vida.

Vejam: eu quero que esta relação com o meu Eu Superior seja uma em que, não é que eu já a conheça, mas que assim que eu a tenho, é como se sempre tivesse sido intemporal, desde sempre, desde tempos imemoriais. Agora, na verdade, a relação com o Eu Superior é assim. Mas quando vocês a querem desse modo, colocando uma expectativa torcida de "assim vou estar seguro, assim vou estar protegido, sempre foi, sempre será, eu não a posso estragar, eu não a posso arruinar"… vejam, eu quero acreditar que não tenho qualquer impacto negativo no meu Eu Superior, e portanto não tenho impacto nenhum. Eu prefiro pensar que não há nada que eu possa fazer para o irritar, para o chatear, para o magoar, para o fazer sentir desapontado.

Eu quero saber que, faça eu o que fizer, é aquela ideia toda de alma gémea. Eu quero a minha alma gémea, porque assim eu não tenho de ser responsável. Vai ser seguro e estável. E se eu estragar tudo, bem, como é a minha alma gémea, ela vai compreender. Eu quero que Deus escolha o meu par. Eu quero que Deus decida com que pessoa eu devo viver o resto da vida. Assim, se eu for um total desastre na relação, "eh pá, Deus escolheu-nos para estarmos juntos". Estou seguro, estou protegido. Eu quero que esta relação pareça como se sempre tivesse existido, para eu não ter de me preocupar em estragá-la.

Outro componente é: "eu quero essa sensação de me sentir completo e inteiro". Quando eu encontro o meu Eu Superior, pumba, eu quero essa inteireza. Pumba, eu quero essa completude. E, outra vez, pode ser uma energia muito bonita e poderosa, mas também pode ser distorcida por uma motivação: se eu quero que o meu Eu Superior seja os aspetos de mim que eu não sou.

Quando eu tinha cinco anos, o guerreiro em mim apareceu. E três dias depois o meu pai foi-se embora. E eu esmaguei o guerreiro em mim, porque a criança de cinco anos concluiu que, se o guerreiro aparecia e o papá ia embora, então era melhor eu nunca mais ser guerreiro. E então o meu guerreiro, eu nego-o, eu recuso-o; o meu Eu Superior pode ser o meu guerreiro, pode ser o meu herói. E quando eu sou isso, então eu estou completo, para preencher os buracos nos aspetos em falta do Eu, nas faces em falta do Eu. É isso que eu quero, essa completude, que de alguma forma eles sejam aquilo que eu não sou.

Eu quero que esta relação seja uma sem a qual eu morreria, uma sem a qual eu não conseguiria viver. E há uma beleza nisso, há. Mas há também, do lado negativo, a transferência de responsabilidade. "Eu morro se tu me deixares. Eu mato-me se tu fores." Eu estou a passar a responsabilidade da minha vida para vocês. E portanto, embora provavelmente vocês não o digam assim, exatamente, em relação ao vosso Eu Superior, alguns já disseram isso exatamente. "Eu quero este amor como um sem o qual eu não consigo viver", para eu não ter de ser responsável, para que vocês sejam responsáveis por viver a minha vida.

E vejam: estas expectativas muito bonitas, em relação à relação com o vosso Eu Superior, podem vir de um desvio, podem ficar desviadas, porque vêm de um lugar distorcido em vocês. E, outra vez, se vocês olharem para isso e disserem "eu vejo que foi assim que eu senti", no passado, não julguem isso como mau ou errado. Avaliem-no, sim. Mas percebam: "é isto que eu preciso de curar agora". Eu quero curar a parte de mim que não recebe cuidado suficiente. Eu quero curar a parte de mim que está tão presa à necessidade de segurança e estabilidade. Eu quero curar essa parte e encontrar esses aspetos em falta em mim, para que eu possa ser inteiro. E, sendo inteiro, envolver o meu Eu Superior de forma completa e ligada.

E se for o caso de eu estar a transferir a responsabilidade, eu perdoo-me, lembro-me de quem eu realmente sou e peço a cura, para que eu possa, com elegância, tão depressa quanto me for possível, assumir cada vez mais responsabilidade pela minha realidade. Mas é importante, não porque isto seja a vossa armadilha, mas é importante tocar nisso no desenvolvimento dessa relação mais íntima, dessa relação mais amorosa, dessa relação mais mágica,

com um maior sentido de escolha, com um nível mais alto de mistério, misticismo e milagres, com um maior sentido de majestade e um sentido magnificente de estar com o meu Eu Superior. Tocar nas possíveis projeções, assimilações, familiaridades. Tocar nas possíveis torções daquilo a que chamam confiança, mas que não é confiança de todo. Tocar, olhar para as expectativas da relação, procurar as torções ou tensões que possam estar lá. Diagnóstico, diagnóstico, diagnóstico no vosso caminho.

O quarto componente que mencionámos, de que falamos, é um paradoxo, outra vez: compreender e lembrar-se de que vocês personificam o vosso Eu Superior, mas o vosso Eu Superior não é uma pessoa. É valioso personificarem o vosso Eu Superior. Dá-vos um ponto de foco, dá-vos um ponto de relação, dá-vos um certo terreno comum com que trabalhar, que é muito mais viável para vocês. Mas, ao mesmo tempo, é importante lembrar-se, ou periodicamente recordar-se, de que mesmo que personifiquem o vosso Eu Superior, ele não é uma pessoa.

Quando falamos, por exemplo, de fusão, falamos de visualizar, imaginar. Imaginem este pontinho de luz que se torna uma elipse vertical, uma miríade de brilhos de amor, uma miríade de brilhos de luz. E nós dizemos-vos: mas não é assim que nós parecemos. Não é isso que nós realmente somos. Nós não temos forma nenhuma. Não temos fronteira nenhuma como vocês pensam uma forma. Nós escolhemos esta bola de luz, e explicámos há anos porquê, e por isso está tudo bem se vocês a inventarem. "Bem, eu não vi literalmente essa bola de luz, eu só fingi que vi." Ótimo! Nós também!

O vosso Eu Superior personifica-se porque vos ama, mas não é uma pessoa. Vocês são. Ele não é. Entendam, antes de mais, que ele trabalha em símbolos e metáforas porque é assim que a vossa realidade é. A vossa realidade é uma ilusão. É um reflexo. É um reflexo do mais real.

O vosso Eu Superior fala em palavras dentro da vossa mente, ou parecendo fora. Fala em símbolos. Fala em metáforas. E relaciona-se e responde em símbolos e metáforas. Fala na vossa linguagem. E se não for a língua inglesa, então fala convosco na vossa língua. Fala convosco na vossa língua, que é linear. E por isso as palavras nem sempre encaixam. As palavras nem sempre encaixam.

É importante lembrar-se de não tornar os símbolos e as metáforas demasiado concretos. Deixem-nos ser fluidos. Deixem-nos ser flexíveis. Não os tornem absolutos.

"O meu Eu Superior disse que se sente como um vegetal. Portanto sente-se como um vegetal, ponto final." Isso é símbolo de quê? "O meu Eu Superior

pareceu distante hoje. Isso significa que já não gosta de mim? Está a manipular-me? O meu Eu Superior manipula?" Não. Vocês é que manipulam. Mas ele não. "Ele é capaz de manipulação?" Sim. Mas escolhe não o fazer. Pensem: integridade total.

O vosso Eu Superior tem espaço dentro dele para vocês completamente. Com todas as vossas manipulações e todos os vossos jogos e todas as vossas mentiras e todo o vosso martírio e toda a vossa autocomiseração. É capaz, mas não faz essas coisas. Vocês fazem isso, mas ele não. E, à medida que permitem esse espaço em vocês próprios, também com a vossa integridade podem fazer a escolha de não o fazerem. Mas a questão é esta: ele trabalha com símbolos. Trabalha com metáforas. Usa a vossa linguagem, que muitas vezes é inadequada. E por isso é importante aprender com os símbolos da metáfora, encontrar o significado e a importância e o valor deles, e dar-lhes significado, importância e valor, para ir para além do significado e da importância, para um valor que existe onde significado e importância não existem.

É importante usar essas metáforas e esses símbolos, mas não os tornar demasiado absolutos, não os tornar demasiado concretos, permitir que sejam alegóricos, permitir que sejam analogias, em vez de absolutos. Ele não é humano. Não é uma pessoa. Mas é personificado e parece humano, porque o vosso Eu Superior vos ama.

Em segundo lugar, é importante lembrar-se de que a vossa experiência de forma, a vossa experiência do vosso Eu Superior, é uma expressão e um reflexo de algo que é mais real. E portanto é uma expressão e um reflexo de algo menos real. Por mais belo que o vosso Eu Superior seja, isso é uma ilusão menos real do que a sua verdadeira beleza. A expressão e o reflexo que vocês veem é uma expressão e um reflexo da vossa limitação. Pode ser uma visão muito expandida, mas é mais… vocês nunca vão sentir plenamente o vosso Eu Superior a partir de dentro do espaço-tempo. Por mais expansivo que seja, nunca será completo, porque é mais real do que isso. E por mais maravilhoso que seja, esse maravilhamento continua a ser uma expressão e um reflexo da vossa visão limitada.

Entendam também que o vosso Eu Superior pode não se expressar pelos sentidos familiares. Porque vocês não estão abertos à vossa imaginação, por exemplo, ou ao vosso sentido de equilíbrio, o vosso Eu Superior pode expressar-se nesses sentidos que vos são pouco familiares. "Eu não consigo ver o meu Eu Superior." Sim, mas conseguem imaginá-lo? "Sim, sim, mas eu não o consigo ver." Conseguem sentir a força vital dele? "Sim, sim, ele está mesmo ali, mas eu não o consigo ver." Eu ouço o que ele diz, ouço a voz dele, sinto o calor dele,

mas eu não o vejo, eu não o consigo ouvir… eu não cheiro nada, e quando eu toco, não há nada lá. Outros sentidos para além dos familiares que vocês depois podem personificar na vossa visão e no vosso som e no vosso cheiro, no vosso toque e no vosso gosto. E isso é uma expressão e um reflexo de uma visão limitada — ainda que expansiva — limitada.

É importante lembrar-se de que, por mais que o vosso Eu Superior seja, ele é mais, mais real, e mais. Ele trabalha com símbolo, trabalha com metáfora. Trabalha com a vossa linguagem, que muitas vezes é demasiado limitada para expressar plenamente. Ele usa as vossas palavras. Não tornem esses símbolos e metáforas, e não tornem a linguagem demasiado concreta. Com significado, com valor, com importância, sim, mas não demasiado concreta. Deixem a fluidez e a flexibilidade. Ele é uma expressão e um reflexo de algo menos do que inteiro, de algo menos do que real. Por mais que ele seja, ele é mais.

Entendam que ele tem uma gama completa de emoção que é muito mais expansiva do que a vossa. Ele sente emoções para as quais vocês não têm palavras, ou não têm maneiras de descrever que façam sentido no vosso mundo. Incertos das emoções, eles sentem de forma diferente de vocês. O vosso Eu Superior, por exemplo, pode sentir dor, mas não é o mesmo tipo de dor que vocês, como seres humanos, têm. Ele não é humano. Está para além do espaço-tempo. E portanto, a sua gama de emoção, embora mais completa do que a vossa, está muitas vezes numa oitava muito mais alta e, portanto, sobrepõe-se, mas não é a mesma.

Por exemplo, na nossa realidade, nós não sentimos raiva. Nunca estivemos com raiva, porque nunca houve um "houve" na nossa realidade. Vejam, não há passado. Não há futuro. É tudo agora. Não há tempo. Não há espaço. Não há linearidade. Nós nunca estivemos com raiva. Nunca estaremos com raiva. Não estamos com raiva.

"Porquê isso, Lasanha? Estás a negar que estás com raiva? Isso é parte da tua sombra negra? Vais a alguém por causa disso? Há um livro sobre sombra que talvez queiras." Nós não somos humanos. Nós não temos aquilo que, na vossa realidade, é o eu-sombra. Nós não temos partes do nosso eu para negar, porque não há onde as pôr. Vejam: vocês põem a vossa raiva dentro do vosso corpo, nas vossas articulações. Põem-na aqui. Põem-na ali. Escondem-na em memórias. Escondem-na em todo o tipo de sítios, porque vocês têm espaço — ou acham que têm — na vossa realidade. Nós não temos espaço. Onde é que vocês vão pôr alguma coisa quando não há espaço? Vocês lidam com isso. No momento.

Nós não temos sombra. O corpo do canal tem sombra, mas nós não, no sentido da palavra. Isso não é "melhor do que". É diferente. E nos nossos níveis, vocês também não têm uma. Mas vejam: se vocês atribuírem demasiada humanidade ao vosso Eu Superior, ele, sem dúvida, não sente raiva, mesmo que vocês sintam. Ele é capaz disso. Mas na realidade dele, na integridade dele, escolhe não o fazer.

Nós podemos expressar-nos como se estivéssemos com raiva. Podemos fazê-lo sem sequer dizer nada. "Não fiques com raiva." Talvez pareça isso na vossa realidade. Talvez seja essa a interpretação. E isso é compreensível. Nós não vos tiramos isso. Mas vejam: como nós temos uma gama completa de emoções que são muito diferentes das vossas, mesmo que houvesse palavras para as descrever como se fossem as mesmas, elas não seriam necessariamente as mesmas que quando vocês sentem essa emoção descrita por essa mesma palavra.

Sabem, romã. Sabem, romã… antigamente chamava-se uma maçã. Uma maçã e uma romã, na vossa realidade, são duas coisas diferentes. Bastante diferentes. Mas houve um tempo em que romã e maçã eram a mesma palavra. A mesma… bem, uma emoção — dor, raiva, chateado, feliz, alegre, aliviado — tem significado no vosso mundo. E pode ter significado no mundo do vosso Eu Superior, mas é um significado diferente, talvez. E portanto vocês têm de estar abertos e fluidos para entender que não devem humanizar demasiado a personificação.

E entendam também que tudo o que vos chega do vosso Eu Superior vem filtrado. Filtrado através do vosso próprio enquadramento, das vossas memórias, dos vossos mitos, das vossas visões, dos vossos sonhos. Filtrado através do vosso subconsciente, com as crenças e atitudes ali programadas, com os pensamentos e sentimentos, com as matérias-primas e as ferramentas e tudo o que lá está guardado; o subconsciente filtra isso. É filtrado através dos vossos vórtices, através dos vossos centros de chakra, através dos vossos sentidos do corpo, ou dos organismos de sentir no vosso corpo. E é filtrado através do tempo e do espaço. Ilusões, sim, mas ilusões eficazes no vosso mundo.

E, nesse sentido, quando tiramos isto desse campo, nós já dissemos de vez em quando: a primeira palestra que nós alguma vez damos e a última palestra que nós alguma vez damos já aconteceram. Está feito. Já foi feito. "Então qual é a última coisa que vocês vão dizer?" Bem, se a dissermos, acabou. Nós brincamos com isso. Brincamos com isso. "A última coisa que vamos dizer é amor e paz." Mas a questão é que é tudo sem tempo e sem espaço. Só que, para trabalhar convosco, nós temos de trabalhar com tempo e espaço. Por isso

parece que estamos a falar de forma linear. Uma palavra a seguir à outra. E nós fazemos isso.

Nós vemos frequências de vibração. Às vezes ficam assim todas esmagadas umas nas outras. Às vezes parecem inverter-se. Mas, o melhor que podemos, pomos isso numa certa ordenação, numa frequência, para que vocês consigam perceber. E isso é filtrado pelo vosso tempo e pelo vosso espaço. É filtrado pelo vosso enquadramento, pelo vosso subconsciente, pelos vossos centros de chakra e pelos vossos aparelhos de sentir. Não só os vossos olhos para ver, os vossos ouvidos para ouvir, mas os vossos aparelhos de sentir. Portanto, com o Eu Superior, é assim.

E é importante não usarem nada do que estamos a dizer para diminuir; é para compreender e para criar mais fluidez. Ele ama-vos. E portanto, se vocês precisam que ele pareça um pai ou uma mãe, ou um cúmplice, ou um super-herói, ele faz isso. Não para vos enganar, mas para chegar a vocês, para vos tocar. "Então porque é que ele não podia simplesmente vir como ele é?" Porque ele vos ama. Ele escolhe não vos esmagar. Ele escolhe não vos forçar. Ele escolhe não vos encurralar para aceitarem.

Ele não quer que vocês o amem porque têm de amar, ou porque é tão esmagador, ou porque não conseguem encontrar maneira de não amar. Ele não vos força. Ele não vos esmagará. Como dissemos na outra noite: ele vai mostrar tanto dele quanto vocês estiverem dispostos a ver, e da forma como estiverem dispostos a vê-lo.

Mas se vocês conseguirem tocar nos possíveis fenómenos de projeção, assimilação e familiaridade, e levantá-los, se lá estiverem… se conseguirem, de forma diagnóstica, tocar na torção da "confiança" e levantá-la, se lá estiver… se conseguirem ver qual pode ser a expectativa de relação torcida, por uma motivação menos saborosa, ou por uma motivação ainda não curada, para um amor que vocês já conhecem, que sempre esteve lá, que vos completa, e sem o qual vocês não querem viver… se conseguirem lembrar-se de que, embora ele se personifique, ele não é uma pessoa… então vocês conseguem deixar entrar mais dele.

Ele ama-vos. Ele não vai esmagar-vos. Ele não vos vai fazer crescer à força. Ele não vos vai obrigar a crescer. Ele não vai fazer isso por vocês. Porque isso não é amor. Isso é controlo. Isso é parentalidade. Isso é ser super-herói — que ele não é. Ele é muito mais para além desse paradoxo.

E então vocês podem abrir-se para perceber que a relação amorosa mais profunda com o vosso Eu Superior é uma relação que, de formas inesperadas e

desconhecidas, vocês já conhecem. Não porque seja familiar. Não porque o vosso Eu Superior acabou por ser alguém que vocês conheciam — ou talvez seja, mas por outras razões. A sensação vai ser: "eu já te conheço, e tu já me conheces. Sempre nos conhecemos, e sempre nos conheceremos por toda a eternidade. E juntos somos um." Individuais. Separados. Diversos. Únicos. Separados. Diferenciados. A integrar. A alcançar a unidade.

O amor é completo. É inteiro. Não precisa de ser mais — e será sempre mais amor. E não é que eu não consiga viver, mas eu prefiro, eu escolho, por preferência, que eu não consiga viver sem este amor. E portanto, não é que eu vá morrer, é que eu vou sempre amar.

As mesmas motivações, do outro lado do paradoxo, tornam-se bonitas. Confiança. Não na perfeição, mas confiança na experiência, nas opiniões, nas avaliações da experiência, no pensamento e no sentimento do que vocês sentem com os sentidos familiares, no pensamento e no sentimento do que vocês sentem com os sentidos comuns da imaginação e do equilíbrio.

Os pensamentos e sentimentos que vocês sentem com os sentidos pouco familiares. E confiança na relação, na interação, no "junto" de vocês e do vosso Eu Superior. Porque estas são as bases da confiança: experiência; avaliação e opinião — não julgamento, avaliação e opinião —; os pensamentos e sentimentos que vêm pelos vossos sentidos comuns. Visão. Cheiro. Toque. Sabor. Sentir.

O pensamento e o sentimento que vêm pelo vosso sentido comum de imaginação e de equilíbrio. E os pensamentos e sentimentos que emergem do vosso sentido pouco familiar — esta força vital, a voz, o calor, o movimento, a substância — coisas que nenhum dos vossos cinco sentidos comuns, ou cinco sentidos familiares, consegue distinguir, mas que vocês conseguem conhecer. É aqui e é isto em que a confiança se baseia.

Não é que o vosso Eu Superior seja perfeito na comunicação. Ele não vai ser perfeito na comunicação, porque a comunicação dele tem de passar pelo vosso enquadramento, pelo vosso subconsciente, pelos vossos vórtices de medição, pelos vossos chakras, e pelo vosso tempo e espaço, usando a vossa linguagem linear, usando símbolos e metáforas que vocês podem não entender exatamente da mesma maneira que ele pretende. E portanto, a comunicação, a informação, não vai ser perfeita.

Mas a relação ainda pode ser digna de confiança. Porque como nós interagimos, como nos relacionamos, como nos tocamos, isso eu tenho

experiência. Isso eu tenho sentidos — comuns, familiares e pouco familiares. E isso eu confio. A relação que eu tenho com o meu Eu Superior.

Abrindo-vos à complexidade: eu sou parte do meu Eu Superior. O meu Eu Superior é parte de mim. E é mais do que eu. Não melhor do que, mas mais do que eu. Com o tempo, eu posso trazer a inteireza de quem eu sou. E no espaço, eu posso trazer a inteireza de quem eu sou. E quanto mais inteiro, mais profunda é a nossa relação de intimidade. Porque quanto mais inteiro, mais eu consigo manter-me firme e oferecer. Manter-me em mim e oferecer.

Maior intimidade, maior amor, maior magia, maior escolha, maior misticismo, mistério e milagres. E mais profunda a majestade, e a magnificência de ser mais amado.

Para além desta vida, para além do espaço-tempo, eu posso tornar-me um, de modo que eu e o meu Eu Superior sejamos um. E eu continuarei a ser eu. E ele continuará a ser ele. E seremos um. É para aí que vocês vão. Para além do cume. E é para aí que vocês começam a ir com a jornada do coração: mais profundidade, para uma relação amorosa. Começando com a do vosso Eu Superior.

Está bem. Está bem. Bem, agora façam uma pausa, sim. Uma pausa de 20 minutos antes de irem. Intervalo de 20 minutos. Quando voltarem, vamos fazer uma meditação. Uma meditação que, onde quer que vocês estejam no contínuo da vossa relação — que pode ser muito suave e branda, muito poderosa e forte — onde quer que esteja, seja o que for que tenha ficado por resolver, raiva, ressentimento, incerteza, todas essas coisas intensas que vocês têm, onde quer que vocês estejam, uma meditação para curar, uma meditação para descobrir, uma meditação para aprofundar essa relação com mais amor, onde vocês possam permitir que o vosso Eu Superior vos mostre mais de quem ele é e do que ele é.

PERMITAM QUE SEJA REAL

Está bem, então, nós voltamos a olhar e também a ouvir. Porque vocês tiveram uma noite e tanto. Agora entendam, muitos de vocês já sabem isso: podem ter dormido mais profundamente do que nunca, sem se lembrarem de um sonho sequer, ou até de se virarem de um lado para o outro. E, no entanto, tiveram uma noite e tanto. Outros, para vocês, pode ter sido uma noite agitada, a subir e a descer, a subir e a descer, acorda e dorme, mas ainda assim, uma noite e tanto.

A medida não está em terem dormido bem ou mal. Não está em quão vívidos possam ter sido os sonhos. A medida está no vocês que vocês estão a tornar-se, à medida que se abrem — e se têm aberto — ao vosso Eu Superior a um nível mais profundo, rumo à vossa jornada do coração. E por isso, nesta manhã de domingo, nós olhamos e nós ouvimos.

Porque há muito para fazer hoje para ativar a vossa jornada do coração, para aprender como utilizar a vossa jornada do coração, para que aquilo que aconteceu aqui nestes dois dias de dezembro possa ser levado adiante para a vossa realidade, para a vossa ilusão, para aquele mundo lá fora, ativo e utilizado. No entanto, antes de entrarmos hoje no que há de novo para aprender e para viver, é manhã de domingo, e nós, num domingo de manhã, lembramos-lhes sempre de deixarem que isto seja real, de fazerem essa pausa esta manhã enquanto falamos, sim, mas também, de vez em quando, dentro da rotina da vossa vida, pararem. E, de vez em quando, no turbilhão de sucesso e maravilha — e mesmo quando parece que está tudo a correr no sentido errado — tirarem tempo para parar. E, nessa pausa, deixarem que isto seja real. E com estes dias, parar.

Deixar que seja real, como nós tantas vezes dizemos, não é uma técnica nova. Não é algo que precisem de acrescentar ao vosso conjunto de "prémios metafísicos". É algo que toda a gente, desde cedo na vida — certamente desde a infância, e talvez desde a própria infância muito precoce para alguns — já sabe exatamente como se faz. Porque, para tornar qualquer coisa real na vossa ilusão, para tornar qualquer coisa real dentro do espaço-tempo, trata-se de lhe dar dimensão, já que esta é uma realidade dimensional. Se vocês não estivessem numa realidade dimensional, isso não faria parte do "tornar real" ou do "deixar ser real". Mas como estão numa realidade dimensional, essa é a primeira pista e muitas vezes o primeiro passo para deixarem qualquer coisa — um acontecimento, uma atividade, um objeto inanimado ou aparentemente inanimado, uma relação, uma pessoa, uma situação — ser real: vocês dão-lhe dimensão.

Vocês dão-lhe comprimento, largura e profundidade. Vocês dão-lhe tempo. Vocês dão-lhe espaço. E assim com estes dias: acabam hoje quando nós concluirmos? É só isto que estes dias vão ser para vocês? Ou estendem-se por uma semana, até ao Natal, até ao Ano Novo, ou até que surja outra coisa antes disso? Por quanto tempo? Quão longos? Quão largos? Em quantas áreas? Aquilo que vocês aprenderam da jornada do coração: é algo que só vão viver quando se juntarem com os vossos amigos "metafísicos"? Ou vão estendê-lo? Talvez não no linguajar, talvez não numa tentativa de explicar a mais ninguém, mas a viver a vossa jornada do coração. Quão largo? Em quantas arenas da vossa vida? Para onde é que vocês vão levar estes dias? Que largura? E quão fundo? Quão rico? Quão cheio? Que tempo? E que espaço?

Porque é assim que vocês deixam que isto seja real. Deixando que importe. Deixando que importe. Deixando que tenha impacto em vocês: para vos mudar, para vos fazer crescer, para vos curar, para vos fazer evoluir. E vocês deixam que importe, deixam que tenha impacto, deixam que vos faça crescer e mudar e evoluir e curar, encontrando o significado e a importância, o valor já embutido seja no que for que vocês estão a deixar ser real. Mas não é só encontrar o que já lá está; é também dar ou criar significado, valor, importância.

E então, a estes dias: deem-lhes significado, deem-lhes importância, e deixem que tenham valor para vocês. Há significado e valor, há importância já embutida, sem dúvida. Encontrem-na como conseguirem, mas mesmo assim, mesmo que não consigam encontrar, ou não tenham a certeza de que encontraram, deem-lhe significado. Não o pesem. Deem-lhe significado. Deem-lhe importância e valor para vocês.

E da mesma forma, escolha. A escolha é tão crítica, tão chave. Vocês podem escolher deixar que estes sejam dois dias de fantasia. Podem escolher deixar que estes dois dias sejam técnicas interessantes, filosofia interessante, uma abordagem nova à realidade. E podem sentar-se, muito eruditos, muito académicos, a observar. Essa escolha vocês podem fazer. Ou podem escolher deixá-lo ser real. Podem escolher deixá-lo importar, deixá-lo ter impacto. Podem escolher dar-lhe essa dimensão.

E do mesmo modo, deem-lhe reflexão. Vocês estão numa realidade que é uma ilusão, uma ilusão de dualidade, onde o um se torna dois, para que possa referenciar-se, para que possa refletir-se, para que ele — vocês, neste caso — possam aprender. E por ser um que se tornou dois, não é real. Vocês sabem disso, mas não é real. É uma expressão, um reflexo, uma metáfora, um símbolo de algo que é mais real, que é mais real. Portanto, deem atenção a estes dias. Eles são uma forma de energia. Deem-lhes atenção para que possam crescer,

com intenção, com intenção de crescer e mudar, de evoluir, de encontrar esse impulso nas vossas criações de realidade e manifestação, esse levantar da vossa felicidade e do vosso sucesso, essa recompensa e abundância de magia e milagres.

Tomem ação. Não grande ação, não ação "mortal", mas tomem ação e permitam imagem — uma mudança, uma alteração na imagem —, como vocês se seguram, como vocês se imaginam. Não o que vocês dizem que imaginam, mas como vocês se imagem, se imaginam: autoimagem. Estas são as formas como vocês tornam qualquer coisa real na vossa ilusão. Estas são as formas que vocês aprendem desde crianças e ainda sabem. Apliquem estes métodos, estas técnicas que são segunda natureza — talvez primeira natureza — para vocês, a estes dias.

A cura dos vossos centros de chakra, que aconteceu ontem à noite. O vosso Eu Superior retirou o que estava gasto e ferido, gasto e ferido — não porque vocês sejam fracos, não porque sejam estúpidos, não porque sejam pouco evoluídos ou incapazes — mas porque vocês dão-se tão completamente às vezes que se esquecem, e dão, e dão-se, e cedem, e entregam-se. Vocês dão-se tão de coração, às vezes, que se esquecem e dão mais do que são, do que fazem e do que têm, de maneiras que vos esgotam. Claro que há alturas para dar o que têm e dar o que fazem, absolutamente. Mas às vezes vocês esquecem-se e não dão do vosso ser, e então acabam por se esgotar. E assim os vossos chakras ficam gastos e batidos.

E porque vocês são os fazedores de mapas, e porque vocês são os sonhadores e os tecelões do sonho — mesmo quando negam isso em vocês próprios, mesmo quando fingem que não, mesmo quando tentam convencer toda a gente de que isso "não é nada convosco" — é convosco. Não como nós brincamos com aqueles que querem convencer as pessoas à volta de que estão a dormir, por isso têm de ressonar para eles saberem: "eu não tirei nada disto." Vocês tiraram sim. E do mesmo modo, por mais que queiram fingir, para vocês e para os outros, "eu não faço mapas, eu não sou sonhador", vocês são. E muitas vezes é precisamente por não estarem conscientes disso, por não assumirem isso, que os vossos chakras se esgotam. Porque vocês sonham quer saibam quer não, vocês tecem sonhos, vocês criam visões e criam realidades, fazem-nas. Vocês são e fazem magia, mesmo que de vez em quando não se deixem beneficiar dessa magia. E quando negam isso em vocês, isso esgota-vos. Esgota-vos.

Por isso os vossos chakras ficaram esgotados e agora foram substituídos pelos chakras do vosso Eu Superior. "Agora espera lá, eles não são um ser

humano." Exato. Mas vejam: os vossos chakras não são órgãos físicos no vosso corpo, são etéricos. E portanto, os vossos chakras são mais reais do que vocês. Este corpo físico é apenas um reflexo do mais real. Os vossos chakras são mais reais do que vocês, e o vosso Eu Superior é mais real. E os chakras dele são mais reais. E ele deu os seus chakras muito reais a um centro muito real dentro de vocês.

E, à medida que vocês deixam isso entrar, à medida que dão dimensão e importância e escolha e reflexão, podem deixar que isso seja real. E ao fazê-lo, as próprias fontes da vossa segurança e do vosso prazer e da vossa gama de emoção, a própria câmara do amor em si, o vosso coração, a própria expressão e a própria intuição e sabedoria e a vossa própria ligação espiritual, podem mudar, podem transformar-se, podem ser novas, podem ser curadas.

E do mesmo modo, estes centros de chakra, que são os dispositivos de observação, os dispositivos de medição e observação desta ilusão — cada um calibrado para certas frequências de vibração —: o vosso primeiro chakra calibrado para apanhar tudo o que tem a ver com segurança; o vosso quinto chakra tudo o que tem a ver com expressão; o vosso sexto com sabedoria e intuição. E quando vocês mudam os dispositivos de medição, a vossa realidade muda. Deem essa dimensão, deem esse significado, importância e valor. Escolham.

Os vossos cientistas já o provaram, mas isso não importa. Cabe-vos a vocês escolher. A escolha é assim tão poderosa. "A ciência provou, portanto tem de ser assim." Só quando vocês escolhem. Só quando vocês escolhem. Os vossos cientistas, desde 1935, demonstraram de forma conclusiva que Newton estava errado na suposição de como a realidade funcionava, errado nos mecanismos e maquinaria de previsibilidade. É 1935 e, ainda assim, mais de metade dos vossos cientistas nem sequer aceita isso. Embora esteja provado, eles não escolheram. Portanto, nós não vos pedimos mais do que isso: escolham.

Os dispositivos, etéricos e portanto, mais reais, mudaram, e assim a vossa realidade pode mudar. A cura física de doença física, emocional, mental, uma tradição de mais de uma dúzia de anos: deixem que seja real. Onde quer que vocês estejam no contínuo — e vocês estão num contínuo — desde o "milagroso e instantâneo" até um ou dois de vocês que acham que não aconteceu nada, onde quer que vocês estejam nesse contínuo, deixem que seja real. Não demasiado real se vocês estiverem na ponta mais baixa, mas real o suficiente. Real o suficiente para ter substância, para vocês poderem mudar. Deixem que seja real.

Deem dimensão à cura. Seja como for que ainda não se tenha manifestado fisicamente, deem-lhe dimensão. Deem-lhe significado, importância, valor. Escolham e reflitam. Vocês têm um ritmo diferente. Para alguns aparece imediatamente, para outros demora dois ou três dias, para outros demora duas ou três semanas, e alguns de vocês não permitiram grande movimento, mas permitiram algum. Deixem que isso seja real.

Cada acontecimento na vossa realidade, cada ação, é um reflexo e uma expressão da vossa procura de amor. Como é que, na vossa ação de cura — pouca ou muita — vocês refletiram a vossa procura de amor? Deixem que seja real.

Não se façam mártires. Não decidam deitar fora a vossa medicação. Não desejem demonstrar ao mundo que estão totalmente curados recusando voltar ao vosso profissional. Isso não é demonstração de cura, isso é demonstração de mártir. Isso é demonstrar confiança como fé cega. Isso é demonstrar confiança como transferência de responsabilidade de vocês para algo ou alguém.

"Eu sei que estou curado e portanto, vou deitar fora a medicação, vou despejá-la pela sanita." "Eu sei que estou curado e portanto, não vou voltar para aqueles exames." "Eu não vou continuar com o meu profissional, seja qual for o método de cura em que eu estava envolvido." "Eu vou mostrar-lhes: vejam, vejam o quanto eu acredito, vejam o quanto eu confio, vejam o quanto eu me apoio no meu Eu Superior." Não. Nós não vemos isso. Nós vemos o quanto vocês se estão a fazer mártires.

E a usar esse martírio como anestésico para adormecer o vosso medo, porque vocês estão com medo de que não haja cura. E acharam que, se se pusessem à frente daquele autocarro e o vosso Eu Superior vos salvasse, então iam saber que ele vos ama. Se deitassem fora a medicação, se recusassem seguir o vosso plano de cura, e o vosso Eu Superior descesse em voo como o Super-Homem, ou como a Super-Mulher, a Mulher-Maravilha, e vos agarrasse, então "eu sei que sou amado". E quando o autocarro faz "splat", ou quando vocês fazem "splat", ele vai dizer: "porque é que fizeste isso?" Não se façam mártires.

Portanto, com essas "demonstrações" a que chamam confiança, mas que na verdade são tentativas de fé cega, de transferir responsabilidade, de manipular o vosso Eu Superior para ele fazer por vocês — não se façam mártires. Façam o acompanhamento. Porque, em breve, a vossa medicação vai mostrar — vocês vão mostrar — que ela é inadequada. Em breve, vocês vão mostrar com o vosso profissional… não se façam mártires.

E não se chantageiem a vocês próprios. "Se eu sou assim tão espiritual, porque é que eu precisei de cura em primeiro lugar?" Porque espiritualidade não é perfeição. E não é tornar-se perfeito. Sabem uma coisa? Enquanto forem físicos, são físicos. E o nosso ponto é: o vosso objetivo, neste sentido, não é ser perfeitos, e não é "aperfeiçoarem-se", mas desenvolverem-se e estarem à altura do desafio da vossa espiritualidade. Tornarem-se mais espirituais, sim, e funcionarem de forma mais espiritual, sim. Mas sabendo que continuam humanos, continuam uma pessoa. E portanto, aplicar, à vossa própria humanidade, à vossa própria condição de pessoa, a vossa espiritualidade, a jornada da vossa alma, a jornada do vosso espírito, e a vossa mente, e sim, a vossa jornada do coração.

Não se chantageiem com exigências de perfeição, ou exigências de serem 100% um ser espiritual, ou exigências de funcionarem exatamente como o vosso Eu Superior funcionaria. Sim, é valioso ver: "o que é que o meu Eu Superior faria nesta situação?" "o que é que o eu mais-mais faria nesta situação?" "o que é que o meu eu futuro faria nesta situação?" Mas, mesmo assim, é sempre vocês na situação. Vocês podem funcionar como, e à semelhança de, e parecido com, da forma como ele funcionaria — de forma valiosa, bonita, maravilhosa — mas continua a ser vocês. Entendam isso.

Demasiadas pessoas acham, erradamente, que o objetivo delas nesta vida é tornarem-se o seu Eu Superior. Não. É tornarem-se vocês, na procura da união, da unidade, da unicidade com o vosso Eu Superior. Vocês encontram o vosso Eu Superior sendo vocês, na procura dos dois que podem tornar-se um.

Mas não exijam, e assim não se chantageiem, com perfeição, ou com a ideia de que têm de ser 100% espirituais a cada momento de cada dia, que têm de fazer exatamente o que o vosso Eu Superior é, agir como ele age, funcionar como ele funciona, pensar como ele pensa, ser como ele é, fazer o vosso Eu Superior. Não. Vai haver alturas no dia em que vocês são muito pouco parecidos com o vosso Eu Superior e, de forma incrível, surpreendente, espantosa, completamente parecidos com vocês. "Ai Deus, eu estou a ser eu." Há uma mensagem aí, sobre amor. Não se matem, não se chantageiem. Deixem a cura, e deixem que seja real. Real o suficiente; deixem que seja real.

Ontem, à medida que começaram a desdobrar a jornada do coração, vocês aprenderam componentes. Componentes familiares, mas encaixados de uma forma particular e única. Componentes encaixados, de tal modo que, uma vez ativados, podem criar um movimento perpétuo. Uma vez ativados, podem criar um movimento perpétuo. Deixem que esses componentes sejam reais. Deem-lhes dimensão, significado, importância, alegria, e reflexão. Porque, à medida

que os deixam ser reais, vocês despertam o vosso coração, e muitas vezes o corpo… os gestos carnais para o coração. Literalmente, claro, o órgão localizado aqui, mas quando falamos de coração, tal como mente, ele é não-local. Não está localizado só no peito, no tórax. Mas quando deixam os componentes ser reais, vocês despertam o vosso coração e conseguem ouvir o seu chamamento. Um chamamento que nunca cessa.

Não é um chamamento do tipo "eh, o que é que disseste?", não é um chamamento que vocês "ouvem", mas é um chamamento, na mesma. E quando deixam os componentes ser reais na relação uns com os outros, vocês despertam o vosso coração, conseguem ouvir o chamamento do amor, e abrem-se, e abrem a jornada — a jornada sem fim — a jornada do coração. À medida que deixam os componentes tornarem-se reais, a jornada também se torna real.

Vocês também trabalham com resistências, descobrindo as maiores, a primeira e a segunda. É importante deixar que essas resistências sejam reais também, e é aqui que alguns têm um soluço: "espera lá, espera lá, desculpem. Elas já foram reais."

Não, vocês tornaram-nas reais demais. Já tinham tornado as resistências reais, mas tornaram-nas reais demais, ou então não suficientemente reais. E, por isso, precisam de permitir que sejam reais, talvez puxá-las de volta desse estado de demasiado reais, ou elevá-las desse estado de não suficientemente reais, para que sejam reais.

Porque, vejam, se, por exemplo, a resistência que eu arranjei é: tenho medo do desconhecido. Isso é tolice. Nada muda assim.

Não há nada com que trabalhar, nada a que se agarrar. Bem, faço uma cura do meu medo do desconhecido, está bem, curem-me. Ah, curado.

Não há mais elefantes cor-de-rosa. Mas nada muda. Portanto, preciso de deixar que essa resistência — hum, tenho medo do desconhecido.

Não teria pensado isso, isso surpreende-me. Hum, o que quererá isto dizer? Pergunto-me onde é que isto aparece.

Deixem-me olhar, deixem-me encontrar. Oh meu Deus, olhem para isto, oh vejam, oh meu… sim. Eu tenho mesmo medo do desconhecido.

Agora, quando peço cura, mudança, agora quando faço o meu trabalho, já tenho algo com substância. O outro lado: tenho medo do desconhecido, sim. E, francamente, vocês também deviam ter.

O desconhecido é… ah Deus, isso é… paralisado na ansiedade, paralisado no pavor. Tenho tanto medo do desconhecido que tenho medo até de pedir cura, porque não sei como isso seria. Então digam-me primeiro como seria.

Digam-me como se vai sentir do outro lado disto. Digam-me como. Agora, a velha analogia convosco: não consigo ver o nascer do sol.

Então tirem a mão agora. Tenho tanto medo. Não sei o que vou ver.

Não sei como seria. Tenho de ver primeiro o nascer do sol, depois tiro a mão. Julgo que percebem o paradoxo disso.

É demasiado real. E preciso de trazê-lo de volta a uma faixa de realidade com a qual eu possa trabalhar. Trabalhem com a resistência principal, deixem-na ser real, para que a possam libertar, curar, transformar.

E, muito importante, para que a possam usar, porque a vossa resistência principal é uma chave que pode destrancar, uma chave que pode pôr o motor a trabalhar, se quiserem, uma chave que pode ativar. A jornada do vosso coração para pôr em movimento aquilo que pode tornar-se perpétuo. Pode ser uma chave.

Vocês precisam dessa resistência para a usar. E o mesmo com a outra principal, a segunda. Também, no processo de olharem para as vossas resistências, encontraram a resistência que não é.

Ah, bem, ignoro isso, deito fora. Não, deixem-na ser real. Esta é uma resistência que nem sequer está lá.

Talvez estivesse, mas agora não está. Esta é uma resistência que eu tenho fingido que está no meu caminho. Porquê? Porque tenho feito isso? Qual é o meu propósito? Tenho sustentado que tenho medo da magia, que a magia me assusta.

E foi essa que o velho, a velha, retirou. Ei, isso não é real. Estou a fingir que é.

Eu tornei-a real de propósito. Eu sei fazer isso. Pergunto-me porque fiz.

Qual é o objetivo? Qual era o meu objetivo? Qual é o objetivo? Escolha, a primeira potência. Eu escolhi fingir que tinha medo da magia. Qual era o objetivo disso? Não sei.

Não temos a certeza de que língua é essa, mas o que sabemos é que não é uma resposta eficaz. Não sei. Não é uma resposta eficaz.

Não sei. É o estado em que Des Moines está, sim? Não sei. E o que isso tem a ver com qual é o objetivo é: qual é o objetivo? Qual é a escolha à primeira potência? E, à volta disso, quais foram as escolhas que fiz depois? Escolha à segunda potência.

E onde é que este ponto e esta área específicos se encaixam no volume da escolha? Posso aprender muito com a resistência que não é. Portanto, não a deitem fora. Permitam que também seja real.

Porque verão, à medida que a manhã se desenrola, que também pode ser uma chave valiosa. E também experienciaram o vosso eu superior com uma profundidade maior de amor. Agora, muitos de vocês que já trabalharam com o vosso eu superior, que têm uma clareza visual, não o viram necessariamente diferente desta vez.

Não mudou de um género para outro. Não envelheceu nem rejuvenesceu. Talvez não tenha mudado o aspeto geral.

Aparentemente — ostensivamente, antes — parecia o mesmo. À superfície, parecia o mesmo. Mas tal como no vosso mundo físico, ou de modo semelhante — devemos dizer — com aqueles que vos são próximos, muitas vezes não notam.

E, no entanto, olham para uma fotografia e, meu Deus, como mudaram no último ano. Eu não tinha visto. Portanto, o aspeto ostensivo, o evidente, o exterior, pode não ter mudado substancialmente.

Alguns de vocês que tinham falta de clareza podem tê-la ganho. E alguns que podem ter encontrado o vosso eu superior talvez pela primeira vez — novamente num contínuo — permitam que seja real. Encontraram-no a um nível mais profundo, mais profundo mesmo.

Tocaram-lhe e foram tocados. E essa diferença, essa profundidade, vai desdobrar-se nas próximas semanas, nos próximos meses. Essa relação com o vosso eu superior pode ser incrivelmente profunda e vocês já terão esquecido.

Meu Deus, foi nos dias de dezembro. E, de repente, bem, simplesmente não é maravilhoso? Não sei exatamente, mas vai-se desdobrando.

Permitam que seja real. Permitam a experiência e os discernimentos nascidos dela. Permitam a magia e as mudanças precipitadas pela magia.

Permitam que a possibilidade seja nova e real, para que os potenciais e as oportunidades do que isso significa… Porque, vejam, a partir daí pode amplificar

e compor esta relação, esta nova profundidade de relação amorosa com o vosso eu superior. Pode amplificar, pode compor.

E, na sua amplificação e no seu compor diário, pode atrair outra profundidade, uma nova profundidade na vossa relação amorosa convosco próprios, uma nova profundidade na vossa relação amorosa com o mundo, o vosso mundo. Imperfeito como é, pode atrair e chamar uma nova profundidade de relação amorosa com outro, um outro significativo, íntimo, incrivelmente importante. Se permitirem que a nova profundidade de amor com o vosso eu superior — as suas experiências e discernimentos, as suas mudanças e a sua magia, as suas possibilidades, os seus potenciais, as suas oportunidades — seja real.

Se permitirem que seja real, começarão a experienciar um caso de amor, se quiserem, um caso de amor convosco próprios como nunca antes. E a vossa realidade atenderá a esse caso de amor mudando. Podem ter um caso de amor com o mundo, mas o mundo está em tão mau estado.

O que estão a dizer? Que só vão amar a perfeição? É por isso que não se olham? Porque sabem que não são perfeitos? Só vou amar o que é belo? Só vou amar o que é fácil de amar? Não, o mundo não é perfeito, e há muita fealdade por aí, e há muita injustiça, e há muito do que não é espiritual e do que é desagradável. Separamos os dois porque não são necessariamente a mesma coisa a acontecer no vosso mundo.

E às vezes é difícil amar o vosso mundo, mas é medida do vosso carácter que o façam. Não cegamente, não numa fantasia, não de forma infantil, porque vocês não são crianças. Se fossem, então amem o vosso mundo de forma infantil.

Se têm seis, sete, dez anos, sim, isso é belo, isso é incrível, é como deve ser. Mas não têm. Portanto, não, não amar o mundo de forma infantil, mas é a marca e a medida do carácter amá-lo na mesma.

E podem ter um caso de amor com o mundo. Deixar que a nova profundidade da relação amorosa com o vosso eu superior atraia esse mesmo caso de amor. E com outro.

Alguns de vocês já sabem quem é esse outro. Não é para o substituir, mas para aprofundar a relação amorosa com esse outro, para atrair e, de repente, ter um caso de amor, um caso de amor com esse outro. Alguns de vocês lamentam não ter esse outro.

Ao deixarem que a nova profundidade da relação amorosa com o vosso eu superior seja real, podem atrair esse outro para a vossa realidade. Não precisam de ir à Nova Guiné ou a Bali. Não precisam de encontrar o lugar mais remoto, o mais difícil de alcançar.

Não precisam. Podem atraí-lo até vocês se deixarem que seja real, esta relação amorosa com o eu superior. E, finalmente, enquanto fazemos esta pausa esta manhã, permitam que o vosso eu superior seja real.

Sim, sim, eu sei, eu sei. Não, façam uma pausa. O vosso eu superior não é apenas aquela vozinha.

Não é apenas aquele lampejo, gestalt, aquela intuição, aquele discernimento. Não é apenas aquela coisa que se senta no vosso ombro. Não é um pequeno lembrete travesso.

É real. Na verdade, é mais real do que vocês são. E é muito valioso.

Não há estação no vosso caminho onde possam estar em que ele não seja valioso. De vez em quando, façam uma pausa e deixem entrar o meu eu superior. Eles são reais.

E eu estou a perceber, a deixá-los ser reais na minha ilusão. Não são apenas uma vozinha. Não são apenas a minha intuição.

Não são humanos, embora apareçam numa forma humanizada, personalizada para mim. E isso é por causa da sua graça, da sua disponibilidade. Porque, como dizemos, são suficientemente grandes para serem pequenos.

São suficientemente poderosos para virem até vocês da forma como os podem experienciar. Assim como é uma afirmação de um lado do limite da vossa crença, também é uma afirmação do outro lado da extensão do seu amor. Permitam que sejam reais.

Pensem neles. Saboreiem-nos.

E, ao fazê-lo, ao darem a vós próprios essa pausa, como fizemos juntos convosco, tomem essa pausa. Estes dias e a jornada do coração podem ganhar vida. E, em direção a esse ganhar vida, falemos sobre como ativar.

Uma coisa é conhecer os componentes: muito bem, conheço os componentes, sei como se encaixam, e é giro. É mais do que giro, é poderoso. Do amor, a partir do qual procuram a intimidade; da intimidade, a partir da qual procuram a magia; da magia, a partir da qual procuram a escolha; da escolha, a partir da qual procuram o mistério, o misticismo e os milagres; do mistério, misticismo e milagres, a partir dos quais procuram a majestade; da majestade, a partir da qual procuram a magnificência do ser; e dessa magnificência do ser, a partir da qual procuram mais amor.

É um movimento perpétuo. Se o puderem ativar, se o puderem pôr em movimento. Só dizer as palavras não o faz.

Só escrever as palavras num quadro ou no vosso papel, fazer um esquema bonito, não o faz. Certamente deixar que os componentes sejam reais é um começo. Mas é importante.

Como ativam? Como ativam para pôr isto — hesitamos em dizer máquina — mas para pôr esta jornada em movimento que pode tornar-se perpétua? Exige esforço, mas, uma vez que o fazem, uma vez que a põem em movimento, exige muito pouco esforço para a manter, porque é um movimento perpétuo. Alimenta-se a si próprio.

Não precisa de energia exterior depois de ter sido posta em movimento, depois de a terem ativado. Compreendem, enquanto falamos, quando falamos de evolução e dos conceitos básicos, a essência de todo o processo evolutivo, desde a ideia a um organismo unicelular até à complexidade multicelular que é um ser humano. A essência da evolução, certos princípios: uma vez que algo toma forma, quer reproduzir-se.

Quer crescer. Quer tornar-se mais. Há um animismo.

Não é inanimado. É animado. Há um animismo em qualquer forma. Pode não saber que é animismo.

Uma ameba não acorda de manhã e pensa: o que devo comer ao pequeno-almoço? É melhor comer alguma coisa. Preciso de obter a minha energia. Não pensa assim.

Não é humana, mas, nesse aspeto, tem a sua energia. Precisa de energia para fazer isso porque as leis da entropia, as leis da termodinâmica, precisa de adiar a entropia. Faz isso obtendo energia de fora de si, etc.

Não vamos entrar em toda a cadeia. O nosso ponto é: a jornada do coração é uma forma que, uma vez posta em movimento, uma vez que lhe dão energia, uma vez que a deixam ser real, pode alimentar-se a si própria, pode suprir-se a si própria. Portanto, não está sujeita à entropia.

Pode continuar com pouco ou nenhum esforço. Agora, à medida que continua, não estamos a sugerir, portanto: ah-ah-ah, não lhe deem energia nenhuma. Ah-ah-ah, não.

Na verdade, estamos a sugerir: deem-lhe energia então, porque então tornar-se-á mais, e deem-lhe mais energia, e mais energia, e mais energia. E fluirá cada vez mais, ondulando para fora, ondulando para fora. Como ativam? Há várias maneiras, certamente.

De facto, há as óbvias. Trabalham com os componentes. Deixam-nos ser reais.

Dão energia a essas formas. Precisam de ser alimentadas. Precisam de crescer.

Precisam de se tornar mais, certamente. Mas, muito especificamente, é assim que sugerimos que trabalhem com isso para ativar a vossa jornada do coração. Antes de mais, trabalhem com a vossa resistência principal porque ela é a chave para a vossa principal porta de entrada.

É a chave, uma entrada, e a porta principal. Digamos, por exemplo, que usamos antes: tenho medo do desconhecido. Na experiência de meditação, seja na sala, seja no intervalo durante o almoço ontem ou na noite passada ou durante a noite enquanto dormiam, percebem: sabem que mais? A minha resistência principal, a mais forte, é o meu medo do desconhecido.

Fiquei surpreendido com isso. Pensei que fosse esta outra, mas foi esta. Muito bem.

O medo do desconhecido é a minha resistência principal. A que está isso ligado? Está ligado e conectado ao mistério, misticismo, milagres. Muito bem.

E isso está ligado à escolha. Esta pode ser a minha porta principal. Se eu trabalhar no desenvolvimento do mistério, misticismo e milagres na procura da escolha.

Reparem nisso. Se eu trabalhar com o mistério, misticismo e magia na procura da escolha, é assim que vou ativar a jornada da minha vida, a jornada do meu coração. Agora, como faço isso? Não vão para trás.

Essa é uma boa pista. Nunca vão para trás. Vão para a frente.

Na cadeia de acontecimentos, na cadeia de atividade, aqui está. A minha resistência principal é o meu medo do desconhecido. Claro que quero trabalhar com isso.

Claro que quero sentar-me com o meu eu superior com isso. Claro que quero fazer as técnicas que conheço e o processamento que existe à volta do meu medo do desconhecido, à volta dessa energia, o medo do desconhecido, o medo do possível. Claro que quero fazer isso, para curar isso, libertar isso, pedir a cura, o preenchimento, a substituição, o que quer que precise de ser feito, enfrentar o pavor, enfrentar o endividamento que muitas vezes está lá.

Porque tenho medo de lidar com as questões de controlo ou o que quer que seja o meu picadilho particular quando se trata do medo do desconhecido e do medo do possível. Muito bem. Mas agora também quero ativar a jornada do meu coração usando isto como a minha chave para a destrancar, para pôr o motor a trabalhar, por assim dizer.

E, portanto, entro por esta porta do mistério, misticismo e milagres. Mas não passo simplesmente daí para a escolha. Vou para a frente.

Como? Parece bem, Lázaro. Parece bem. Vou lidar com a escolha.

Vou lidar com o mistério, misticismo e milagres. Como faço isso? Avanço. Qual é a chave para o mistério, misticismo e milagres? A majestade.

Então deixem-me trabalhar em entrar em contacto com a minha majestade. O sentido de majestade em mim. O meu sentido da magnificência do meu ser.

Não a magnificência de mim. A magnificência do meu ser. E, a partir daí, sentir mais amor.

E, a partir do amor, mais amor para sentir amor. Intimidade, magia, escolha. E assim cheguei à escolha.

Portanto, é assim que trabalho, eu sei. Medo do desconhecido. Muito bem, o que isso me diz é que estou na procura da escolha através da via do mistério.

Através da via do misticismo. Através da via dos milagres. Portanto, na minha vida quero começar a procurar o que é misterioso na minha vida.

O que é místico na minha realidade. Esperem um momento, estou à procura da escolha. Sim.

Mas, para encontrar a escolha, procurem antes o mistério. Procurem o misterioso. Procurem o místico.

Procurem onde há milagres. Milagres, não sei. Onde tiveram milagres? Onde há milagres? Não quero olhar porque sei que não há nenhum.

Sugerimos que não querem olhar precisamente porque sabem que há alguns lá. Porque, se soubessem absolutamente que não há nenhum, porque teriam medo de olhar? Porque estariam tão na defensiva em relação a olhar? Porque sabem que estão lá. Portanto, olhem.

Eu sei. Eu vou olhar e vou ver os milagres. Pequenos milagres.
E os mistérios. As coisas que eu não entendo. E quão misteriosas me parecem. As coisas místicas que acontecem. E, a partir disso, vai emergir um sentido de majestade. E, à medida que eu experiencio a majestade, virá um certo sentido da magnificência do ser-Deus.
O ser espiritual. O eu mais verdadeiro. Que, de facto, eu sou.

Nessa ressonância, eu consigo deixar entrar mais amor agora. Eu consigo pedir mais amor. Eu consigo dar a mim próprio, ao meu eu superior, permissão. Ok. Deixem-no vir. Eu sei que vocês o têm mantido de fora porque eu não estava pronto.
Agora estou pronto. Deixem entrar mais amor. Mais do que eu sei.
Termo relativo. E com esse mais amor, eu consigo amar. E, à medida que o faço, vou sentir a proximidade, a ternura.
E a vida vai parecer muito mais mágica. E, a partir dessa magia, voilà. Escolha.

Capacitado. Certo. Sábio.
Sem vontade. E eu cheguei ao meu destino. Eu cheguei, na minha procura da escolha.
Escolha. Não indo para trás. De alguma forma a tentar fazer com que o misticismo, os milagres, o misticismo e os milagres e o mistério façam as minhas escolhas. Agora eu avanço e chego lá. Às vezes a distância mais curta entre dois pontos não é uma linha reta, mas uma curva.

E veem, à medida que vocês olham para isto, à medida que pensam nisso, eu ouço-vos quando vocês dizem que a escolha pode ser tão incrivelmente mágica que é a única técnica de alta magia. E que é tão crítica. Eu ouço-vos falar de física quântica e de como tudo depende da escolha.
E de como a escolha é consciente. Eu ouço isso. Mas a minha escolha não é.

Não há nada de místico nas escolhas que eu acabo por fazer. Não há nada de misterioso nelas. E certamente não há nada de mágico.
Porque eu tenho medo do desconhecido. Tenho medo do possível. Portanto, eu não consigo ouvir o chamamento do amor.
Eu não consigo ouvir a jornada do meu coração. Então, se eu sei isso, então eu consigo começar. Não fazendo mais escolhas que são tão pouco místicas, tão pouco miraculosas, tão pouco misteriosas como as últimas.

Eu tenho escolhido há anos. Então o que é que eu faço agora? Eu vou mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, ups, mesmo escolher? Olá, eu mesmo, agora é a sério. Eu estou mesmo. Eu mesmo, mesmo. Palavra de deusa. Eu disse bem, hã? Não me chamem chauvinista. Palavra de deusa. Eu mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, mesmo, mesmo escolho. Cruzo o coração e o que seja.

Vocês sabem que isso não vai resultar. Eu faço tudo o que vocês pedirem. Eu faço tudo o que vocês pedirem. Só deixem esta escolha ser. Isso não vai funcionar. Em vez disso, deixem-me procurar o misterioso. Não na escolha, mas na vida. Deixem-me procurar o místico. Não na escolha.

É lá que eu quero chegar. É isso que eu quero alcançar. Mas deixem-me procurar isso aqui à volta, aqui fora. Deixem-me procurar os milagres. Na minha vida, sim, mas na vida daqueles à minha volta. Naquilo de que eu ouço falar. Que eu vejo. Nesta história inspiradora. Neste maravilhoso sucesso que fulano e tal teve.

Oh, sim, eu sei. Eu ouvi tudo sobre isso. Deus, sinto-me tão mal. Isso chama-se ciúme ou inveja. Ou autopunição. Ou autopiedade. Não há nada de místico nisso. Olhar, em vez disso. Olhar, em vez disso. E deixar o mistério. Deixar o misticismo. Deixar o milagroso.

Mesmo que não seja pessoalmente vosso. Ainda assim pode despertar a majestade. E depois a magnificência do ser. Para que fique ok para vocês. Deixar entrar mais amor. E quando deixam entrar mais amor, sentem amor. E o íntimo e à volta vai. E quando voltam à escolha. É mística. É misteriosa. É milagrosa. E vocês estão a seguir a jornada do vosso coração.

Vocês estão a ouvir o chamamento do amor. Vocês estão a seguir o vosso coração. O caminho da bem-aventurança.

Vocês podem fazer de modo semelhante com a vossa segunda forma de despertar. Fazer de modo semelhante com a vossa segunda resistência. É a vossa porta alternativa. A primeira resistência é a vossa porta principal. A segunda resistência é a vossa porta alternativa.

A primeira não resulta. Tentem esta. Bem, eu ouço-vos. Mas o problema é que a segunda resistência é…

Tem a ver com o meu eu verdadeiro. Eu tenho medo de ser o meu eu verdadeiro. Então como é que eu posso trabalhar do mistério e do misticismo e do milagroso para me tornar o majestoso, quando a majestade também me assusta. Então talvez eu use a minha alternativa. Talvez eu entre primeiro por essa porta. Ou talvez não. Talvez, no entanto, nesse sentido, eu tente a primeira. Não parece estar a produzir o tipo, ou qualquer tipo do tipo. Então uso a minha segunda porta. Se a primeira porta não abre, passem pela segunda. Trabalhem com a segunda.

Porque essa é a vossa porta alternativa de entrada. Talvez não seja tão potente. Mas essa é a vossa segunda porta de entrada. Talvez essa tenha a ver com o facto de eu ter um "olho" do ego fraco. Ainda estou demasiado preso no meu ego negativo. E, portanto, a magia assusta-me.

Vejam, a magia assusta o vosso ego negativo. Aterroriza. A magia aterroriza. É um anátema para o vosso ego negativo. Porquê? Porque o vosso ego negativo não consegue fazê-la. O vosso ego negativo não é mágico.

Já deram ao vosso ego demasiados trabalhos que ele não consegue fazer. E é por isso que ele é negativo. Odeia-os. Vê-vos como o inimigo. Está numa relação de codependência convosco que diz: vocês têm de morrer para eu sobreviver.

Vejam, muitas pessoas ficam presas na codependência com o ego negativo, certo? E isso é: eu tenho de fazer o meu ego mudar antes de eu poder. Como a mulher espancada. Eu tenho de fazer o meu ego ficar feliz e satisfeito e contente para eu poder ser feliz.

Bem, o vosso ego também está envolvido numa relação codependente convosco, só que é um pouco mais severa. O ego negativo sustenta: eu tenho de matar-vos antes de eu poder ser feliz.

Vejam, vocês não são assim tão duros com o vosso ego negativo. Ele é muito mais duro convosco. É por isso que nos deixa sempre pasmados ver pessoas a defenderem fervorosamente o aspeto psicopata do eu, o sociopata que vos quer matar.

Vocês estão no vosso ego negativo, certo? Eu não estou. Eu tratei do meu… eu não tenho… como se atrevem a julgar-me assim? Vocês estão a ser mantidos reféns.

Este ego é codependente. Este ego, ego negativo, está numa relação codependente que basicamente diz: vocês têm de morrer antes de eu poder ser feliz. E vocês defendem-no.

Vocês protegem-no. Vocês atacam qualquer pessoa na vossa realidade que sequer sugira que vocês o têm ou que possam estar a funcionar a partir dele. Ponham isso em termos humanos.

Há alguém aí fora a perseguir-vos que está a planear matar-vos e vocês estão a protegê-lo. Vocês não estão a gritar e a berrar e a dizer: Ah!

Ok, então digamos que vocês percebem: a minha segunda resistência, para além do meu medo do desconhecido, é que eu tenho um ego fraco, que eu não sei os meus limites, que eu tenho medo de me abrir ao amor porque tenho medo de ser engolido por ele — o que é exatamente o medo do ego e, na verdade, um medo do ego, porque vocês são fracos nesse aspeto.

Tenho medo de que, se eu me abrir à jornada do meu coração, eu vou desaparecer. Isso é uma afirmação do ego.
E talvez seja uma afirmação correta quando esse ego é fraco, porque o ego não consegue definir os seus próprios limites, nem vocês conseguem quando esse ego é fraco.

Então vocês percebem que, por causa disso, por causa da relação codependente, o meu ego, que não consegue fazer magia, vê a magia como um enigma e tem medo da magia. Vê a magia como a sua substituição e, por mais que odeie o seu trabalho, não quer ser substituído.

O ego odeia a magia. Porque é que eu tenho medo da magia? Porque é que eu tenho medo de deixar a magia que eu amo não funcionar? Há uma miríade de razões, mas uma das centrais é por causa do meu ego negativo.

Essa é a minha segunda porta de entrada e, portanto, o que eu quero procurar é: eu quero desenvolver, o quê? Magia. Como é que eu quero desenvolver magia? Eu quero desenvolver magia trabalhando com aquilo para que a magia conduz. Escolha.

Escolha. Ok, ok. Eu não vou lidar com a magia agora. Estou na procura da intimidade, mas não vou lidar com isso. Vou lidar, em vez disso, com a escolha, começar a fazer escolhas, começar a trabalhar com a escolha e, nisso, deixá-la ser mística e mágica.

E, a partir disso, sentir a majestade e, a partir da majestade, a magnificência, e à volta vai, chegando a mais amor, chegando ao amor, e com amor, intimidade, e com intimidade, veem, eu faço a minha volta.

Entrando pela segunda porta, ou pela porta alternativa, a primeira e a segunda, e à medida que vocês trabalham com isto, isto ativa, isto ativa a nossa jornada.

Do mesmo modo, em terceiro lugar, trabalhar com a resistência que não é. Porque, assim como a resistência principal é a vossa porta principal, assim como a vossa segunda resistência é a vossa porta alternativa, a resistência que não é é a vossa porta de trás.

É a porta de trás, o caminho de trás para entrar. E, portanto, de modo muito semelhante, seja lá o que for isso, que afinal não era resistência nenhuma, a resistência que vocês estavam a sustentar, que vocês estavam a fingir, com a qual vocês estavam a tentar convencer-se e talvez tivessem sido bem-sucedidos…

Por fim, eu consegui convencer-me de que era real — não é real. É a vossa porta de trás. Como não é real, como eu tenho mentido a mim próprio, fingido a mim próprio, tentado convencer o mundo, deixem-me usar isso como a minha porta de trás para ativar, para destrancar, para rodar a chave, para iniciar o movimento que pode tornar-se movimento perpétuo.

Agora, à medida que descrevemos estas coisas, são palavras. À medida que as escrevem, são palavras, planas, na vossa página. Mas, à medida que começam a experienciar, à medida que começam a experimentar, à medida que começam — ok, deixem-me dar-lhe uma hipótese, deixem-me tentar — para ver o que acontece, não para o testar, mas para o experienciar. Há uma diferença.

Eu não vou… eu vou dizer: não sei, vamos só ver se isto resulta. Qual é o objetivo disso? Qual é o objetivo disso? Testar. E qual é o objetivo de testar? Ver quão pouco vocês sabem. Ver quão incapazes vocês são.

No entanto, nesse sentido, deixem-me experimentar. Deixem-me explorar com isto. A mesma ação, a mesma forma, mas uma função totalmente diferente. Uma função totalmente diferente.

Eu não vou seguir estes passos para ver se resulta ou não. Teste, teste, teste. Em vez disso, vou seguir estes passos para explorar, para experimentar.

Eu não vou fazê-lo demasiado, para não acabar por, de algum modo, estragar a minha vida, só por via das dúvidas. Mas vou experimentar. Eu quero explorar.

Ver o que sai disso. Ver como se desdobra. Ver o que acontece.
Estou curioso.

E, à medida que fazem isso, à medida que trabalham com isso, vocês podem e vão ficar espantados. Porque não só estão a libertar e a aliviar a própria resistência, como estão a ativar não só os pormenores dessa resistência, mas todos os outros aspetos da jornada.

À medida que acabam por dar a volta até ao que procuram, alguns de vocês dizem: eu começo com o amor. Outros: não, eu começo com a escolha. Não, eu começo com a majestade do ser.
E é assim que trabalham com isso. Vocês são únicos.

E, à medida que fazem isso, isso ganha vida, e começa a ativar, e começa a produzir mudanças aqui e ali onde vocês nunca olharam. Nem sequer estavam à espera: de repente, algo no trabalho melhora. De repente, esta programação resultou.

De repente, aquele projeto em que eu tenho estado a trabalhar há, parece que para sempre, puf, encaixou no lugar. E eu nem sequer estava a pensar nisso. Nem sequer estava a trabalhar nisso.

Eu estava a mexer e a experimentar com a minha porta principal, a minha porta alternativa, a minha porta de trás. E eis que, porque veem, com a jornada do vosso coração, ela eleva o sucesso. Ela eleva a felicidade. Ela traz uma abundância e uma recompensa de realização aí fora na vossa ilusão.

Uma, duas, três portas para ativar. Uma, duas, três chaves para destrancar as portas, para ativar.

Em quarto lugar, e a forma final de pôr isto em marcha que hoje vos estamos a sugerir — certamente vocês podem encontrar outras — reparem nas resistências. Aquela que é paradoxo é à volta da intimidade. Intimidade, o medo da intimidade é um paradoxo.

O paradoxo contém uma força tremenda, uma energia tremenda que está trancada, que está a ser libertada, à espera de ser destrancada, à espera de ser solta.

O paradoxo é tão poderoso que uma realidade de consenso, determinada a proteger-vos do caos, diz-vos: evitem o paradoxo sempre que puderem.

Não é uma conspiração, malta, que o vosso consenso vos diga tantas coisas contrárias. Uma sociedade de consenso, uma realidade de consenso, a sociedade está encarregue de proteger o seu povo do caos.

É isso que a sociedade supostamente faz. Muitas outras funções, claro, mas a sociedade está encarregue de vos proteger do caos. Porque, veem, vocês não conseguem existir num estado de caos o tempo todo.

Vocês precisam de um refúgio seguro. Precisam de um oásis. E a sociedade é aquilo que vocês constroem para vos manter seguros do caos.

Vocês constroem-na. Ela não vos constrói a vocês. Vocês constroem a sociedade.

Os mais primitivos juntaram-se, mas isso não os protegeu do caos, santo Deus. Juntaram-se e criaram a sociedade como uma forma de os proteger do caos. Exerceram a sua graça humana, talvez não muito graciosamente, mas a sua graça humana para criar ordem.

Ponham três ou quatro pessoas juntas e, dentro de uma hora, a ordem terá sido criada. Alguém estará a mandar. Alguém terá feito as regras.

E se tiverem uma motivação de personalidade de líder para mandar, um número oito, terão feito as regras independentemente de… Mas o nosso ponto é: as pessoas criam a sociedade para se manterem seguras. É uma forma. Evolui.

A sociedade quer manter-se, reproduzir-se. E precisa de energia exterior, por isso a sociedade chama pela vossa atenção e vocês dão atenção à sociedade, à cultura e à sociedade, e é maravilhoso e é bonito e é fantástico.

Se vocês não o fizessem, a sociedade morreria e vocês voltariam a estar inseguros perante o caos. Vocês precisam de cultura. Precisam de arte. Precisam da musa representada na vossa realidade através daquilo a que se chama cultura e arte e desenvolvimento e potencial e tudo isso.

E precisam de ordem para poderem criar nova ordem. E, se o fizerem, veem, portanto, vocês alimentam-na com energia, certo? Com razão.

E a sociedade cresce e cresce mais forte e torna-se mais eficiente a usar a energia. Torna-se muito eficiente a usar a energia. No entanto, quando um organismo, quando uma forma se torna demasiado eficiente, quando consegue retirar demasiada energia, então começa a destruir a fonte da sua energia.

Os seres humanos, temos falado disso muitas vezes: vocês tornaram-se, à vossa maneira, tão eficientes que estão em perigo de destruir o próprio ar que

respiram, de cortar todas as árvores, eliminando o próprio oxigénio essencial à vida.

E, só para ter a certeza, vocês estão a poluir as vossas águas mais depressa do que alguma vez pensaram que saberiam. E vocês já estão a ouvi-lo até nas notícias agora. Bem, ok, admitimos: aquele submarino nuclear afinal deixou escapar radiação para o oceano, embora o tivéssemos negado há cinco anos.

Afinal deixou mesmo escapar radiação para o oceano. Agora está a ser transportada pelas correntes do oceano. Oh, que maravilhoso.

Sim, as primeiras três milhas de costa são água poluída. Já não é seguro andar descalço nas praias de Los Angeles porque vocês podem morrer, porque não é só a água: a areia agora é tão tóxica que, se tiverem a mais pequena abrasão ou corte, vocês não fazem ideia de que infeção vão apanhar.

Vocês mal conseguem chegar perto da água em bela San Diego agora por causa dos dejetos humanos que estão a três milhas mar adentro antes de vocês conseguirem chegar a algum tipo de… Vocês tornaram-se tão eficientes.

Vocês estão em risco. E é por isso que é tão crítico que vocês evoluam para uma nova ordem, para um novo mundo, para um novo mundo.

A sociedade existe e, em certos casos, a sociedade tornou-se demasiado eficiente. E, na sua eficiência, para evitar o caos, uma das formas mais potentes é evitar o poder. Deixem-nos distribuir o poder por vocês. Deixem-nos decidir, porque vocês são demasiado estúpidos, francamente, para lidarem com o vosso próprio poder.

É um argumento político sobre dinheiro. Quem deve tratar do vosso dinheiro? Devem ser vocês a estar encarregues de tratar do vosso próprio dinheiro? Ou deve ser o governo? Alguns dizem, francamente, vocês são demasiado estúpidos. Portanto, deixem-nos a nós, o grande governo, investir o vosso dinheiro. E há quem não saiba como lidar e precise mesmo de ajuda. Não estamos a sugerir que deva ser assim para tudo. Mas o ponto aqui é que, nesse sentido, o que estamos a querer dizer é que o paradoxo é uma nascente incrível, uma nascente da mente, um reservatório incrível de força e energia, de poder.

E, portanto, a sociedade, como forma que quer existir, diz-vos: não se aproximem do paradoxo. Não se aproximem do submundo. A religião diz-vos isso. É lá que vive o diabo. Isso é mau. Isso é blasfemo. Fiquem longe do submundo. E a sociedade diz-vos muitas outras coisas também. Mas o paradoxo: poder tremendo, força tremenda.

É por isso que nós vos encorajamos: procurem paradoxos. Vocês não precisam de os criar. Há muitos por aí já. Procurem paradoxos e não tenham medo deles.

Se estão frustrados, podem usar a vossa frustração de forma positiva para aprender uma nova competência, para desenvolver maior arte nas competências que têm, para encontrar novas direções. Mas não evitem o paradoxo. Procurem-no. E, quando o encontrarem, fiquem contentes. Porque, à medida que vêm trabalhar com ele, não para o resolver, einy, meeny, miny, moe, mas à medida que o resolvem no sentido de o integrar, vocês libertam essa força, esse poder. Vocês destrancam-no e libertam-no.

Com isso em mente, das resistências à jornada do vosso coração, aquela que especificamente é um paradoxo é à volta da intimidade. Portanto, sugerimos que, à medida que trabalham no desenvolvimento da intimidade, vocês podem resolver o paradoxo de manterem a vossa posição e cederem a vossa posição, de a cederem, entre serem um indivíduo total com limites claros e distintos, de respeito próprio, de honra, e largarem esses limites num instante em nome do amor.

Vocês podem resolver o paradoxo desenvolvendo intimidade. E, portanto, independentemente da vossa chave principal, da vossa chave alternativa, da vossa chave de porta de trás, trabalhem no desenvolvimento da intimidade e vocês vão ativar essa força, esse poder — libertado, destrancado desse paradoxo — vai ativar a jornada do vosso coração. Desenvolver intimidade.

Há certas chaves, certos componentes, certas maneiras de fazer isso. Como é que eu faço isso? Certas maneiras de fazer isso. Agora, quer essa intimidade seja com esse outro significativo. Alguns de vocês aqui com as vossas pessoas particularmente amadas. Talvez não estejam aqui no workshop, mas estão aqui convosco. Vieram aqui convosco, mesmo sendo vocês que estão a fazer o workshop. Se eles não tivessem vindo convosco, vocês não teriam vindo. Que presente maravilhoso vos deram.

Outros de vocês estão aqui com esse outro significativo. Estão sentados ao vosso lado agora e vocês não querem necessariamente estender a mão e segurar-lhes a mão porque não querem ser demasiado demonstrativos, mas, ainda assim, eles estão aqui convosco. Outros, vocês têm esse outro significativo, essa pessoa. Ok, isso é uma coisa.

Mas as pessoas entendem que relações íntimas, não só com o outro significativo, com outra pessoa, mas ter uma intimidade convosco próprios, ter uma intimidade com o vosso mundo, ter uma intimidade com o vosso eu superior.

E, portanto, aqueles que dizem: eu não tenho ninguém na minha vida com quem ser íntimo, isso não é verdade. Talvez não tenham outra pessoa, mas têm um mundo à vossa volta. Têm-se a vocês próprios. Têm o vosso eu superior.

Ah, mas isso não chega. Eu não quero contentar-me só com ter isso. Vocês já ouviram pessoas a falar assim. Portanto, vamos esclarecer isto agora.
O que vocês nos estão a dizer é que uma relação com o vosso eu superior, convosco próprios, com o vosso mundo, não é suficiente. E que vocês não querem contentar-se com isso.

Mas o que vocês estão mesmo a dizer é: eu tenho de ter primeiro a relação com aquela outra pessoa. Primeiro, eu tenho de ter isso. E, até eu conseguir isso, eu não vou ter uma relação íntima comigo, com o meu mundo, ou com o meu eu superior. Porque o que eu estou mesmo a dizer é: sim, sim, sim, eu sei sobre esses outros. Sim, sim, sim. Mas quando é que eu vou encontrar alguém?

O que vocês estão mesmo a dizer é: eu quero esse primeiro. E os outros não vão ser suficientes. Assim que eu tiver esse, assim que eu tiver aquela outra pessoa, então eu vou apaixonar-me por mim e pelo meu mundo e por… Quando tirares a venda, vais ver o nascer do sol. Não! Não! Eu tenho de ver o nascer do sol antes de tirar a venda. Então olhem para isso.

Talvez vocês não tenham um outro significativo. Talvez vocês não tenham tido um outro significativo. Talvez não tenha havido alguém. Durante anos; mesmo assim, vocês têm três outros lugares de relação íntima. E o truque é: à medida que desenvolvem um, vocês puxam os outros para mais perto. E vocês sabem isso.

É por isso que vocês estão a aguentar até aparecer essa outra pessoa, porque vocês decidiram: assim que eu encontrar essa outra pessoa, então vai simplesmente acontecer. Vou estar apaixonado pelo mundo. Vou estar apaixonado por mim. E eu e o meu eu superior vamos ser maravilhosos.

Vocês sabem que, se eu conseguir só essa relação com o outro significativo, então todas as outras coisas vão encaixar no lugar. Ok? Nós estamos a dizer: usem o que vocês sabem. Mas se esse outro significativo não está aí agora, não esperem. Amem o vosso mundo. Amem-se a vocês próprios. Amem o vosso eu superior. Porque isso também vai trazer os outros. Não. Sim, vai.

Vocês acreditam nisso. Vocês sabem isso. Vocês fazem o argumento de que, se eu tiver este, os outros seguem-se. E, portanto, se vocês tiverem qualquer um, então os outros seguiriam. Tramados outra vez.

Relação íntima. Como é que vocês as desenvolvem? Quer seja com outra pessoa, quer seja nesse caso de amor com o vosso mundo, ou o caso de amor convosco, ou com o vosso eu superior, há certas coisas para fazer primeiro. Seduzir a musa. Seduzir a musa. Porque é isso que desperta a inspiração. É isso que desperta a paixão. Seduzir a musa.

A musa. Falamos delas em várias noites. Elas são as energias do despertar da paixão, da transformação da paixão, da purificação da paixão. Elas são as energias criativas, a musa: a da inocência e do humor, a Léia; a da história e da tradição e da herança, Léia; a da voz heroica, a única voz que se eleva acima de todas as outras, Calíope. Essas são as três musas do despertar. Isso é o que desperta.

Quando vocês olham para a vossa vida, quando vocês despertam para uma ideia, quando despertam para uma atividade, quando de repente despertam para outro ser humano, é uma inocência e um humor que vos desperta. Ou é o sentido de história ou de tradição. Eu já estive aqui antes. Eu já falei este discurso antes. Eu já andei este caminho antes. Eu já disse estas palavras. Eu já senti estes sentimentos. Eu já estive aqui antes.

O sentido de história, o sentido de tradição, de herança. Ou há aquela única voz, aquele tipo de… que vos acorda, que vos prende o ouvido. Estas são as musas, a puxarem-vos o lóbulo da orelha, a fazerem cócegas com uma inocência e um humor que vos tocam, muitas vezes no vosso coração, com o sentido de história.

Eu sinto como se te conhecesse. Eu sinto como se sempre nos tivéssemos conhecido. Eu sinto como se tivéssemos de ter tido vidas passadas. Há qualquer coisa em ti, nisto, neste lugar. Eu sei que já estive aqui. Esta é a musa, Clio, a despertar esse sentido de história e tradição.

E estas são as energias que as musas usam para despertar. Uma vez despertos, vocês precisam de transformar, de mudar, de mover. Vem então a musa do movimento, tipicamente, seguida pela musa da dignidade e da tragédia, Melpómene, Melpómene. E é seguida então pela voz lírica de Erato, a contadora do conto, a criadora de mito e lenda.

E estas são as musas que vos transformam, e estas são energias que vocês usam para transformar, para mudar. Vocês movem-se. Vocês movem-se. Eu quero algum movimento aqui. Eu quero algum movimento aqui. Eu quero mudar. Eu sinto o impulso, a onda. Alguma coisa mudou. Ah!

Ou então vocês entram em contacto com a vossa dignidade, a vossa majestade e a vossa magnificência. Vocês entram em contacto com a vossa dignidade e o vosso carácter e a vossa integridade que fazem parte dessa dignidade, e a vossa intensidade e a vossa alma e o vosso espírito e a vossa liberdade. Vocês entram em contacto com a dignidade ou veem a tragédia, mas isso motiva-vos a mudar.

Se vocês não conseguem fazê-lo por vocês, pela vossa dignidade, façam-no pela tragédia da dor que estão a causar a outras pessoas. Vocês são mártires. E os mártires adoram dizer a si próprios: eu só estou a magoar-me a mim, e isso é uma p*** de uma mentira. Preencham quantos espaços em branco quiserem. Mentira.

O martírio é um anestésico. Quando vocês são mártires, não sentem dor. Infligem-na, talvez, mas não a sentem. Os mártires gostam de pensar: ah, eu só me magoo a mim. Mentira.

Vocês magoam-se a vocês, sim. Vocês não sentem a dor desse dano, mas também magoam outras pessoas e alguém que vos ama fica magoado pelo vosso martírio mais, porque se importa. O empregado da loja no centro não quer saber se vocês se sentem desvalorizados, incompreendidos; não quer saber se vocês andam por aí em martírio porque ele não quer saber de vocês.

Mas a pessoa que vos ama, essa importa-se. E quando vocês estão em martírio, vocês assustam-na porque ela não sabe o que vocês vão fazer nesse lugar entorpecido. Ela não sabe como vocês vão criar ser desvalorizados. Vão ser despedidos do vosso trabalho? Ela não sabe como vocês vão criar sentir que foram punidos. Vão ficar doentes. Vão ter um acidente de carro. Vão morrer. O que é que vocês vão fazer no vosso martírio?

E, se vocês não conseguem mudar o vosso martírio a partir da vossa própria dignidade, façam-no por causa da tragédia que estão a causar a outro. Esta eu adoro. Eu não gostaria de viver com um mártir. Então eu devo ir-me embora? Não. Porquê não mudar?

O vosso martírio é assim tão importante que vocês estão dispostos a arruinar uma relação só para vocês e o martírio poderem ir de mão dada para o pôr do sol e viverem para sempre? Não felizes. Porque é que vocês não largam o vosso martírio em vez disso?

Mas é a transformação que vem desse sentido de tragédia. Se vocês não conseguem amar-se o suficiente para mudar, amem alguém mais. E, a partir disso, mudem.

Oh, pobre de mim. Estou a causar tragédia a alguém. Isso é só entorpecer a vossa anestesia. Sim, tenho anestesia e estou enjoado. Bem, aqui. Que tal um pouco de éter? Isso põe-vos a dormir. Já não vão sentir náuseas. Um anestésico para o vosso anestésico. Que simpático.

Eu sou um mártir. Oh, pobre de mim. Vejam? E é a dignidade e a tragédia que produzem transformação. Ou é a voz lírica. Há magia no contar.

Se vocês conseguirem definir a vossa prisão, então conseguem mapear e planear a vossa fuga. Há magia no contar. Se vocês conseguirem entender o ritual lírico, conseguem mudar. E estas são as três musas.

E depois há a purificação. A purificação. Depois vem a música. Música. A voz da musa. Música.

Utopia é a musa da música. Um dos instrumentos mais antigos, o de uma flauta que se chamava uma flauta doce. Interessante. Ou um instrumento de cordas chamado lira. Sim? Também interessante.

Mas sugerimos aqui, não porque mente, mas interessante e instrumento de cordas. A primeira música para purificar. Para acalmar a besta selvagem. Sim? Para purificar.

A música das palavras, poesia. A música da luz, pintura. A música do pensamento, filosofia. A música do coração e da alma. Música. E isto é para purificar.

E vem então música, utopia. Seguido por Polímnia. Poli, muitos, hímnia. Música sagrada. Polímnia. As muitas vozes. As vozes sagradas. A música sagrada. Os muitos a juntarem-se como um.

E a voz celeste. Urânia. E é através desta música — voz sagrada, voz celeste, música humana, e para além do humano, o celeste — que purifica.

E, à medida que vocês se permitem ser seduzidos, ao pensar, ao sentir, ao imaginar, ao trabalhar meditativamente para despertar, para lhes pedir que entrem, então, de facto, vocês começam. Porque elas trazem inspiração.

Quer seja um despertar, uma transformação, ou uma purificação: inspiração. Elas trazem esse sentido de paixão. E é aí que a intimidade começa. Paixão.

Seduzir a musa. Segundo, trabalhar com a intimidade.
Permitam-se sentir. Sentir a emoção. Deixar-se sentir o que está lá.

Porque é que vocês têm medo? Ou porque é que estão entusiasmados? Negativo, positivo. Sentir a emoção. E deixar-se sentir essa emoção com profundidade. E deixar-se inclinar para dentro da emoção.

Porque, se vocês têm medo da intimidade, sintam isso e inclinem-se para isso. Porque o medo não expresso pode ser mortal.
Mas, quando vocês expressam medo, vocês ou conseguem lidar com ele ou descartá-lo.

Sintam a emoção, a alegria, o maravilhamento, o entusiasmo, o fervor, e inclinem-se para essa emoção. Sintam-na e inclinem-se para ela. Porque a alegria não expressa pode tornar-se debilitante, laboriosamente ancoradora. Enquanto, quando é expressa, vocês conseguem lidar com a alegria. Ou com a felicidade ou com o entusiasmo: vocês conseguem lidar com o positivo quando o expressam.

E vocês conseguem embelezá-lo. O não expresso é o que se torna negativo. Quer seja constritivo ou expansivo na sua natureza, o não expresso é negativo. Torna-se negativo.

Expresso: se é uma emoção constritiva, expresso, pode ser lidado ou libertado. Descartado. Agora que eu o digo, é estúpido. Posso deixá-lo ir. Agora que eu o digo, consigo lidar com isso.

Uma emoção positiva, uma emoção expansiva, uma vez expressa, pode ser lidada. Eu consigo lidar com isso. Ou pode ser amplificada, embelezada, tornando-se mais.

Portanto, deixem-se, à medida que entram na intimidade, deixem-se não só despertar, seduzir a musa, mas sentir os sentimentos. Sentir essas profundidades de sentimentos.

Nós sugerimos também, tão importante no desenvolvimento e no sentir da intimidade, é: permitam-se sair de vocês próprios. Sair de vocês próprios. Isso é largar os limites, se quiserem. Mas saiam de vocês próprios e observem. Objetifiquem. Olhem para fora. Vejam o que está aqui.

Saiam de vocês próprios. Para além. Para olhar para fora.

O que é que eu estou realmente à procura aqui? O que é que eu estou a tentar alcançar aqui? Onde é que eu quero chegar aqui? A sair para fora. A técnica que temos sugerido de vez em quando é mais ou menos sentirem-se a elevar e a dar um passo atrás. Como que aqui em cima.

Como que elevar e recuar. Elevar e recuar. De modo a ficarem atrás de vocês próprios e fora de vocês próprios. A olhar para baixo. A afastarem-se um

pouco mais. A afastarem-se um pouco mais. E a verem-se a vocês e a este outro que é o objeto da vossa intimidade. O objeto dessa intimidade. Vejam-nos. Olhem para isso. Avaliem isso. Sintam isso. Experimentem isso. A partir desse ponto de observação, despertei ou atraí a musa. Estou a sentir a profundidade do meu sentir.

O meu medo de ser íntimo. A minha alegria por sentir. E estou a inclinar-me para isso. E estou a expressar isso. Também estou a sair de mim próprio de vez em quando. A baixar as minhas fronteiras. A sair de mim próprio. Para observar. Para olhar. Para sentir esta intimidade. A proximidade. A ternura. A vulnerabilidade. A confiança. A sair de mim próprio. Para além disso. Para desenvolver a intimidade tão útil. Permitir-vos um novo começo.

Permitir-vos um novo começo. Com isto queremos dizer perdoarem-se por todas as relações anteriores. Más e boas. Perdoem-se. Pelas más. Isso faz sentido. Onde a intimidade se estragou. Onde isto correu mal. Onde terminou de forma dolorosa. Onde eu estraguei. Onde eles estragaram. Onde aquilo se estragou. Seja como for. Perdoem-se. E perdoem a relação.

Eu perdoo-me. E perdoo a relação. Talvez também perdoe o outro por aquilo que ele… por aquilo que o levou a fazer o que fez. Mas eu… nas más, o perdão faz sentido. Mas também é importante perdoar as boas. Caso contrário, vão tentar agarrar-se a elas.

E tentar fazer com que esta seja igual àquela. O que não vai acontecer. Porque esta não é aquela. Por isso, perdoem. Eu tive uma intimidade brilhante e maravilhosa com esta pessoa quando andava no secundário. Quando estava na universidade.

Ou nos meus anos mais novos. Foi fabuloso. Foi fantástico. E eu perdoo a relação e a mim próprio. Para me libertar. Para libertar. Larguem as vossas suposições numa relação íntima. Com esta outra pessoa. Com quem querem ser íntimos.

Ou convosco próprios. Ou com o vosso eu superior. Ou com o mundo. O vosso mundo. Envolvem a musa. Sentem e inclinam-se para isso. E expressam a vossa emoção. Saem de vocês próprios. E olham para fora. E observam. E acompanham. E aprendem. Um novo começo. Eu perdoo todas as minhas relações anteriores. As más. E as boas. E convosco, eu superior. Mundo, convosco. Com aquele que eu amo. Vou largar as minhas suposições. E vou largar as minhas conclusões.

E vou largar a minha retidão moral. E o meu orgulho. Vou largar isto. Para começar de novo. Não vou assumir que, por causa disto, é assim que vocês têm de sentir. É assim que vocês têm de pensar. Bem, se me amasses, terias sabido. Se me amasses, terias perguntado. Se me amasses, terias percebido. Terias visto o meu sobrolho franzido. E, portanto, entendido que eu estou a descartar suposições.

Nunca faz mal perguntar, dizem vocês. É interessante isso. As pessoas pedem coisas para si próprias. E isso é maravilhoso. E não faz mal perguntar. Bem, às vezes faz mal perguntar. Se aquilo que estão a pedir é completamente descabido. O Michael aqui sentado. Michael, será que… Só queremos perguntar.

Darias todo o teu dinheiro e ias queimar a tua casa? Não. Bem, não faz mal perguntar. Faz, sim.

Claro que faz. A tua opinião sobre nós ia mudar. Se realmente te fizéssemos essa pergunta. Portanto. Mas é interessante. As pessoas muitas vezes não têm problema nenhum em pedir algo que querem. Mas muitas vezes têm grande dificuldade em perguntar o que o outro poderá querer. Eu vou assumir. Bem, eu assumi que terias sabido. Eu assumi isto. Não ia perguntar. Quer dizer.

Não faz mal perguntar. Isto é o que eu acho que está a acontecer. Estou a assumir corretamente? Isto é o que eu vejo a acontecer. É uma suposição correta? Sabes, eu sempre pensei desta maneira. Tu pensas da mesma maneira? Não. Ah, a sério? Eu assumi. Teria assumido. Se não tivesse perguntado. Por isso, eu pergunto.

Agora, podem levar isto ao ridículo. Eu assumo que calçam primeiro o sapato esquerdo. Fazem isso? No fim de contas, isso não importa. É isso. Mas, ainda assim. A questão aqui é. Não fazer suposições. Querem que uma relação íntima funcione. Não façam suposições. Não tirem conclusões. Sem confirmar. Sem perguntar. Não façam isso um ao outro.

Bem, eu simplesmente assumi. Bem, eu concluí.

Pois, concluíram. E talvez não o devessem ter feito. Talvez tivesse sido mais útil perguntar. Não há mal nenhum em perguntar. Portanto, com esse propósito. Vou largar as minhas suposições sobre como deve ser.

As minhas conclusões. Vou deixar ir a minha retidão moral. À volta da intimidade. Bem, numa relação anterior. Sabem uma coisa? A pessoa com quem estão. Não precisa realmente disso.

Ela não é a vossa mãe. Ou o vosso pai. Que foi enviado para compensar o que aconteceu antes. Talvez tenham tido razão. Talvez não. Porque é que criaram isso e não seguem em frente? Largar a retidão moral. E o orgulho. E o orgulho. Magoei os teus sentimentos.

E, por isso, não vou falar contigo até pedires desculpa. Que piada tem dormir com o vosso orgulho? Que piada tem falar com o vosso orgulho? Tomar o pequeno-almoço com o orgulho. Passar uma noite. Ir ao cinema com o orgulho. Partilhar as pipocas. Ficam com mais. Isso é verdade. Mas é mesmo com ele que querem estar? Ou é com essa pessoa? Com quem querem passar tempo? Estar. Partilhar as pipocas. Larguem o orgulho. Mas se eu ceder agora, ela vai achar que eu sou fraco. Se eu ceder agora, ela vai achar que pode passar por cima de mim. Falem sobre isso.

Eu estou a ceder agora. E tenho medo que aches que sou fraco. Vamos falar sobre isso. Eu disse que não falava contigo. E estou a falar contigo. Estou a desistir do meu orgulho. Mas vamos falar sobre o meu medo. Estão a ver? Não, não. Tenho de me agarrar ao meu orgulho. Tenho de… Talvez tenham. Em relações que não sejam íntimas.

Talvez seja importante. Manterem a vossa posição. Mas na intimidade, têm de estar dispostos a largar o vosso terreno. Largar o vosso orgulho. Largar a vossa retidão moral. Largar as vossas conclusões e suposições. Nessa intimidade. Não com o empregado da loja. Mas nessa intimidade.

Aí é que está a dificuldade. Bem, eu fiz isso no autocarro. A caminho do trabalho. E fui posto no meu lugar. Mas isso não é uma relação íntima.

Com o mundo. Convosco próprios. Com o vosso eu superior. Ou com outra pessoa. Não é aí que se faz isto. É na intimidade. Larguem isso. Larguem isso. Separem a verdade da mentira. Sobre aquilo que sabem da intimidade. Sobre aquilo que sabem do amor. Sobre aquilo que sabem. Isto é mesmo verdade? Ou é uma mentira? Separem. Separem. E permitam-se avaliar. Avaliem o nível de intimidade. Avaliem. O nível de coração. Na vossa intimidade. Vejam, quando avaliam. Quanto amor houve hoje? Quanta intimidade? Proximidade. Ternura.

Vulnerabilidade. Quanto de magia? Quanto de escolha? Quão misterioso ou místico ou milagroso foi hoje? Quanta majestade? E quanto à magnificência de existir? Agora, alguns de vocês não vão ter resposta para tudo. Mas avaliem.

E talvez não todos os dias. Mas periodicamente. Eu estou apaixonado por vocês. E estamos a desenvolver esta intimidade.

"Vamos falar sobre o amor que sinto por ti. Não preciso de to dizer. Mas é divertido fazê-lo. E não preciso de o ouvir da tua parte. Mas é bom ouvir. Adoro ouvir. Vamos falar sobre o amor. Vamos avaliar. É aí que estamos. E quanto à nossa intimidade? Estamos a sentir-nos próximos? Ou queremos mais? Eu sinto-me próximo. Mas quero estar ainda mais próximo agora. Quero focar-me nisso contigo. Poderemos trabalhar nisso?"

Vejam, avaliar. Como está a magia? Como está a magia? A sério. Bem, eu não sinto muito disso. Então, vamos trabalhar nisso. Não no sentido de vocês arranjarem. Eu ainda não sinto a magia. Não sei. Vamos. Vamos arranjar isso juntos. E quanto à escolha? Como está a escolha a funcionar entre nós? E vamos. Como está. A magia. O mistério. Ainda há mistério entre nós? Onde podemos desenvolver mais isso? Estão a ver? E quando avaliam. É assim que começam outra vez. É assim que recomeçam. Perdoando. Largando. Separando. Avaliando.

Permitam-se igualmente ouvir o objetivo em vós. Ouvir esse objetivo. E aprender. Com o mais. Ouvir o vocês menor. Que diz não façam. Não façam. Não sejam íntimos. Não se aproximem. Não recomecem. Não. Ouçam-no. Mas aprendam com o vocês maior. Ouçam o menor. Aprendam com o maior. E permitam-se isso. Na vossa intimidade. Isso desenvolve a intimidade. Permitam-se também. Lembrar o amor. É uma técnica tão poderosa. Em tão poucas palavras. Lembrem o amor. Para desenvolver a intimidade. Não apenas para atrair a musa. Mas para lembrar o amor. De vez em quando. Parem simplesmente. E deixem-se pensar.

O quanto amo essa pessoa. O quanto a amo. E sintam esse amor.

Pensem nisso. Sintam-no. Experimentem-no. Lembrem o amor. Lembrem-no. Entrem na sua complexidade. Entrem. Na sua ressonância. À medida que trabalham com estas energias. A intimidade. Vai manter-se sempre nova. Aqueles de vocês envolvidos numa relação amorosa com outra pessoa. Atraiam a musa. Sintam a profundidade do vosso sentir. Inclinem-se para isso.

Expressem. Falem juntos. Saiam de vocês próprios. Recomecem. Sempre. Ouçam. O menor. Que diz não. Mas aprendam com o maior. Que diz sim. Lembrem o amor. E essa intimidade vai crescer. E nela. Vão manter a vossa posição. Fortes. Poderosos. E depois. Entregar o vosso terreno. A essa pessoa que amam. Vão polir-se. E vão tornar-se mais vocês próprios. E baixar as vossas fronteiras por um momento. Por ela. E terão resolvido o paradoxo. Da intimidade. E terão encontrado o equilíbrio. E a magia. E a jornada do vosso coração. Estará viva. E vibrante.

Vamos fazer uma pausa. E depois regressar. Para ver como utilizar. Quando estiver ativado. E depois uma meditação. Depois regressar. Com amor. Sim. Com amor. E paz.

COMO INTEGRAR A JORNADA DO CORAÇÃO

Muito bem. A jornada do coração é ativada com a chave da sua resistência principal, da sua resistência secundária, da sua porta alternativa, da porta das traseiras. É ativada pela busca, pela procura de intimidade.

Uma vez ativada, contudo, é importante aprender a utilizá-la, a colocá-la em aplicação prática no seu quotidiano. Sim, certamente, a intimidade é uma aplicação muito prática, mas isso ativa-a. Como a utiliza? Sugerimos várias abordagens — não necessariamente todas para si, mas qualquer uma pode funcionar.

Sugerimos, antes de mais, que trabalhe com os seus fracassos. Não é como se não os tivesse. Use-os, tire partido deles, ponha-os a trabalhar a seu favor.

Use os seus fracassos. E o que queremos dizer com isso é que volte ao que dissemos na sexta-feira à noite: uma verdade que não se destina a racionalizar ou justificar, mas sim a ajudá-lo a compreender que cada ação — não apenas um reflexo da sua intenção, não apenas uma expressão da sua imagem — é também um reflexo e uma expressão da sua procura de amor. Neste labirinto de experiências de vida, a sua alma, o seu espírito, o seu coração e a sua mente estão a tentar alcançá-lo, a tentar falar consigo, a tentar ensinar-lhe, a ajudá-lo a compreender.

Nos picos e nos abismos do sucesso, nos picos e nos abismos dos fracassos, no banal e no insípido da sua mediocridade, estão a tentar alcançá-lo, ensiná-lo, falar consigo, ajudá-lo a compreender, a encontrar o amor, a compreender o amor e a encontrar ou dar-lhe significado e valor. Portanto, nos fracassos, o que está o seu coração a tentar dizer-lhe? Muitos de vós aprenderam a olhar para essas fissuras e fendas da realidade e a trabalhar com a alma, a trabalhar com o espírito; certamente, nesses fracassos, aprender com eles através da jornada da mente, tornar-se consciente, mais consciente, consciente de como criou esse fracasso para que possa mudar e crescer conscientemente, trabalhar conscientemente com o seu subconsciente, com o seu inconsciente, com a sua mente ultra-consciente, bem como com a sua mente consciente. Mas o que sabe da jornada do seu coração? Pois bem, agora use-a nesse fracasso.

E talvez não — não — talvez não pegue no seu maior fracasso, aquele que ainda dói, que ainda fere e paralisa tanto. Pegue num fracasso menor. Pegue num fracasso com o qual já fez as pazes, talvez.

Comece aí. Não precisa de saltar o obstáculo mais alto. Comece com um obstáculo mais baixo.

Pegue num fracasso e observe-o. Muito bem, o que está o meu coração a tentar dizer-me sobre o amor, sobre o seu lamento, sobre a sua carência, sobre onde preciso de deixar entrar mais amor, permitir mais amor na minha vida? O que está a dizer sobre intimidade? O que me está a mostrar sobre o meu estado atual em questões de intimidade? E o que diz sobre magia? Não "está bem, tudo bem", mas o que diz sobre magia? O que diz sobre mim e a minha relação — a minha capacidade, talvez, ou se não a capacidade, a minha disponibilidade ou a minha escolha — em relação à magia?

O que diz, falando de escolha, sobre mim e as minhas escolhas? Como é que este fracasso fala — de forma negativa, está bem, de forma constrita — mas como é que fala, o que está a dizer, o que está a expressar ou a refletir sobre o meu mistério e misticismo e a minha relação com milagres, com majestade, com a magnificência do meu ser? Será este fracasso uma tentativa de me convencer a mim mesmo e de demonstrar aos outros que não tenho magnificência de ser, nem majestade?

Pode-se atravessar um fracasso e dizer: "Bem, isto está a dizer que não tenho amor nenhum, nem intimidade, nem magia na minha vida, e que não faço escolhas", mas não há valor nesse tipo de autorridicularização, pois não? O que importa é ser honesto consigo mesmo e avaliar verdadeiramente, aprender o que isto está a dizer sobre o amor, a intimidade, etc. Aprender o que o meu coração está a tentar dizer-me e, depois, em vez de simplesmente programar obsessivamente esta inversão do fracasso, posso trabalhar com aquilo que o meu coração está a tentar ensinar-me — que eu não acredito realmente que posso ser mágico, por exemplo. Em vez de apenas programar a viragem para o sucesso, deixe-me programar que sou mágico.

Deixe-me trabalhar com o meu eu superior, com a minha alma e o meu espírito; deixe-me trabalhar com a minha mente; deixe-me fazer a metafísica que conheço sobre ser mágico. Pedir que seja elevado o que precisa de ser elevado, que seja curado o que precisa de ser curado, o que precisa de ser transformado — e fazer esse trabalho. Porque, veja, se este fracasso é uma mensagem que me diz — tocando-me no ombro ou dando-me uma bofetada — "tu não acreditas que és mágico", talvez não me leve muito longe continuar a programar

“viragem, viragem, viragem, um milagre pode acontecer aqui, um milagre pode acontecer aqui, transformar o negro em branco”, seja o que for. Talvez me seja mais útil deixar esse fracasso assentar durante um ou dois dias. Provavelmente não irá a lado nenhum.

Provavelmente não se transformará em sucesso — “bolas, perdi a minha oportunidade” — pode até transformar-se, mas enfim. E voltar-me para trabalhar com a magia. Porque, quando sei e estou num lugar onde sei que posso operar magia, então posso voltar a esse fracasso e trabalhar com ele. Tendo aprendido o que o amor — ou melhor, o coração — está a tentar dizer, o meu investimento nele pode dissolver-se; pode dissipar-se, não tendo grande impacto nem dimensão, não tendo a minha escolha ou a minha energia ligadas a ele; pode tornar-se menos real.

Isso não significa que cada fracasso tenha de se transformar num sucesso dessa natureza. Mas, veja, se aprendi o que precisava com ele, já não preciso de continuar a dar dimensão a esse fracasso, pois não? Nem preciso de lhe dar mais significado; não tem de importar da mesma forma. Posso agora deixá-lo ir, para que não tenha consequências nefastas na minha realidade; e, com a magia, posso então criar outros sucessos para o substituir — este ou melhor — para o substituir. Assim, posso trabalhar com a jornada do meu coração como outra forma de lidar com aquilo que não funciona.

Da mesma forma com as estagnações — talvez não sejam mediocridades, mas estagnações. Tenho estado a trabalhar nisto, a tentar mudar isto, a tentar resolver isto há dias, meses, há quanto tempo? Deixe-me agora escutar o meu coração. Nesta estagnação — não é um fracasso, apenas ainda não é um sucesso — o que está o meu coração a tentar dizer-me sobre amor, intimidade, magia e escolha, sobre mistério, misticismo e milagres, sobre majestade e a magnificência do meu ser? E, do mesmo modo, se isto está a tentar mostrar-me algo sobre a minha magnificência — isto é, que há energia deficiente aí, ou que não está a funcionar, ou que não acredito realmente nisso, que ainda são apenas palavras para mim, que não estou realmente a deixá-lo ganhar vida — então, em vez de dar pontapés nesta estagnação vezes sem conta, posso trabalhar com a majestade do ser, trabalhar com a majestade do ser, deixar entrar mais amor e, nessa majestade do ser, para além do meu receio, posso então programar, fazer o processamento para mover aquilo que, de outra forma, estava estagnado.

Do mesmo modo com o sucesso — em terceiro lugar — não ignore os seus sucessos. “Porquê? Não quero parecer arrogante.” Muito bem. A forma mais fácil de não parecer arrogante é não ser arrogante. “Os outros podem achar que

sou arrogante." Sim, mas não precisa de se preocupar demasiado com isso se se certificar de que não o é.

Se alguém vai achar que é arrogante, isso importa realmente? A menos que o seja. Se não for arrogante, então não importa. A solução mais simples e rápida é simplesmente não ser arrogante.

"Mas como saberei se sou?" Sabe. Está a sentir-se superior? Está a sentir-se inferior? Está a sentir algum tipo de especialidade que o torna melhor ou pior do que os outros? Está a sentir que este sucesso lhe dá licença? Que, por causa disto, pode escapar-se àquilo, ou pode manipular ou controlar? Está a sentir-se com direitos adquiridos por causa deste sucesso? "Sou bem-sucedido, portanto faço as coisas à minha maneira, recebo tratamento especial, compensação especial." Estes são os indícios.

"Bem, não sei se me estou a sentir assim ou não." Está a mentir a si mesmo — isso é algo que precisa de separar. Sabe, sim. Sabe.

E sugerimos isto: se insiste consigo mesmo que realmente não sabe, então assuma que está no seu ego. Porque, quando se faz a pergunta — "acabei de ter sucesso; penso agora que isso me dá direito, que me dá licença, que me torna superior aos outros?" — "Ai, não sei se penso isso ou não." Essa é uma mentira que pode separar. "Não sei, não sei mesmo." Se realmente não consegue responder sim ou não, então a resposta é sim: está à procura de algum tipo de direito, algum tipo de licença; está no seu ego. Está a ser arrogante.

Portanto, vale a pena investir essa pequena energia extra para procurar a resposta, porque ela está lá.

"Mas e se me estiver a enganar?" Não é boa ideia. Não o faça. "Mas como sei?" Pergunte, trabalhe; tem a técnica.

"E se estiver errado?" Então descobrirá, e poderá mudar. Não precisa de ser perfeito. "Eu tinha a certeza de que não estava a sentir-me com direitos nem arrogante, e três dias depois descobri que estava." Muito bem — três dias depois pode mudar. Estava errado. Não faz mal. Tem muitas técnicas para corrigir esse erro. Nesses três dias o mundo não terá ruído. Pode corrigir.

Portanto, o que estamos a dizer é que esse medo de poder ser arrogante pode ser respondido. Mas, para além disso — e mais importante ainda — utilizar a jornada do seu coração é trabalhar com os seus sucessos. O que está aqui o meu coração a tentar dizer-me? E acredite, não está a tentar dizer-lhe que é a pessoa mais espiritual do planeta. Não está a tentar dizer que é especial ou que tem direitos adquiridos. Mas o que está a dizer sobre amor e intimidade e os

outros componentes? O que está o seu coração, neste sucesso, a fazer para ajudá-lo a encontrar amor, compreender amor, dar significado, importância e valor ao amor?

Estes são modos práticos — um, dois, três — fracassos, estagnações e sucessos — onde pode aplicar a jornada do seu coração, pode escutar. No mais íntimo do seu coração, sinto isto ou aquilo em relação aos fracassos, às estagnações, aos sucessos.

Em quarto lugar, trabalhe com recordar e reunir novamente.

Recordar *(Remember)* — se separarmos a palavra — membros, os componentes que foram desmembrados, dispersos. Re-membrá-los é voltar aos membros e "membrá-los" — como verbo — juntá-los, conectá-los.

Assim, periodicamente, uma forma de utilizar — "não quero trabalhar agora com um fracasso específico, nem com um sucesso específico, nem com uma estagnação específica; já trabalhei com isso, ou simplesmente não me parece adequado fazê-lo." Então, como forma de utilizar a jornada do meu coração, quero re-membrar os seus componentes.

Pausar para re-membrar, juntar, trabalhar com esses componentes, re-unificá-los, re-conectá-los, permitir-se sentir essas energias.

Essa técnica é, por vezes, muito abstrata. Mas mesmo apenas delimitar: "vou usar este tempo de meditação que teria de outra forma, vou simplesmente sentar-me, entrar em meditação, estar com o meu eu superior nessa relação mais profunda e amorosa", e encontrar os membros — ou pensar nos membros — e re-membrar e re-unir a jornada do meu coração. As portas — principal, alternativa, das traseiras.

Só isso já o move para a sua complexidade e para a sua ressonância, e pode elevá-lo.

Em quinto lugar, falamos de usar a intimidade para ativar. Trabalhe também com a intimidade para utilizar. Utilizar a jornada do coração nessa intimidade, envolver a musa.

E vamos reorganizar um pouco o que dissemos antes do intervalo. Envolver a musa, despertar, transformar, purificar, despertar a musa. Depois, em segundo lugar, escutar o menor, honrá-lo, respeitá-lo, escutando o menor e aprendendo com o maior. Obviamente, escute o maior em si, aprenda com esse maior.

Depois, em terceiro lugar, envolver-se — ou melhor, inclinar-se — sentir e apoiar-se nas emoções, escuras e luminosas, constritivas e expansivas. E expressá-las, fazer algo com elas.

"Estou com medo." Sinta esse medo.

"Não, é demasiado assustador." Incline-se para ele. De que tem medo? "Não sei, estou apenas assustado." Estou com demasiado medo para olhar para aquilo de que tenho medo. É aí que o medo pode ser mortal. Mas, se se inclinar para ele — "estou com medo. Dá-me a mão, mas inclino-me." — isto é aquilo de que tenho medo. Esta é a especificidade desse medo. Quando o torno específico, posso lidar com ele, posso dissipá-lo, posso libertar-me dele.

"Tenho medo que um dragão venha e me coma vivo." Pouco provável no século XX — e muito menos no XXI. Posso deixar esse medo ir.

"Tenho medo que a minha mãe venha e me bata." Tem 55 anos, a sua mãe morreu há 20 anos — pouco provável. "Sim, tem razão."

Mas veja, quando não identificado, medo é medo é medo. É por isso que é tão importante, como falámos na outra noite. O grande problema.

Mas eu tenho medo. Isso é demasiado pesado. Divide-o em partes.

"Tenho um problema — finalmente reduzido a um só. Tenho medo da vida. Agora, se conseguir resolver só este último problema, tudo ficará perfeito."

Divide-o em partes.
"Sim, mas depois terei muitos medos."
Sim.

Cada um dos quais podes enfrentar. Divide-o. Corta-o em pedaços.

Este medo, este medo, este medo, este medo. Esses quatro posso descartá-los. Isso já aliviou bastante o peso.

Este medo da vida já perdeu grande parte do seu peso. E os que restam — posso lidar com este, posso lidar com aquele. Este ainda não consigo enfrentar, mas aposto que, à medida que lidar com este e com aquele, conseguirei lidar com aquele outro.

"Sim, mas depois terei muitos medos."
Vês? É o adolescente que gostaria de ter apenas um medo. Por medo do desempenho.

"Não sei se consigo lidar com dez medos. Tenho um só: medo da vida. Mas ao menos é só um. Sou melhor do que tu — tu tens dois ou três."

Adolescente.

Talvez seja isso. Mas divide-o em partes.

"Estou feliz."
Com quê?
"Não sei. Estou feliz."

Quero também dividir isso em partes, para que possa ficar em pedaços pequenos, mastigá-los, digeri-los, deixar que signifiquem algo. Deixar que me transformem.

Assim, no terceiro passo: sentir, inclinar-se para dentro e expressar.

Depois, no quarto passo, recuar nas intimidades. É aí que deixas cair as fronteiras. É aí que largas o teu terreno para te abrires. Depois, começar de novo.

Das formas que sugerimos, certamente.

E acrescentamos mais uma coisa nas tuas intimidades: trocar de lugar.

Trocar de lugar. Mentalmente. Emocionalmente.

Com aquela pessoa.

Entra na cabeça dela. Como é que ela te vê? Como é que ela se sente? Qual é o seu terreno? Qual é a sua posição? O que está a acontecer com ela? Como é que ela vê este comportamento?

É tão comum nas relações.

"Porque não ligaste?"

"Porque estava atrasado."

"Sim, mas porque não ligaste a avisar?"

"Pensei que saberias. Chegaria assim que pudesse. Qual é o problema? Não és a minha mãe."

Como é que isto parece do lado dela? Era suposto estares em casa às cinco. São seis e meia. Não estás em casa. Ela está com medo.

Morrestes. Tiveste um acidente de carro. Tiveste um ataque cardíaco. Foste assaltado. Fugiste. Estás com outra pessoa.

Tudo isso que uma simples chamada poderia ter resolvido.

"Não sei. Não és a minha mãe. Não quero ter de dar satisfações sempre que…"

Coloca-te no lugar dela.

Sabes, o canalizador viaja muito. Quando a Penny diz: "Liga quando chegares."

Ele chega, vai buscar a bagagem. Desfaz as malas, faz isto e aquilo… e depois liga.
"Olá, já cheguei."
Vinte ou trinta minutos depois. "Qual é o problema?"

Bem, uma vez a Penny e o Michael voaram para um sítio e o canalizador não estava… o avião devia aterrar a determinada hora. Não ligaram para saber se o avião tinha chegado a horas. E iam ligar assim que chegassem.

Toc, toc, toc, toc, toc.
"Oh, meu Deus…"

Depois ligam:
"Está tudo ótimo. Está tudo bem."

Como foi estar do lado de quem espera? Não foi nada agradável.

Portanto, agora ele liga. Assim que chega ao telefone:
"Já estou aqui. Está tudo bem."

Percebes? É por isso que se trocam de lugares nesse sentido. Vês como é do ponto de vista deles.

"Mas eu tenho de manter a minha posição. Tenho de ser um indivíduo."

Sim. E, na intimidade, tens de estar disposto a largar essa posição e essa fronteira — por um instante — para entrar no lugar do outro, e depois regressar ao teu. Trocar de lugar.

Isso conduz ao último ponto: recordar o amor.

Isso não só pode ativar, como também é uma forma de utilizar — especialmente na transformação da jornada do teu coração, neste desenvolvimento da intimidade.

Usamos aqui o exemplo de intimidade com outra pessoa. O mesmo se aplica ao teu eu superior.

"Mas ele não sabe que cheguei a horas?" Não é a mesma coisa, obviamente. Mas, de forma semelhante, trabalha o desenvolvimento dessa intimidade com o teu eu superior — ou, se não for aí, contigo mesmo.

"Não sei se cheguei a horas?"
Claro que sabes — este exemplo específico não se aplica aqui, mas a dinâmica é semelhante.

E igualmente na tua relação amorosa com o mundo.

E vês, como dizemos, quando utilizas a jornada do coração desta forma, trabalhando a intimidade — e há muitas formas de trabalhar a intimidade — mas quando trabalhas estes componentes, como sugerimos (sublinha a palavra sugerimos), isso atrairá os outros tipos de intimidade.

Atrairá os outros tipos — o um, o dois e o três — até teres os quatro.

E aí reside um dos segredos mais importantes: manter a intimidade sempre fresca e sempre nova.

Deixa que se desdobre nos quatro domínios: que eu tenha um caso de amor com o meu mundo, comigo mesmo, com o meu eu superior e com outra pessoa.

"Mas, Lazar-is, tenho 65 ou 70 anos, é tarde demais para a encontrar."

Não estamos a dizer que tens de ter uma intimidade física — embora ainda possas ter. E o que tem ter 65 anos? Não tens de encontrar alguém que não vá apreciar isso.

Podes ter intimidade com alguém que diga: "Graças a Deus, finalmente alguém com mais de 50 anos", e que tenha um sentido de sabedoria e apreciação pela vida.

Mas o ponto é: não tem necessariamente de ser de natureza física. Podes ainda ter intimidade com outra pessoa — uma relação amorosa.

E, à medida que desenvolves uma, e a ativas — mas mais do que ativar, trabalhas a intimidade, utilizas a intimidade — ela atrairá as outras três.

Talvez não todas de uma vez — mas duas, depois a terceira, depois a quarta.

E quando tens as quatro, elas sustentam-se mutuamente.

Não competem entre si. Sustentam-se mutuamente, tornando-se um movimento perpétuo próprio, que não necessita de energia exterior, mas pode sustentar-se a si mesmo, com pouco ou nenhum esforço.

Isso é tudo.

Em sexto lugar: quando procuras um novo projeto, uma nova direção, uma nova motivação — quando sabes que estás numa dessas encruzilhadas de mudança — já ouviste o cliché: "segue o teu coração", "segue o caminho da bem-aventurança".

"O que devo fazer da vida?" Vive a tua bem-aventurança e serás abundantemente cuidado.

Há grande verdade nessas afirmações, mesmo sendo clichés. Mas muitas vezes as pessoas não sabem como fazer isso.

Como segues o teu coração? Andas com um fio preso ao peito? O que fazes?

Há uma certa técnica de postura — caminhar a partir daqui. Isso é verdade. Mas não responde à pergunta: como segues a tua bem-aventurança?

Segues aquilo que a tua criança acha que é bem-aventurança? Brincas na caixa de areia o resto da vida?

Segues aquilo que o teu adolescente acha que é bem-aventurança? "Festa!"

Pronto — deves tornar-te diretor social num cruzeiro. Aí está a obra da tua vida.

Já tentaste isso? Nem sempre funciona.

Adolescente — festa!

Como segues a tua bem-aventurança? Como segues o teu coração? Trabalha com a jornada do coração. Trabalha com as chaves do permitir. Fundação. Contribuição. Caminho do destino. Inspiração. Trabalha com os segredos do permitir. Empoderamento. Guardião. Guardião do amor e da luz. Complexidade.

Nesta direção potencial, onde está o amor, a intimidade, a magia, a escolha, o mistério? Onde está a majestade e onde está a expressão da magnificência do ser? Nessa direção, neste potencial, neste novo projeto, nesta oportunidade de emprego para a qual vou fazer uma entrevista — onde, nesse emprego, o que está o meu coração a tentar dizer-me, mesmo só no evento da entrevista? Mas onde, nesse emprego, posso encontrar o amor e a intimidade, a magia, a escolha, o mistério? Se não conseguir, então talvez esse não seja o emprego para mim. Mas se conseguir, então, absolutamente, segue-o.

Segue o teu coração. Neste novo projeto que quero fazer — totalmente pessoal, para meu próprio prazer — o jardim que quero criar: onde está o amor, a intimidade, etc.? À medida que procuras os componentes e como podem ser satisfeitos, como podem estar presentes, e onde não estão, isso não é o teu caminho de bem-aventurança. Isso não é aquilo que o teu coração te está a chamar a fazer.

Segue o teu coração. Houve uma pessoa com quem falámos, que trabalhava num emprego muito tecnológico, e recebeu uma oferta — uma oferta maravilhosa de oportunidade e dinheiro e estatuto e prestígio e isto e aquilo e o outro. Lindo, muito tentador.

Mas havia problemas, como a localização. Não queria viver lá. Não que não fosse adequado para outras pessoas, mas para ela não era.

E por isso recusou. Talvez sem o perceber, mas: onde está a oportunidade para o amor e a intimidade? Onde está a oportunidade para a magia e a escolha e o mistério? O mistério teria sido: "não sei como teria sobrevivido aos invernos", mas qual teria sido o verdadeiro mistério e a oportunidade para o mistério e o misticismo e os milagres? Onde estava ali a majestade? E como poderia a minha magnificência do ser expressar-se ali? Não encontrava o suficiente. Então segui o meu coração e disse não.

E agora a realidade está a encher-se com o coração. Todo o tipo de aberturas. E, vês, podes seguir o teu coração não por fé cega, não por exigires secretamente perfeição, controlo ou castigo sob o disfarce de "confiar no meu coração", mas podes ser muito específico, muito pragmático, ao olhares para as novas direções, para as novas atividades, para as mudanças que queres fazer.

Além disso, também podes aplicar e utilizar a jornada do coração da mesma forma. Olha, o facto é este: eu não tenho uma nova oportunidade de emprego. Não tenho isto e aquilo e o outro. Não tenho. Estou onde estou.

Também podes, da mesma forma, quer isso seja uma estagnação, quer seja um fracasso, quer seja um sucesso — como já dissemos — mas podes também infundir, no emprego que estou a fazer agora, nos projetos em que estou agora envolvido: como posso trazer o amor, a intimidade, a magia, a escolha, o mistério, a majestade e a magnificência do ser?

E assim, trabalhando com esses projetos — não só com a intimidade, mas nesses projetos e novas direções — um modo de, absolutamente, seguir a tua bem-aventurança, seguir o teu coração.

E, por fim, envolve e engaja o teu eu superior. E envolve e engaja os teus íntimos — no plural — naquilo que estás a fazer, naquilo que estás a criar.

Muitas vezes, como falámos ontem, eu só peço ajuda quando estou em desespero. É divertido ajudar pessoas. Tu sabes disso. Deixa os outros divertirem-se.

"Estou a tentar criar isto. Ajudas-me? Envias-me energia? Programas-me?" Mas não apenas "sim, sim, sim, envio energia". Mas trabalhar mesmo comigo nisto. Quero partilhar isto contigo e pedir a tua ajuda, à tua maneira, para me ajudares — para falares com o teu eu superior.

"Oh, eu assumo que eles já o fariam." Não assumas.

"Então estou errado?" Não — eles fariam de qualquer forma. A tua suposição seria correta. A tua conclusão estaria certa. Mas, na intimidade, queres largar a suposição. Queres largar a conclusão.

Agora, uma vez que pedes ajuda e eles dizem que sim, e "eu vou sempre ajudar-te em coisas como esta", então não tens de estar sempre a pedir. Mas é divertido ajudar e, por isso, pedir-lhes cria essa energia, essa dinâmica.

E do mesmo modo com os teus íntimos — aquela pessoa — deixa-os ajudar-te. Ou talvez não sejam tão íntimos assim, mas os teus amigos mais próximos, a tua verdadeira família de amigos. Deixá-los saber o que estás a tentar criar.

"Ah, mas e se eu falhar? Então eles vão saber."
Se são íntimos de verdade, isso não os vai fazer mudar de opinião sobre ti.

Se isso mudar a opinião deles sobre ti, então não são assim tão íntimos, pois não? "Bem, estavas a tentar criar isso e falhaste, por isso já não sei o que penso de ti." Essa não é a mensagem de um íntimo. E se essa é a mensagem que tens medo — medo genuíno — de receber dessa pessoa, então não a envolvas.

Mas também não finjas que ela é um íntimo teu. Tens alguma intimidade, talvez, mas não é um íntimo teu. Percebes o sentido.

Aqueles que são genuinamente os teus íntimos: "Olha, eu estava a programar isto e falhou. E eu não consegui." Eles não vão pensar menos de ti. Portanto, envolve os teus íntimos.

Agora, o problema aí, vês, é o ego. Porque quando acontece, então vou ter de partilhar o sucesso.

"Sim. Fui eu ou foi a programação deles? Foi o meu eu superior ou fui eu? Foi esta pessoa com quem partilho a vida? Foram eles que criaram ou fui eu?" O ego preocupa-se com isso. "Euísmo".

"Nós fizemo-lo juntos."
Sim. Vê o que criámos. Obrigado pelo que fizeste. Obrigado.

Agora, se não funcionar: "Olha, pedi-te ajuda. Tu é que tens de melhorar a tua capacidade de programação. Ainda não tive esse sucesso. Porque é que tenho de levar eu toda a responsabilidade?"

É uma oportunidade, porque quanto mais responsabilidade assumes, mais poder tens. Vês, se trabalhamos juntos e acontece, partilhamos o sucesso. Se trabalhamos juntos e não acontece, tecnicamente poderíamos partilhar o fracasso. Mas se eu assumir toda a responsabilidade pelo fracasso, eu posso mudar.

Aí está o poder.

Agora, não te vou tirar isso. Se tu também quiseres ser responsável, se também sentires isso, então sim — assume também tudo. Porque isso pode dar-te poder. E eu assumo tudo.

"Como é que todos podem assumir tudo?"
A responsabilidade não tem limite. Como é que todos podem assumir tudo? Escolhe fazê-lo.

Claro que vai ser diferente, porque era o meu projeto. Num certo sentido, sou eu quem tem o microfone. Tu estavas por perto. É um grau diferente. Mas vês o que estamos a dizer?

Responsabilidade não é culpa. Não é algo… "pronto, é uma oportunidade."

Se tiveres sucesso, sim, partilhemos todos — em graus diferentes — o sucesso.

Tu, meu caro amigo íntimo que apenas pensaste nisso de passagem na terça-feira, não vais conseguir convencer-te de que foi tudo obra tua. "Eu fui o único que criou este sucesso." Não.

Tu, amigo íntimo que pensou nisso de passagem na terça-feira, levas um pedaço desse sucesso. "Uau. Se tão pouco fez tanto, imagina se eu fizesse mais." Um pequeno pedaço.

Outra pessoa — um amigo íntimo meu que trabalhou desta maneira e daquela, e processámos juntos, e falámos isto, e fizemos aquilo — vai automaticamente partilhar um pedaço maior desse sucesso. Não precisas de medir.

Aquele que pensou de passagem só levará um pouco de passagem. E aquele que colocou muita energia — sim, oh sim — "uau, isto é tão bom, sim."

E tu, para quem é o sucesso — ha, ha — acima de tudo. Vês? Acontece organicamente. Não precisas de dizer: "Então, quanta energia é que puseste?" "Um pensamento de passagem?" Eles próprios ajustam isso.

E se alguém começa a dizer: "Ei, eu pensei nisso de passagem e sou totalmente responsável. Eu criei o teu sucesso." Tu sabes que não é assim, e se forem genuínos, eles também sabem.

Então, com isto, cada um toma o seu pedaço de sucesso automaticamente, organicamente, e todos partilham.

E quando não acontece, a oportunidade de assumir responsabilidade está disponível para todos — mas tu assumes tudo.

"Eu não deixei entrar. Toda a vossa programação funcionou. Eu não a deixei entrar. Ai de mim."
Não dissemos para ter pena de ti. Assume. Sim.

E se eu puder deixar entrar — pim, pim, pim. Deixa-me trabalhar com isto. Deixa-me mudar aquilo. Deixa-me fazer, fazer, fazer. Deixa-me amar-me aqui. Trabalhar com o meu coração aqui.

O que estou a aprender sobre amor com isto? Fazer, fazer, fazer. Bingo. Está bem.

Agora vou tentar outra vez. Vou tentar outra coisa. E quero envolver-vos para ajudarem de novo.

"Claro. Vamos a isso." — dizem eles.

E é assim que as peças se encaixam. Não na mesmice, mas na singularidade.

E é divertido ajudar. Tu sabes isso.

E, portanto, ao pedires aos teus íntimos, estás a dar-lhes uma oportunidade de se divertirem a ajudar-te. Estás a dar-lhes uma oportunidade de se darem a ti.

E, do mesmo modo, quando eles te envolvem, dão-te a ti uma oportunidade.